

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23175

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

QUARTA-FEIRA 7 FEVEREIRO 90 60\$00

Juízes encerram tribunal em Albufeira

O Tribunal de Albufeira está encerrado ao público em virtude de os quatro magistrados ali em funções terem considerado que o edifício não tem condições de segurança. Em 1986, foi feita uma inspecção às instalações e detectadas várias deficiências. Alertado o Ministério da Justiça, os juízes aguardaram. Agora, como tudo continuava na mesma (ou pouco pior, porque em se degradou) os juízes encerraram o tribunal, lembrados do que sucedeu no Barreiro, onde o tribunal só fechou depois de ruir o tecto. "Não queremos pôr em perigo a vida de ninguém", justificaram os magistrados. Recorde-se que para Albufeira estava prevista a construção de um Palácio da Justiça, mas a empresa encarregada da obra faliu.

Pág. 27

Ao contrário da URSS

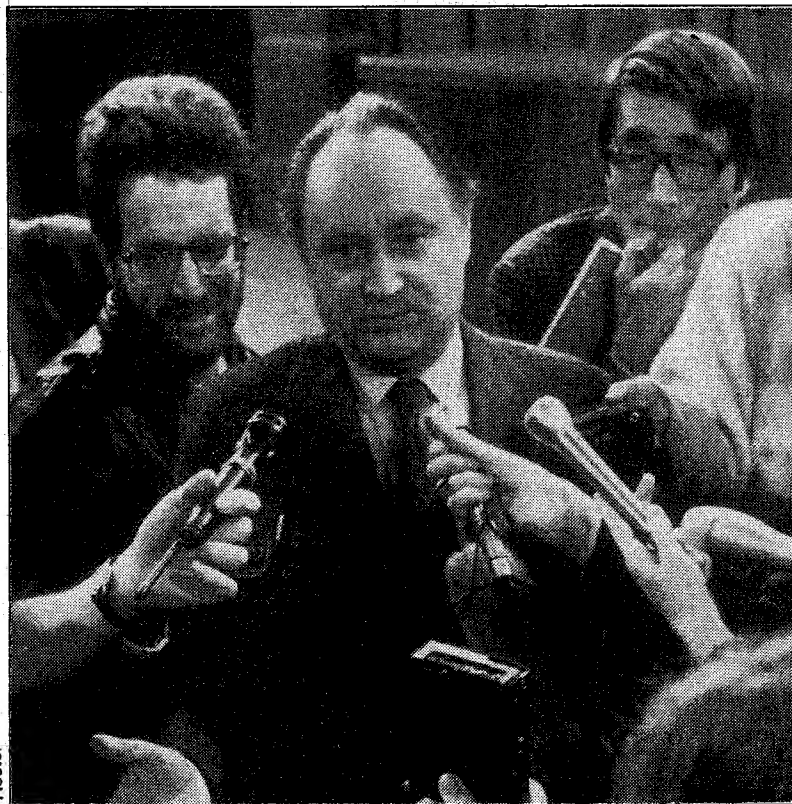
PC Chinês de pedra e cal

Líderes de Pequim reafirmam o monopólio do Poder pelo PC, mas começaram a integrar não-comunistas no Governo

Em Moscovo, o saldo de críticas e apoios, no plenário do PCUS, é favorável a Gorbachev

O Comité Central do PC chinês reafirmou hoje que manterá a sua autoridade absoluta e advertiu que não tolerará qualquer tipo de oposição. No entanto, e segundo a Reuter, Pequim começou a admitir não-comunistas em postos governamentais. O "timing" desta posição revela a preocupação da liderança chinesa com as mudanças no Leste, e em especial na URSS. Efectivamente, o plenário do PCUS, que termina esta tarde, escutou a proposta do líder soviético, no sentido de retirar ao partido o papel de dirigente do Estado, o que abre as portas à instauração de um regime pluralista. Entre as acesas críticas e os apoios manifestados durante o debate da proposta, o saldo é esmagadoramente favorável a Gorbachev, segundo o porta-voz Guennady Guerassimov.

Págs. 2, 3, 4 e 23



O porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros soviético, Guennady Guerassimov, ao ser bombardeado com perguntas, pelos jornalistas, sobre o plenário do PCUS



Rei Eusébio Em Colónia, Eusébio voltou a ser rei, ainda que os coroados tivessem sido os actuais goleadores. Mas, na entrega da Bota de Ouro, Eusébio (na foto com Anabela Piedade) recebeu inúmeras demonstrações do prestígio internacional que mantém.

Pág.31

Radicalismo do ANC preocupa os «Cinco»

Os PALOP, cuja independência foi sentida pela África do Sul como um factor de insegurança, são hoje os países africanos mais interessados numa mudança pacífica na África do Sul. Preocupados com o radicalismo do ANC às medidas liberalizantes de De Klerk, os «cinco» temem que os líderes nacionalistas negros estejam a fazer o jogo da extrema direita racista e a isolar o Presidente sul-africano. Consideram ainda que Angola é um país bem posicionado para desempenhar um papel mediador entre o ANC e Pretória. Entretanto Mandela terá abandonado parte das exigências para a sua libertação.

Pág. 22

Encarada a hipótese de uma reunião dos países africanos lusófonos, para apreciar o chamado «efeito De Klerk»

Observadores reconhecem Angola como o país mais bem colocado para exercer sobre o ANC uma acção moderadora

Mandela já afrouxou exigências para a sua libertação



De Algés à Buraca é só buracos
Págs. 28 e 29

Exames de condução obrigam a esperar dez meses
Pág. 27

Os 80 anos de Martins Correia
Págs. 20 e 21

A crónica de Joaquim Letria
Pág. 5

Secretário de Estado para a Integração Europeia ao DL

Precisamos de diplomacia mais firme

Págs. 14 e 15

A renúncia do papel dirigente do PC soviético é a única saída encontrada por Gorbachev para evitar o caos

Sistema de partido único voa em estilhaços na URSS

GRANDE ANGULAR

O essencial já estava feito. Toda a URSS pôde ver, em Dezembro último, Andrei Sakharov, juntamente com outros deputados, a pedir a revogação do artigo seis da Constituição, que concedia ao Partido o papel dirigente da sociedade soviética.

Inimaginável um mês antes. O debate sobre o multipartidarismo tornou-se, desde então, legítimo e, nessa altura, Gorbachev acabava de obter a autorização do Comité Central para preparar uma nova plataforma, agora apresentada, sobre o Partido Comunista da União Soviética (PCUS).

Quando, na tarde de segunda-feira, durante a primeira sessão de trabalhos deste plenário histórico, o

apresentador do telejornal anunciou que o PCUS iria renunciar ao seu monopólio político, o efeito-surpresa já tinha passado.

Depois de ter destruído o medo e reduzido a nada os dogmas do socialismo, Gorbachev faz agora voar em estilhaços todo o sistema de partido único.

O último dos três pilares do totalitarismo desmoronase. Mas não se trata ainda de uma revolução.

É antes uma evolução, conduzida, reflectida e provocada por um homem cuja ambição não é a de salvar o comunismo mas, muito pelo contrário, de salvar o país do caos sangrento.

Não lhe resta por isso outra alternativa que não

seja a ruptura com o comunismo.

Gorbachev cauteloso

Daí que Gorbachev não tenha arriscado correr demasiado rápido ou dar um passo em frente sem ter a certeza de ser compreendido pela população. Era sobretudo preciso prevenir uma mudança brusca susceptível de unir ou, simplesmente, destruir uma instituição, sem que se tivesse uma outra capaz de preencher o vazio deixado no poder.

Ouviu-se o apresentador do telejornal citar as frases chave do secretário-geral do Partido. Ouviu-se dizer que o Partido iria renunciar a qualquer privilégio legal ou político, o que conduziria à

criação de vários partidos, e que o Partido Comunista estaria pronto a dialogar e cooperar com todas as forças que respeitem a Constituição. Ouviu-se também dizer que a União Soviética passaria da democratização à democracia. No fundo de nós mesmos, dizíamos: «bem jogado!». Era o momento certo.

Em várias cidades, os responsáveis do Partido tiveram que abandonar os seus lugares durante as últimas semanas devido ao descontentamento popular. Repúblicas inteiras estão hoje sob o controlo de outras forças que não as de partido único. As grandes correntes políticas europeias, tais como as social-democratas e cristãs-democratas, organizam-se.

A viragem na Europa de Leste, precipitada pela «perestroika», acabou também por influenciar as reformas na URSS. Estava-se num momento em que o Comité Central não podia mais negar o que era já uma realidade. Quando Gorbachev tomou a palavra, segunda-feira de manhã, começou por evocar a «ansiedade dos comunistas e de toda a sociedade» que fazia chegar o seu ponto de vista ao Comité Central através de telegramas, «meetings», manifestações.

«Tenho a rua a meu favor»

Na véspera, Gorbachev falou bastante a organização, a 500 metros do Kremlin, de uma enorme manifes-

tação a favor do multipartidarismo e da democracia. «Tenho a rua a meu favor», afirmou ao Comité Central, antes de explicar que o Bureau Político se propôs convocar o Congresso do Partido para finais de Junho ou início de Julho. Nesse período serão nomeadas novas chefias a todos os níveis e o Congresso poderá desta forma decorrer numa situação «totalmente diferente».

Fazendo de conta que todas estas medidas iriam entusiasmar a maioria conservadora do Comité Central, Gorbachev anunciou, em suma, que os seus dias estão contados e que lhes resta apenas escolher entre a sublevação ou a reforma. A televisão não mostrou uma única

A URSS e a pós-planificação

As amarguras da via para o deus mercado

Com o entusiasmo pelos acontecimentos do Leste europeu esquece-se muitas vezes as dificuldades económicas em jogo. É fácil falar de passagem da planificação centralizada à economia de mercado: na realidade, porém, é muito difícil pô-la em prática.

Consideremos o problema da habitação. Na União Soviética apenas um por cento da renda familiar é destinado aos alugueres. Se por um lado as habitações não são completamente gratuitas, esses alugueres não cobrem sequer as despesas de aquecimento dos apartamentos. Nas sociedades capitalistas, pelo contrário, 30 a 40 por cento da renda familiar é destinado às despesas de habitação.

Se o mercado de habitação no Leste europeu deve funcionar, é necessário que o valor dos alugueres sejam enormemente aumentados para fornecer incentivos à criação de novas habitações. Com os valores actuais das rendas ninguém estará disposto a construir.

Assim, com o aumento dos alugueres acabar-se-á por se chegar a um maior número de habitações. Mas é de sublinhar «acabar-se-á», pois que a disponibilidade de habitações sofre modificações lentas. A maior parte dos russos terá casas melhores só daqui a dez ou vinte anos, mas o aumento das rendas deve ser imediato se a intenção for a de construir casas

melhores num futuro longínquo. O resultado é que a família soviética deve estar disposta a suportar, durante um período de tempo bastante longo, que lhe seja descontada uma parcela maior sobre os rendimentos para o pagamento da habitação actual.

Assim, a parcela de rendimento a destinar a outras coisas será inferior. A maior parte dos cidadãos da Europa de Leste opor-se-á ao aumento dos preços das habitações, tal como se opõe à abolição do controlo dos alugueres quem, nos Estados Unidos, usufrui de habitações com renda controlada.

Transição Iníqua

Tomemos agora, por exemplo, duas indústrias - uma regulamentada e outra não - que usem ambas alumínio. Na indústria regulamentada o preço do alumínio é mantido muito abaixo daquele praticado pela indústria não regulamentada. Esta diferença cria um enorme incentivo para que o alumínio passe de indústria regulamentada para a não regulamentada. Nós chamamos a isso capitalismo, a passagem de materiais com utilizações em baixa rentabilidade para utilizações em alta rentabilidade. Eles chamam a isso corrupção: a transição tem de ser quase iníqua.

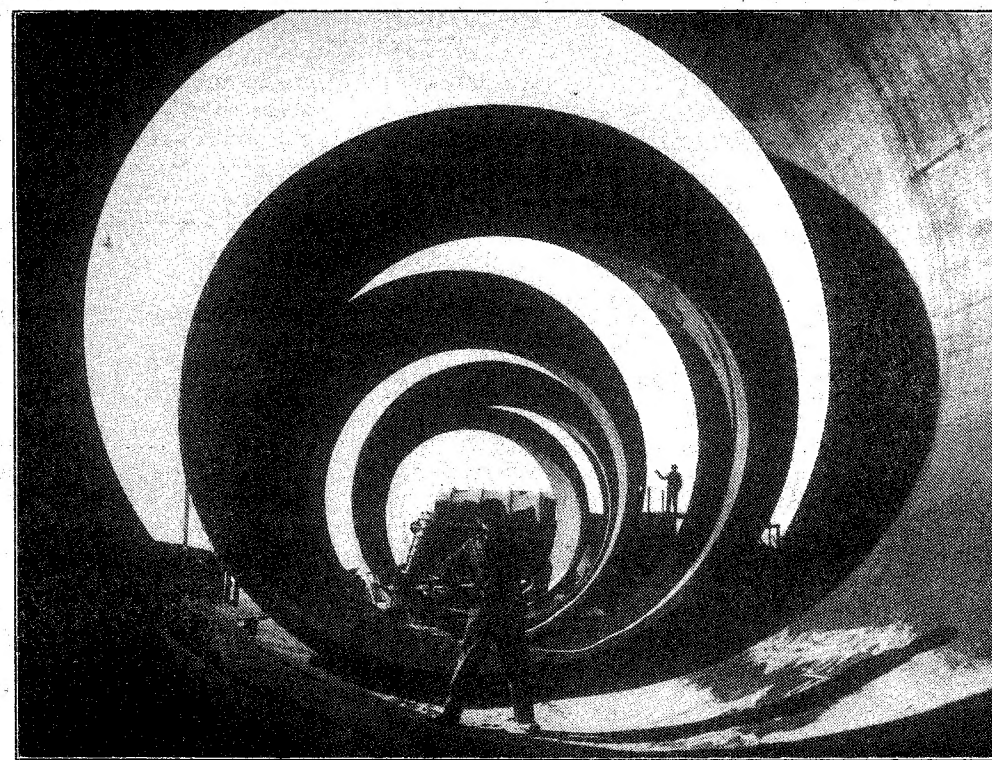
Nas indústrias regulamentadas, por exemplo aquelas da produção de energia

eléctrica, os salários serão mantidos abaixo dos dos sectores não regulamentados. Isto leva a ter que obrigar os trabalhadores especializados a trabalharem no sector regulamentado (que produzem bens de consumo corrente), mas os trabalhadores designados para esse sector objectarão que o facto de serem tratados iniquamente, em relação àqueles que trabalham no sector não regulamentado, com salários muito mais altos. Em Junho, os estudantes chineses pediam o fim de tal controlo da força de trabalho, mas esse controlo não pode cessar enquanto houver sectores regulamentados que produzem bens de consumo corrente.

Nas economias planificadas a maior parte dos cidadãos tem o dinheiro suficiente para comprar, porém as lojas estão vazias. Nas economias capitalistas as lojas estão sempre cheias mas um grande número de cidadãos não tem dinheiro suficiente para comprar as mercadorias expostas. Para aqueles que durante toda a vida foram doutrinaados a pensar que isso é uma injustiça será necessário algum tempo até se habituarem a esta lei capitalista.

Inveja e Infelicidade

Os alemães de Leste dizem não querer as desigualdades da Alemanha Federal, mas a desigualdade é uma componente necessária ao alto padrão de vida da Alemanha



Aspecto da construção de uma barragem de estrutura simplificada no extremo-orientado da URSS.

capitalista.

Naquelas que foram, aparentemente, as sociedades igualitárias, o imprevisto aparecimento das manifestações de riqueza cria inveja e infelicidade: os novos ricos não eram populares na China de Junho.

Uma das exigências dos mineiros da Sibéria é o encerramento das lojas privadas. Eles verificam que as lojas do Estado não têm pastas de dentes enquanto as privadas têm. Estão por isso convencidos que estas últimas tiraram as pastas de dentes às lojas estatais. Uma convicção que pode até estar certa.

Estão convencidos que se fossem abolidas as lojas privadas, as suas lojas estatais teriam o que hoje se encontra nas privadas. Mas se isso vier a acontecer não haverá mercado.

Nos tempos que correm, acusa-se Gorbachev de expor o cidadão médio da União Soviética ao agravamento das condições de vida. É que os recursos são desviados das indústrias regulamentadas que produzem bens de consumo corrente (onde os preços são mantidos baixos) para indústrias regulamentadas que produzem bens de luxo onde os preços sempre foram altos (e não são mantidos baixos).

Quanto mais lenta for a transição da planificação centralizada para a economia de mercado, mais difícil será actualizá-la. Com uma transição lenta também se dilata o período durante o qual muitos cidadãos terão de sofrer a diminuição do poder de compra. Estes cidadãos organizarão-se e votarão para impedir que os seus rendi-

mentos diminuam, mas se eles conseguem, o sistema de preços não pode ser reformulado e o mercado não pode funcionar.

A liberalização imprevista dos preços é uma revolução de cima para baixo, destinada a criar determinado grau de confusão e caos enquanto os mercados não se organizam. Num país como a União Soviética onde nunca ninguém trabalhou numa economia de mercado, nem nunca a geriu, há muito que aprender antes que o mercado possa funcionar com sucesso. Mas aprender requer tempo.

Uma política para fazer frente a esta realidade económica ainda está por elaborar.

Lester C. Thurow -
exclusivo «DL»/
«Corriere della Sera»
trad. Alessandra Balsamo



imagem, mesmo fixa, deste plenário, mas pode-se ter uma ideia do abalo suscitado na Assembleia, asfixiada pela preocupação dos conservadores convidados por Gorbachev.

Um dos presentes, um mineiro da Ucrânia, Fessenco, que foi recebido dois dias antes no Kremlin, tomou a palavra: «O aparelho vê em todos os fenómenos democráticos uma ameaça pessoal. E porque é que o aparelho está a perder a sua autoridade? Quem o desacredita? O aparelho» - responde ele. E acrescentou: «Sou um simples comunista e não tenho qualquer papel dirigente. É o aparelho que o detém.

«Através dele é toda a classe operária que se exprime. Essa

mesma classe que os conservadores invocam para contrariar as reformas que, não somente põem em causa o aparelho, como tomam posição contra o assimo seis da constituição, artigos como enganam Gorbachev, com informações filtradas por burocratas».

Novos estatutos para o PCUS

Para além da plataforma, isto é, do programa que será submetido ao Congresso, Gorbachev deverá fazer adoptar um projecto de novos estatutos. Tanto um como outro irão acabar com o centralismo democrático «de maneira - diz ele - a acentuar a democracia e o poder das massas».

Caso a discussão incidisse neste ponto, o secretário-geral correria o risco do malogro. E por isso propôs consagrar para as próximas semanas um novo plenário dedicado à delicada questão dos estatutos.

Até lá, a plataforma será aprovada por este mesmo plenário, sendo o projecto de estatutos considerado como um dado adquirido pelo partido e pelo país.

«Deveríamos compreender a época em que vivemos», prossegue, impertubável, Gorbachev, antes de se referir ao «ideal de socialismo humano e democrático», à necessidade de «desenvolver as ideias do socialismo por forma a ter em conta a totalidade da experiência do nosso

século» e enumerar o que «deveríamos abandonar».

Isto é, o «dogmatismo ideológico», os «estereótipos ultrapassados sobre o processo revolucionário internacional» e o «isolacionismo dos países socialistas em relação ao resto da civilização mundial».

No seu discurso, Gorbachev referiu-se ainda à necessidade de «redefinir o federalismo soviético, de modo a permitir a possibilidade legal de existência de diversas formas de alianças federativas».

Deste modo certas repúblicas poderão, no futuro, sair da URSS livremente, ao mesmo tempo que Gorbachev tem, assim, justificado o envio de tropas a Baku onde se preparava, segundo ele, nem mais nem menos que uma «ditadura através de um golpe de Estado».

O plenário do Comité Central foi de resto dominado por um aceso debate entre os conservadores que consideram que se está a ir longe de mais e os reformistas que gostariam de ver apostadas as mudanças na sociedade soviética. Mas estas críticas têm em comum o facto de, todas elas, partirem, precisamente, dos sectores mais atingidos pelos efeitos passados ou futuros do processo de democratização.

Michel Tatu
Exclusivo «DL»/Le Monde
Trad. Adapt.: Carlos
Camponez e Marina Tadeu

COMENTÁRIO

A ruptura, verdadeiramente

A renúncia ao monopólio político do Partido Comunista da União Soviética, decidida pelo Comité Central sob proposta de Gorbachev, constitui o passo acaso mais revolucionário do processo conhecido como *perestroika*, que está a mudar a face da Europa.

A decisão é de transcendência histórica porque significa uma heresia - a rejeição de um princípio basilar do leninismo, o do partido-vanguarda, emanação da classe operária, seu representante por investida da luta de classes, único intérprete ajuramentado das suas aspirações, único instrumento da sua concretização delas. A tese, demiúrgica, resistiu à crítica de marxistas como Rosa Luxemburgo e enquistou-se como dogma; mas não suportou a prova da praxis. Esgotada ou, pior ainda, obstáculo ao progresso, foi sucessivamente abandonada nos países do «socialismo real»; por um fenómeno de interacção, a *perestroika* soviética, que havia desancado o marxismo, tornou-se como não há memória, e a ritmo estonteante, avança sob o efeito de ondas concêntricas. Gorbachev retoma a liderança da mutação que, por ser agora na URSS, assume também um significado especialmente magistral: apesar de há quatro décadas dividido com outras ortodoxias no movimento operário, o seu papel de referência não sofreu desgaste que a impeça de propor com autoridade uma heresia aos partidos comunistas de todo o mundo.

A heresia consiste em reconhecer a admissão de alternativa como traço distintivo do sistema democrático. Ao recusar o Poder por via de uma sagração no altar do processo histórico, o Partido Comunista da União Soviética sujeita-se, no terreno da opinião pública, ao confronto das suas propostas com as dos seus adversários. E a perder. A soberania do povo torna-se o único critério de aferição da bondade das teorias. E a confusão de partido com Estado deixa de ter suporte.

«Deveríamos compreender a época em que vivemos (...) Deveríamos abandonar o dogmatismo ideológico, os estereótipos ultrapassados sobre o processo revolucionário internacional, o isolacionismo dos países socialistas em relação ao resto da civilização mundial». Ao dizer isto, Gorbachev propunha a abertura da única via para a sobrevivência do PCUS: aceitar o risco de ter que partilhar o Poder - mesmo, no limite, de ser oposição, mais ou menos minguada. Os acontecimentos nos restantes países de Leste impunham esta manobra de antecipação, para salvar o partido e para salvar o País. Na União Soviética, Gorbachev acumula a direcção do partido e do Estado com a posição de «crítico». Isto confere aos seus avanços um valor singularmente exemplar. Estão reunidos todos os dados

para se abrir a reflexão sobre o que, setenta anos passados, resta do leninismo como interpretação intemporal do marxismo. A *perestroika* já não é um processo evolutivo; é, verdadeiramente, uma ruptura.



João Paulo de Oliveira

Uma economia à beira do colapso

A economia soviética, abalada por sucessivas crises, não atingiu as metas propostas pelo Governo no ano passado. As reformas económicas não suscitaram ainda o dinamismo capaz de alterar significativamente o panorama geral e, em particular, a vida quotidiana do cidadão, que tem hoje mais dinheiro no bolso do que produtos para comprar.

Os resultados estatísticos de 1989, publicados há dias, demonstram que a situação se mantém crítica, o que confirma as palavras de Gorbachev de que 1990 será um ano difícil para a população. Difícil e decisivo.

O produto nacional bruto teve um crescimento de apenas três por cento, contra a meta de 4,5 anunciada pelo Governo. Um relatório da Tass atribuiu esse dado aos fracos resultados da indústria no segundo semestre do ano. Durante todo o ano, a produção industrial cresceu apenas 1,7 por cento e a produção agrícola um por cento. É o aumento mais baixo registado pelas estatísticas oficiais nos anos de desenvolvimento planificado da indústria soviética.

Dados oficiais duvidosos

O economista Alexandre Zaichenko declarou que, segundo os dados oficiais, a produção industrial em

Dezembro tinha sido mais baixa que a de Dezembro de 1988 e que, de facto, todo o incremento da produção tinha sido obtido no último mês do ano com esforços febris, produção maciça de artigos defeituosos e a adulteração de dados estatísticos.

Segundo Zaichenko, de acordo com o «Diário de Moscovo», este simples facto dá fundamento para se porem em dúvida os dados oficiais sobre o aumento do produto final em preços reais. «Se tomarmos em consideração o aumento infundado de preços impostos pelos fabricantes monopolistas em 1989, o produto nacional bruto, o rendimento nacional e a produção industrial e agrícola diminuiriam».

O rendimento nacional aumentou em 2,4 por cento face ao ano anterior, o que, à primeira vez, não é pouco para um país que vive uma fase crítica. Na realidade, a maior parte desse acréscimo corresponde ao aumento da venda de bebidas alcoólicas (que estava drasticamente limitada desde 1985, quando se iniciou a campanha antialcoolismo) e ao maior volume de importações de artigos de consumo generalizado.

Inflação é um flagelo

A inflação, por seu turno, é outro dos flagelos que castiga actualmente a União

Soviética. Calculada oficialmente em cerca de 7,5 por cento (dois pontos percentuais acima da taxa registada em 88), diferentes economistas situam-na nos 10-11 por cento e o próprio Abel Aganbeguian, o antigo conselheiro económico de Gorbachev afirmou recentemente que se corria o risco de ela poder resvalar a breve prazo para uma cifra em torno dos 19 por cento.

A tensão do mercado de consumo é também sintoma alarmante, devido fundamentalmente à disparidade entre os níveis salariais, que foram praticamente liberalizados, e a baixa produção de bens, cuja procura se mantém insatisfeita. Ao justificar o nível oficial da inflação, o vice-primeiro-ministro para a reforma económica, Leonid Abalkine, disse que essa procura aumentou 5,5 por cento só durante o ano passado.

Dado positivo é o registado pelo sector cooperativo, que conhece um crescimento significativo e vai ocupando um espaço de realce, apesar de todas as limitações a que tem estado sujeito. O número de cooperativas triplicou em relação a 1988, e o número de pessoas nela ocupadas quintuplicou, ao mesmo tempo que as vendas aumentaram mais de nove vezes. Traduzido em números, isto

dá algo como 4,5 milhões de pessoas a trabalhar segundo um espírito empreendedor e de iniciativa, produzindo artigos no valor de 40 mil milhões de rublos. Cada membro de uma cooperativa ganha em média o dobro em comparação com um trabalhador do sector estatal, mas tem também um rendimento muito superior.

Um barco à deriva

Entretanto, as relações de mercado serão aplicadas cada vez mais largamente no sector estatal. Espera-se que em resultado da desestabilização, sem desenvolvimento também outras formas de propriedade - por acções, individual, mista - que permitam uma passagem mais acelerada do sistema económico administrativo para um sistema mais racional.

Ou, para retomar as palavras alegóricas de Zaichenko, «a economia continua à deriva. Ao partir da costa dos métodos de ordem e mando em busca da tão apetecida costa do «mercado socialista», os remadores que navegam no barco das reformas apercebem-se que tal terra não existe. Agora compreendem que o caminho até à terra do mercado é longo e que não se pode lá chegar à deriva; mas há que remar com todas as forças».

Exclusivo Novosti/«DL»

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**

Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Montelero e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director: **Mário Mesquita**
Directora-adjunta: **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção: **Acácio Barradas**
Chefes de redacção-adjuntos: **José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho**

Redactor-principal: **João Paulo de Oliveira**
Coordenadores de Secção: **Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Gulomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão**

Redactor-paginador: **António Ribeiro Ferreira**

Redacção e reportagem fotográfica: **Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Campones, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampalo, Fernando Bröderode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco**

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas: **Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores: **José António Carvalho, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Óscar Figueiredo**

Secretária de Direcção: **Maria Eduarda Soutello**
Secretária de Redacção: **José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Telena Matos**

Chefe de Publicidade: **Luísa Valadas**

Gestor de Informática: **Luís Canteiro**

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegrafas DIBOA - Telefax 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.



PORTE PAGO

URSS: os aplausos e as apreensões da Europa Ocidental

Do nosso correspondente em Paris

Apesar de as grandes linhas das propostas feitas por Gorbachev ao Comité Central já serem conhecidas desde o final da semana passada, a notícia do próximo abandono do monopólio do poder pelo PC da União Soviética saltou para a primeira página de todos os jornais europeus.

Mas se todos os observadores concordam em declarar que se trata dos primeiros passos de uma vasta reforma política na União Soviética, e nesse sentido aplaudem unanimemente a iniciativa do líder do Kremlin, as análises divergem noutros pontos fundamentais. Assim, para o editorialista do "Times", o objectivo de Gorbachev con-

tinua a ser o de proteger o partido, mesmo que profundamente modificado, e de tentar mantê-lo no poder. Embora não negue a importância histórica do discurso de Gorbachev - comparando-o com uma aceitação da reforma pelo Papa no tempo de Lutero - Peter Jenkins afirma no "Independent" que nada indica que aconteça na URSS o mesmo que sucedeu nos países do Leste europeu: no país dos soviéticos não haveria poder alternativo. Abandonado o partido, os reformadores tentarão controlar a situação através dos órgãos do Governo, e terão de aprender às suas custas "que não existe meio termo entre socialismo e liberdade".

O correspondente de "Le

Monde" em Moscovo propõe uma outra análise: Gorbachev "não tenta salvar o comunismo, mas sim salvar o país do caos sangrento" que ocorrerá "se o país não souber sair do comunismo". Salientando a promessa do pluripartidarismo, Bernard Guetta afirma que com o abandono do centralismo democrático, ruíu o último pilar do centralismo.

A heresia de Gorbachev

Como é óbvio, "L'Humanité", órgão do PC francês, não concorda com essa análise, e embora manifeste, como de hábito, completo acordo com as medidas anunciadas, corrige ligeiramente a frase do discurso de Gorbachev sobre o centralismo democrático, enfatizando a

democracia". Afirma que "o funcionamento do Partido Comunista deve repousar sobre o centralismo democrático, onde deve ser dada ênfase à democracia".

Mas o relato mais entusiasta é o do correspondente do "La Republica", que salienta que o comunismo passa a ser uma religião laica, sem dogmas, ilusões e liturgias, e que as propostas de Gorbachev são a primeira heresia do comunismo soviético, comparando o gesto do líder do Kremlin ao do imperador Pedro o Grande, que cortou a barba para obrigar os nobres russos a ocidentalizarem-se.

Quer os russos conservem as barbas, o facto de Gorbachev ter retomado a iniciativa, acelerando a reforma política na URSS, não deixa

GRANDE ANGULAR

de preocupar os governos ocidentais, mesmo que oficialmente não possam deixar de manifestar apoio às reformas.

É que os acontecimentos sucedem-se a tal velocidade que as democracias Ocidentais dificilmente terão tempo de fazer evoluir instituições como a CEE e a NATO, cuja remodelação seria necessária para permitir a assimilação da RDA no contexto Ocidental, evitando que a URSS acabe por atingir o seu objectivo histórico: a neutralidade da Alemanha reunificada.

Pedro de Souza

Os ressentimentos que sacodem o Azerbaijão

Nariman Narimanov (1870-1925), pai do bolchevismo azerbaijani, referiu, em 27 de Maio de 1924, numa carta endereçada ao Comité Central do Partido Comunista: «Para mim, não há a mínima dúvida de que o Comité Central do Partido Comunista russo, na pessoa de Estaline (...), não tem confiança em nós, turcos, e confia o destino do Azerbaijão aos dachnaks arménios. É surpreendente constatar que nos achem tão estúpidos ao ponto de pensarem que somos incapazes de compreender o que se passa. Os trabalhadores turcos jamais esquecerão o desprezo com que os azerbaijanis foram tratados pelo Comité Central do Partido Comunista russo.»

Sete anos após a revolução os fantasmas e os ódios do passado continuam a ensombrar esta região: aos olhos dos azerbaijanis, os arménios foram vistos inicialmente como um povo capitalista, explorador e estrangeiro, para pouco depois se transformarem em agitadores bolcheviques às ordens de um centro russo-arménio responsável pelos massacres de Março de 1918, em Baku.

A memória arménia marcada como nunca pelo genocídio perpetrado em 1915 pelo Império otomano, não esqueceu os terríveis pogroms de Baku (1905) quando a comunidade arménia sofreu as represálias de uma multidão manipulada. Nesta região, marcada pelas realidades de uma história e de um povoamento complexos, as relações nacionais são muitas vezes conflituais. Desde o início dos anos 20 Moscovo tentou impor a sua legitimidade manifestando a sua vocação pacificadora; depois de ter imposto de uma maneira perversa limites territoriais em nome de um internacionalismo retórico e abstracto. A 7 de Junho de 1923, a «região autónoma» do Alto-Karabakh, um território com uma superfície de quatro mil e 400 quilómetros quadrados (165 mil arménios e 59 mil muçulmanos em 1919), foi criada, apesar das resistências de Baku.

Localizado na encruzilhada de

vários impérios, o Azerbaijão foi arrancado na primeira metade do século XIX a uma Pérsia em declínio, da qual ainda persistem fortes influências. De língua turca, os azerbaijanis são muçulmanos de rito xiita (70 por cento). Na segunda metade do século esta província esquecida foi tocada pela febre do ouro negro. Cedo, o petróleo de que Baku é o símbolo e um dos primeiros produtores mundiais, tornou-se o nervo da economia transcaucasiana. Em poucos anos a cidade transformou-se numa vasta metrópole industrial e comercial.

Russos e arménios dominam esta cidade cosmopolita onde os azerbaijanis formam na maior parte dos casos uma vasta camada do proletariado pobre e marginalizado. A 27 de Maio de 1918 a jovem República do Azerbaijão foi levada à pia baptismal em condições particularmente difíceis.

O Moussavat, um partido de inspiração pan-turca, tenta levar o território à independência para a qual não estava preparado. Durante cerca de dois anos, Baku foi alvo das desconfianças dos seus vizinhos russos e turcos. Estão criadas as condições para uma guerra dura e cruel com a República da Arménia pelo controlo das províncias de Karabakh, de Nakhitchevan e de Zangezur. A 28 de Abril de 1920, o poder soviético é proclamado numa capital que se rendeu sem resistência. Sessenta anos depois, resistir a Moscovo, é também resgatar uma humilhação profundamente gravada na memória colectiva. No fim do Verão passado, do alto da tribuna do Congresso dos Povos do Oriente, Baku retoma os apelos à Guerra Santa contra o «imperialismo ditado pela internacional comunista».

A questão de Karabakh

Tudo recomeçou em Fevereiro de 1988. Uma extraordinária mobilização popular reclama a ligação de Nakhitchevan à Arménia. A 28 de



Manifestantes em Erevan clamam pela integração, na Arménia, do disputado enclave de Nargono Karabakh, no Azerbaijão

dezenas de arménios são assassinados perto de Baku. O mundo inteiro mostra-se indignado, a opinião azerbaijani parece não conseguir entender a verdadeira dimensão do desastre. Desde a Primavera de 88, uma oposição jovem e radical manifesta-se. No Verão do mesmo ano, a Frente Popular do Azerbaijão começa a estruturar-se. Mas é apenas em Agosto de 1989 que adopta um programa assente em nove pontos. Com um espírito marcadamente modernista inscreve-se numa lógica mais próxima das cidades bálticas de Tallinn e Vilnius que de Teerão.

Sensível às emoções nacionais, politicamente heterogénea, a FPA está fortemente marcada pelas suas raízes populares. Numa região onde o desemprego endémico se agravou ainda mais pela erupção de centenas de milhares de refugiados da Arménia,

o FPA é permeável a várias derrapagens.

Hoje Baku está ocupada pelas tropas de Moscovo e a fronteira iraniana encontra-se bloqueada por soldados armados e o problema do Azerbaijão iraniano, que oscilou alguns meses sob o controlo de Estaline, no fim da Segunda Guerra Mundial, permanece intacto.

O povo azerbaijani põe em causa o sistema soviético, facto esse, no entanto, que se tornou banal no país da "Perestroika". Não irá agora igualmente pôr em causa o modelo europeu, apresentado até aqui pela ortodoxia soviética como sinónimo de exploração, sofrimento e humilhação?

Charles Urjewicz, professor do Instituto Francês de Línguas e Civilizações Orientais
Exclusivo «DL»/"Le Monde"

FORUM

VENDER O INVENDÁVEL

Primera iniciativa governamental após a derrota eleitoral: todos os gabinetes do secretário de Estado ou ministro devem ter um assessor de Imprensa.

Para o prof. Cavaco Silva, os portugueses não estiveram à altura de compreender as decisões favoráveis que lhes foram destinadas. Falta de comunicação do Executivo, disse-o em público o primeiro-ministro, ingratidão do eleitorado, pensa-o em privado. Não há pois que mudar políticas, mas empregar jornalistas. De preferência que já trabalhem num grande órgão de Comunicação Social, para aí «meterem» umas notícias.

Os reformados sentiram-se insultados com a carta que lhes concedia um mísero aumento? Chame-se um jornalista. Os médicos e os professores protestam? Nomeie-se um adido de Imprensa. Aqui começa o problema:

1.º - O adido de Imprensa publicita a imagem do chefe, alimenta-lhe a vaidade e nada mais;

2.º - Não se pode «vender» o invendável.

Estou mesmo com muita pena dos pobres adidos que vão suar para nos convencerem das qualidades de Carlos Brito para ministro da Defesa ou de Manuel Pereira (por quem tenho amizade pessoal...) para ministro da Administração Interna. Merecem um reforço de ordenado perante esta missão impossível.

A imagem não se fabrica artificialmente, isso é um instantâneo; consolida-se com decisões, desenha-se com

comportamentos. Estilo e personalidade são a chave do êxito, temperadas com desprendimento do Poder. Tudo regado com um cálice de sentido do risco. Sá Carneiro e Adelino Amaro da Costa dez anos depois da morte, são referência, enquanto centenas de ministros desapareceram sem deixar rasto; Cavaco Silva não necessitou de adidos para obter 52 por cento, mas rodeou-se deles para os sucessivos trambolhões eleitorais.

O erro não está nos megafones, mas nas políticas incorrectas. Mário Soares sempre teve adidos de Imprensa, mas ultrapassou-os com a «ligação directa» ao eleitorado (ouvi esta expressão a Cavaco Silva na primeira campanha...). O PSD e o Governo deviam, antes, reparar o curto-circuito.

Já depois de ter escrito este texto, li que Pacheco Pereira, deputado do PSD, tinha dito uma coisa semelhante no Conselho Nacional. Paciência. Estou de acordo. Prefiro pensar que se trata daquele homem que encontrava de vez em quando a entregar um artigo na recepção do jornal onde eu trabalhava, e não na «imagem» dele como político.

Crude no jardim

A gente não acredita. Alberto João Jardim grita contra a RTP, mas dias depois confirma ter feito contra-informação. Em nome dos interesses económicos da Madeira-sublinha. Não esclareceu sobre a gravidade da maré negra, tentou escondê-la.

O presidente do Governo Regional da Madeira mentiu, insultou e disso se vangloriou. Nada lhe acontece. Uma verdadeira inimizabilidade. Em

qualquer parte da Europa, isto descredita-o para sempre; em Portugal, a indignação fica por círculos restritos, perante a indiferença colectiva.

Alberto João Jardim tem essa imagem de político. Numa região como a Madeira, tem resultado até agora, mas os últimos resultados eleitorais demonstram também como a imagem do político João Jardim começa a degradar-se. Não se pode poluir durante toda a vida a opinião pública.

E desta vez bem pode a RTP agradecer a João Jardim a oportunidade espantosa que lhe deu.

Está meio mundo de «taxa arreganhada» contra a televisão e uma brincadeira contra-informativa de João Jardim permite-lhe uma flor independente. Imagine-se se cada vez que a RTP recebesse uma pressão política económica fizesse uma denúncia pública. Não havia tempo de emissão que chegasse, mas a imagem da informação junto dos telespectadores melhorava. Também aqui nada se torna credível com actos isolados.

Silêncio e carácter

Claro que não se trata de um fenómeno português, só que aqui assume proporções caricatas. Em Espanha, a classe política do PSOE enredou-se em corrupção e escândalos. Instalaram-se no novo-riquismo. Dispõem de «dossiers» uns dos outros. É a lei do silêncio e a chantagem colectiva. Métodos que já se instalaram também em Portugal. Não se denuncia, guarda-se como

arma. Não se exonera na altura, espera-se uma oportunidade. A ameaça no caso de insubmissão ou afastamento.

O Poder sem desprendimento corrompe o carácter. Aliado à ganância pelo dinheiro, alquimiza um indivíduo em marioneta. Medo e oportunismo fazem o resto. Lembro-me daquele rosto do militar romeno que, na televisão, explicava, orgulhoso, que, pilotando o helicóptero do casal Ceausescu, o abandonou numa auto-estrada, à boleia (como ele dizia), o que significou a prisão e o fuzilamento. O militar foi promovido a herói. A gente vê e não gosta, o povo romeno também não, e grita nas ruas contra esse oportunismo.

Nem sempre é assim, e a classe política não pode ser bode expiatório de todos os males; estão no palco e são, apenas, o reflexo e exemplo. Esta semana, o ministro das Finanças francês foi a tribunal porque conduzia com excesso de velocidade.

A televisão aguardava o veredicto: o ministro foi condenado a 8 dias de apreensão de carta. Uma lufada de ar fresco e pedagogia cívica.

Os membros do Governo não estão acima da lei nem intimidam as forças policiais. Em Inglaterra, a publicação de um livro sobre contra-informação das Forças Armadas está a levantar a maior das celeumas e já provocou debates parlamentares. É outra maneira de fazer política. É a seriedade no Poder. E não me digam que a imagem de Portugal, aí, não pode mudar.



Fernanda Mestrinho

A VACA DA B.B.

Não há nada que nos impeça de pensar que depois da visita do dr. Savimbi não se venha a constituir uma comissão de honra para trazer até nós a Brigitte Bardot.

Imagino mesmo que o dr. António Maria Pereira a oferecer um touro à B.B. Por um lado, porque ela não aceita visons, lontras, focas, leões marinhos, raposas, lobos, leopardos, chinchilas e coelhos brancos, que não lhe ficavam mal no guarda-roupa. Por outro, porque disse numa entrevista recente que os seus amigos de hoje são os animais e que, até há pouco tempo, tinha uma vaca na sala.

Estou certo de que o dr. Mota Amaral não deixará de enviar, pela ocasião,

uma baleia-bebé, num aquário iluminado. E aposto que muitos deputados conhecidos empurrarão para de baixo da cama os dentinhos de leite que os veterinários da UNITA têm o hábito de extrair, carinhosamente, aos elefantes, antes de mais para permitir o desenvolvimento natural da espécie, mas também para obsequiar os amáveis visitantes da Jamba. O dr. Mário Soares não deixará de mandar proibir a «Morte do Cisne» pela Companhia Nacional de Bailado, nos jardins de Belém, e o Governo não perderá a oportunidade para exibir os patos-bravos que entender, para demonstrar o seu afecto pelas aves de arriabação.

No Campo Pequeno, o empresário Fernando Cama-

cho organizará uma corrida de forcados de morte e, algures no Funchal, o dr. Alberto João Jardim manifestará a sua autonomia, demonstrando ser o único em seu perfeito juízo, mandando-nos a todos dar sangue para salvar o lince da Serra da Malcata. A BB sabe o que faz e não há tendência que lhe escape. Atente-se no «marketing», se não for crime deontológico. Dizem os

americanos que em França há o dobro de cães e gatos do que crianças, e excluindo, naturalmente, estas últimas, os bichinhos consomem mais carne do que toda aquela que a Espanha é capaz de produzir.

Ainda segundo os americanos, aquele hábito dos cães nos táxis e nos restaurantes

de Paris «rende» meio milhão de mordidas animais, das quais resultam 60 mil hospitalizações, e outras tantas operações plásticas. Na TV francesa, um programa sobre animais tem 17 por cento de audiência, contra um outro sobre crianças, que não ultrapassa os 4 por cento. Clínicas veterinárias de Paris, que cobram 40 contos por consulta, dispõem de ambulâncias equipadas com oxigénio, para qualquer emergência que os animaizinhos possam sofrer e uma senhora para tomar conta de cães, ou de gatos leva um conto e quinhentos à hora, que é o dobro da tabela actual das «baby-sitters» parisienses. Agora parece que o comunismo está a acabar, não me venham ainda os franceses dizer que os estalinistas é que tinham razão ao lhes atribuírem o hábito de comer crianças ao pequeno-almoço...



J. Letria

A EUROPA DO SÉC.

O mundo acompanha com esperança, mas também com reserva e grande expectativa, a profunda evolução da situação nos países de Leste, no sentido da aproximação ou da recuperação de alguns valores fundamentais da Civilização Ocidental.

O Papa e os principais responsáveis políticos pelos destinos das nações, sentindo o abrandamento da tensão Leste-Oeste, vão orientando os esforços dos Estados e das populações para a prossecução de outros objectivos, os relacionados com os desafios que se põem com acuidade à sociedade moderna: o combate à fome, à droga, ao terrorismo, à corrupção, à poluição e, por outro lado, a defesa do ambiente e dos recursos naturais, dos valores e direitos humanos, da liberdade e dos princípios democráticos.

No entanto, há a noção de que quanto mais árdua for a dramática luta dos países da Europa de Leste pela democracia mais prováveis são as irrupções de excessos nacionalistas.

O actual colapso, por autodestruição, dos regimes comunistas é talvez o resul-

tado de duas séries de acontecimentos, de origem bem distinta, mas que convergiram a certa altura, em 1983.

A primeira série teve início com a eleição do Papa polaco João Paulo II em Outubro de 1978 e prosseguiu com a Sua visita à Polónia logo no ano seguinte. Estes dois eventos certamente encorajaram o Solidariedade, que iniciou a sua actuação pública passado mais de um ano (1980). Em 1983, deu-se a segunda visita papal à Polónia e Lech Walesa recebeu o Prémio Nobel da Paz.

Neste mesmo ano de 1983, em Março, o Presidente dos Estados Unidos da América anunciou a Iniciativa de Defesa Estratégica (IDE), a encomenda do invento da antiarma nuclear, dando origem a uma série de discussões e acontecimentos absolutamente distintos da anteriormente referida sequência de factos. A IDE representava, pelos seus custos e pela sua importância no campo da investigação científica, um desafio insustentável para as capacidades da União Soviética.

A divulgação da IDE foi menosprezada durante dois anos e, em 1985, tudo se conjugou, com a escolha de Gorbachev para substituir Shernenko, escolha que

se efectuou no tempo recorde de doze horas.

Com sucessivos intervalos de um ano, Gorbachev explicou a *perestroika* e a *glasnost* em discurso de cerca de seis horas, proferido perante o 27.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, e deslocou-se a Washington para assinar, em 7 de Dezembro de 1987, o Tratado sobre a Eliminação de Armas Nucleares de Alcance Intermédio (INF), o primeiro tratado que inverteu a tendência para o agravamento da corrida aos armamentos nucleares. Também em 1987, o Papa visitou a Polónia pela terceira vez.

Em 1988, o Leste pensou a *perestroika*. Foi muito importante a retirada das forças soviéticas do Afeganistão, porque deu credibilidade à intenção soviética de acabar com o seu envolvimento militar nos conflitos externos. Em 1989, os acontecimentos precipitaram-se. O Leste da Europa assumiu a *perestroika*, mas à sua maneira.

Sabia-se que qualquer abertura na estrutura monolítica do bloco de Leste provocaria a derrocada dos impérios soviéticos, o exterior e o interior. No entanto, pelo menos três aspectos foram surpreendentes. O primeiro, foi o facto de o

fenómeno ter sido uma iniciativa de um Presidente da URSS. O segundo, que esse fenómeno tenha assumido a forma de uma evolução programada, baseada na ideia de reversibilidade do processo da construção mundial do comunismo. O terceiro, a grande velocidade que os povos da Europa de Leste imprimiram às fases iniciais das mudanças.

A prudência dos primeiros momentos, a busca da força no número das gentes e dos países envolvidos e a grande velocidade imprimida à sequência das acções mostraram bem a vontade de alcançar rapidamente o ponto de não retorno na mudança do Poder. À urgência em mudar segue-se a dificuldade em consolidar a mudança.

Foi evidente também que a «dissuasão dos tanques» influenciou as multidões, consciente ou até inconscientemente, muito contribuindo para a atitude prudente e não violenta dos primeiros tempos.

Na Roménia, que se tinha afastado do Pacto de Varsóvia, onde não havia forças soviéticas, que tinha já o exemplo da evolução sem interferência externa nos outros cinco países aliados, onde a dissuasão da violência não existia e a dit-

NORMAS DE SEGURANÇA NACIONAL:
UM ATAQUE ÀS PMES

Imaginemo-nos por momentos no país de um responsável por uma pequena ou média empresa (PME) do nosso país que acaba de folhear o «Diário da República» de 24.10.89 e que toma consciência do que as normas nele publicadas significam para a sobrevivência da sua empresa. De que se trata?

Nem mais nem menos do que de umas «Normas para a segurança nacional, salvaguarda e defesa das matérias classificadas, segurança industrial, tecnológica e de investigação», que se estendem por cerca de 25 páginas de letra miúda e onde o industrial em causa - que a custo montou uma empresa que se dedica à pesquisa de componentes ópticos susceptíveis de serem incorporados em equipamentos técnicos que o nosso país poderá vir a exportar - constata com apreensão todo um pesadíssimo conjunto de obrigações administrativas (e outras) que, a serem respeitadas, o levarão rapidamente à falência!

Vejamos pois alguns exemplos do que nessas normas se publica para melhor nos apercebermos do que esse empresário pensará. Pretendia ele participar como subcontratante num projecto classificado (de acordo, evidentemente, com aquelas normas de segurança nacional) como confidencial pelo ministro da tutela (ou, nas regiões autónomas pelo órgão do Governo «próprio» (sic) - o que leva aliás a nos perguntarmos se poderá haver duas políticas de defesa para o território nacional...)

A sua empresa - dedicada a investigação na área das fibras ópticas - tinha um conjunto de ideias interessantes em carteira, que desenvolvia através de 3 investigadores, uma pequena oficina e 2 empregados administrativos. Que terá provavelmente que suportar aquele industrial para poder obter o contrato que lhe poderia permitir um salto qualitativo da sua empresa?

Em primeiro lugar arrisca-se a que um dos seus colaboradores possa ser impedido de trabalhar no projecto dado que a «autoridade nacional de segurança» pode não lhe outorgar a necessária credenciação.

E aparentemente sem possibilidade de eficaz recurso de tal decisão, pois - perguntará o industrial - de quem depende tal autoridade?

Do Governo - responder-lhe-ão. Mas em matéria tão discricionária não deveria haver pelo menos uma garantia de na escolha de tal autoridade haver uma intervenção mais directa de um órgão eleito democraticamente?

E que a credenciação em causa é feita com base num «inquérito» cujo modelo vem apenas às normas publicadas e que estará baseado em deduções feitas possivelmente a partir da análise dos países estrangeiros visitados ou das pessoas com quem mais convive.

Processos de triste memória, pensar-se-á logo. Isto para não falar no «Big Brother» que ressalta do facto de no tal inquérito estar prevista a indicação de um tal «número mecanográfico» (além do constante no bilhete de identidade por seu turno já surpreendentemente

dividido entre «civil» e «militar»...).

Para além destes aspectos muitos outros são previstos naquelas normas impondo pesadas obrigações aos felizes eleitos desde o controlo periódico de listas de acesso a enviar às entidades tutelares de seis em seis meses bem como de outros documentos como um tal «registo biográfico e disciplinar» (sic) cujos termos nem sequer estão definidos (a não ser que se queira pensar em termos de «estado policial»!).

Acresce que curiosamente parece não ser exigido o corriqueiro certificado de registo criminal...

E, claro, o industrial em causa começa a ter que ponderar a hipótese de ter que contratar mais um empregado administrativo para assegurar toda a burocracia da segurança. E a admitir a hipótese de esse futuro empregado ter que sair por não lhe ter sido dada a necessária credenciação...

Despedimento por «justa causa»?

Por outro lado toma-se conhecimento da existência nos ministérios e nos órgãos do «governo próprio» das regiões autónomas de «gabinetes de segurança» que têm funções - possivelmente entre outras não muito conhecidas - de receber semestralmente as listas dos «empregados» aprovados pelos seus «directores» a ter acesso a matérias classificadas!

Relação quinzenal de pessoal com decisão pendente ou desfavorável relativa a credenciação: o título de um impresso anexo às normas

que não deixa de suscitar dúvidas dado que não parece bem explicada a sua finalidade.

E depois ainda há extensos capítulos desde a segurança física das instalações aos cuidados na protecção das matérias classificadas (esquecendo porém quase completamente as protecções sob o ponto de vista da informática dando uma triste imagem da nossa desactualização tecnológica) passando pelas medidas de segurança - termo de sombrias recordações - em reuniões «classificadas» que suscitarão certamente no nosso abatido industrial um sem-fim de perplexidades que noutra ocasião abordaremos mais em pormenor.

No entanto, e desde logo ele não deixará de se interrogar: e se os meus restantes colaboradores cometerem o «pecado» de na sequência de uma visita turística a Berlim atravessarem o que resta do famoso muro, a autoridade nacional de segurança não lhes retirará a credenciação?

Como sobreviver então?

Uma conclusão para já a retirar: a qualidade do trabalho produzido parece ser inversamente proporcional à respectiva quantidade - para não falar na oportunidade...

Por outro lado as entidades com capacidade para suscitar a apreciação da constitucionalidade de algumas destas normas terão possivelmente matéria fértil para estudo.



Luís da Costa Correia

FORUM

XXI EM FORMAÇÃO

adura era mais dura, tudo foi diferente.

Hoje, no ambiente extraordinariamente complexo desta viragem histórica, poderão talvez distinguir-se quatro ordens de problemas fundamentais. A reunificação alemã e a democratização dos países da Europa de Leste, dois problemas distintos, mas que se integram na queda do império exterior soviético. A eclosão de nacionalismos no seio da própria União Soviética, nomeadamente no Báltico e no Cáucaso, que poderão corresponder ao desmoronamento do império interior russo. Por último, a modernização e transformação da União Soviética segundo o processo preconizado pela *perestroika*.

O problema das duas Alemanhas, único sobre o qual se tecerão mais umas considerações é, para o povo alemão, um problema nacional, que poderá não ser um problema interno, mas que só ao povo alemão diz respeito. O chanceler Helmut Kohl e os alemães, de modo geral, falam sempre e só no «povo alemão» e nunca na reunificação das Alemanhas, o que aumenta o receio quanto

à questão das fronteiras. A preocupação é a «unificação do povo alemão, com respeito pelos princípios da autodeterminação», segundo o chanceler da RFA. É que as duas Alemanhas têm fronteiras definidas e reconhecidas internacionalmente. O povo alemão ocupa uma mancha geográfica mais vasta e menos definida.

Roman Herzog, com toda a responsabilidade que lhe confere o alto cargo de presidente do Tribunal Constitucional da RFA, segundo o «Diário de Notícias» de 1 de Janeiro deste ano, afirmou ser prematuro o reconhecimento da linha Oder-Neisse porque, «em termos jurídicos, o Reich alemão ainda não foi anulado — juridicamente, o Reich alemão continua a existir e só um tratado de paz ou um instrumento jurídico lhe pode pôr fim».

Ao contrário do que sucedeu na União Soviética, na RDA foi o povo quem iniciou o movimento. E tem pressa. Indivíduos anónimos diziam na rua aos órgãos de Comunicação Social que os governantes tinham que tomar rápido o comboio da transformação

porque depois ele não pararia. E, sucessivamente, alguns governantes ficaram para trás. Os alemães democráticos continuaram a mudar-se para a Alemanha Ocidental, podendo tornar irrelevantes as eleições, marcadas para Maio, sobre o futuro da Nação. Quarenta mil teriam já passado para a RFA nos primeiros vinte e cinco dias deste ano. Como disse a revista *Time* de 22 de Janeiro, o povo já se manifestou, «votando com os pés».

Após a Segunda Guerra Mundial foi denunciada e julgada a culpa alemã. Houve a divisão da Alemanha e o desmantelamento de todas as estruturas do Poder. A RFA tem pago a factura à CEE. A RDA junta à humilhação o tempo perdido e o atraso no desenvolvimento, face aos seus irmãos, o que considera uma consequência da divisão que lhes foi imposta. Hoje, a RFA está preocupada com o auxílio à RDA e com a resolução dos problemas causados pelo movimento da população, estando a prestar menos atenção à CEE.

Todo este processo da reunificação alemã continuará a desenvolver-se a um ritmo muito mais acelerado do que o do andamento das conversações entre as superpotências e as grandes potências,

para tratamento do problema. A solução encontrá-la-ão os alemães.

É frequente ouvir dizer-se que a História se repete; outros afirmam que a História nunca se repete. Talvez não haja contradição. Penso que o enunciado dos grandes problemas muitas vezes se repete, ao longo da História. Simplesmente, as circunstâncias são sempre diferentes, os homens são sempre outros, o ambiente e o tempo são também outros, o que, invariavelmente, produz soluções diferentes para o mesmo problema. O caso alemão está aí. Chame-se autodeterminação do povo alemão, união ou reunificação da Alemanha, o problema repete-se. A solução, essa não será igual à encontrada por Otão I, o Grande, para o I Reich, em 962, à adoptada por Bismarck para o II Reich, em 1871, ou por Hitler, para o III Reich, em 1933. Edgar Morin, em entrevista de 2 de Janeiro ao «DL», afirmou: «Não vou dizer que não haverá um novo nacionalismo alemão, mas imaginar um retorno ao passado é utópico.»

É fácil dizer que o problema da Europa do Meio foi enunciado. É impossível prever a solução. Conhecemos o passado, vivemos o presente, mas não podemos adivinhar o futuro.



António E. Sacchetti

MANHÃS SEM RÁDIO

Morrison Hotel» é o nome de um belo álbum dos Doors e era também o nome de um belo programa de rádio, ao som do qual costumava adormecer, aí há uns tempos atrás.

Vim um dia destes a saber que o seu realizador, o Rui Morrison, era, como eu, açoriano.

Fiquei a pensar que aquele amor pela rádio que se percebia no Rui Morrison deveria vir, como vem o meu, dos tempos dos Açores, quando a rádio era o nosso único ponto de contacto com o mundo exterior, aquilo que nos permitia sair da ilha e saber que existiam outras pessoas, outras culturas, outras notícias.

Desde muito pequeno que me lembro de passar horas e horas a ouvir rádio, em esforços desesperados para sintonizar as rádios continentais para ouvir os relatos do futebol ao domingo ou a apanhar postos estrangeiros em que se falavam línguas estranhas. Mais tarde, claro está, os esforços de sintonia viriam a ser em larga medida para ouvir as «notícias do meu país» que chegavam lá de fora.

Existiam também as rádios açorianas, com os seus escassos meios e o entusiasmo de uns tantos, como o Mário Meunier. Por lá passavam os programas de discos pedidos, as dedicatórias a pais, maridos, mulheres, namorados, amigos, primos, doentes e a sei lá mais quantos e os pedidos de «madrinhas de guerra» (lembram-se?) e ainda havia tempo para todas aquelas músicas que constituem hoje prato forte em qualquer reunião tipo «amigos de Alex».

O certo é que todos nós adorávamos rádio. Alguns até arranjam forma de

fazer programas. Um dia destes fui com um destes meus amigos que ora é uma pessoa importante (e com todo o mérito e razão) à RDP-Açores, onde ele em tempos tivera um programa juvenil e agora ia dar uma entrevista e ambos nos comovemos um pouco.

Esqueci-me de dizer que, nesses tempos, da televisão não havia nem vislumbre nos Açores e se calhar foi por isso que ganhei todo este amor pela rádio e que considero a televisão, pelo menos desde que deixou de ser o fruto raro apenas provado em férias continentais, uma coisa muito pouco interessante.

Qualquer gosto que eu tivesse pela televisão teria, aliás, desaparecido com o relato das almas sensíveis que são obrigadas por almas totalmente insensíveis a ver o programa até ao fim e às vezes ainda mais um filmezinho de terror para complemento, ou pela visita a casa de uns desses teledependentes que quase batem em quem queira conversar em vez de cumprir o sacro santo dever de olhar para a televisão.

A rádio, essa é outra coisa. Aí há uns anos, trabalhei na rádio. Considero tempos felizes da minha vida os que lá passei, ainda que me vá dando conta de que essas nostalgias estilo «those were the days» têm sempre a ver com outra coisa.

Na rádio encontrei pessoas que admirava há muitos anos e fiz amigos que me ficaram para a vida. Era um sítio onde fazer amigos era fácil. Fazer inimigos também, manda a verdade que se diga, nesses anos da brasa de 1974-75, quanto tive de separar rigorosamente a memória que conservava de alguns programas de rádio do comportamento dos seus autores.

Mas, em suma, agora que já não tra-

balho na rádio (tudo o que é bom acaba-se ou acabamos nós com ele), uma das coisas que mais gosto na vida é de ouvir rádio, ainda que muitas vezes me aconteça o mesmo que me aconteceu no cinema quando vejo um mau filme e que é irritar-me imenso com o desperdício de película, de actores e tantas outras coisas que poderiam ter sido usadas para tão bons fins.

Os programas da manhã em especial provocam-me sempre essa sensação. São sempre agitadíssimos, frenéticos, cheios de uma energia que me cansa de imediato e de um humor que quem não ouvir não acredita. Estou mesmo convencido que é urgente um estudo sociológico para determinar quanto do comportamento agressivo dos condutores matinais ou dos comportamentos desagradáveis com que nos deparamos todas as manhãs é devido aos programas de rádio.

Foi por isso com uma enorme alegria que aí há uns tempos, quando tinha decidido já que as minhas manhãs eram sem rádio, descobri, pela manhã, a voz do Rui Morrison e o seu fabuloso bom gosto musical, num programa em que nem a voz do noticiário era agressiva ou nevrótica.

Entre as muitas razões para me alegrar com esse programa matinal esteve mesmo a dizer a uma pessoa que não é um condutor agressivo e que gosta mesmo quando vai de casa para o trabalho ir vendo o que se passa à sua volta — como mudam as estações, como muda a cidade, como se desenrola o pequeno anedotário diário — que finalmente havia um programa àquela hora que não agredia, que não interrom-

pia os pensamentos, mas antes os acompanhava.

Fiquei admirado de não ter tido eco da minha sugestão e de quando o recebi ser um eco um pouco estranho. Percebi, então, que o Rui Morrison tinha sido substituído e, com ele, claro está, a selecção musical, já que nem por acaso poderia haver coincidência.

Não sei ao certo o que se passou, mas ouvi dizer que ao Rui Morrison foi dada a alternativa de mudar o estilo da música que não era aquele que convinha aos ouvintes da manhã ou de deixar de fazer o programa. Custa-me a crer que na rádio portuguesa se pense isso. Se julgue que só há lugar para a estupidez, para o mau gosto, para a agitação, para o fácil.

Custa-me tanto mais a crer quanto sei que o João David Nunes, de quem sou admirador quanto mais não fosse pelo fabuloso «Marcas do Século» que fez com o João Alfacinha da Silva e o Ricardo Camacho, é uma pessoa de bom gosto e que se tivesse que fazer uma selecção musical talvez não a fizesse muito diferente da do Rui Morrison.

Por mim, tentei resolver o problema substituindo o meu conselho por uma *cassette* em que estão gravadas algumas músicas que julgo que passariam com facilidade no programa do Rui Morrison, porque tal como a minha gravação foi um acto de amor, penso que os programas do Rui Morrison também o são. A rádio faz-se necessariamente a pensar nas pessoas de quem se gosta. Como sabia e dizia o Truffaut sobre os filmes.

E como é que se fazem os jornais, Mário Mesquita?



Eduardo Paz Ferreira

DN Magazine. Mais uma razão para gostar do Domingo.

É verdade. O DN Magazine traz agora novos temas,
mais páginas e um visual mais atraente.

Além disso, esta oferta semanal

do Diário de Notícias
inclui também PROGRAMAS,

uma nova revista de bolso.

Você fica a par de tudo
sobre televisão, rádio e espectáculos.

Neste domingo, veja as novidades do DN Magazine

e consulte durante toda a semana

a nova revista PROGRAMAS.

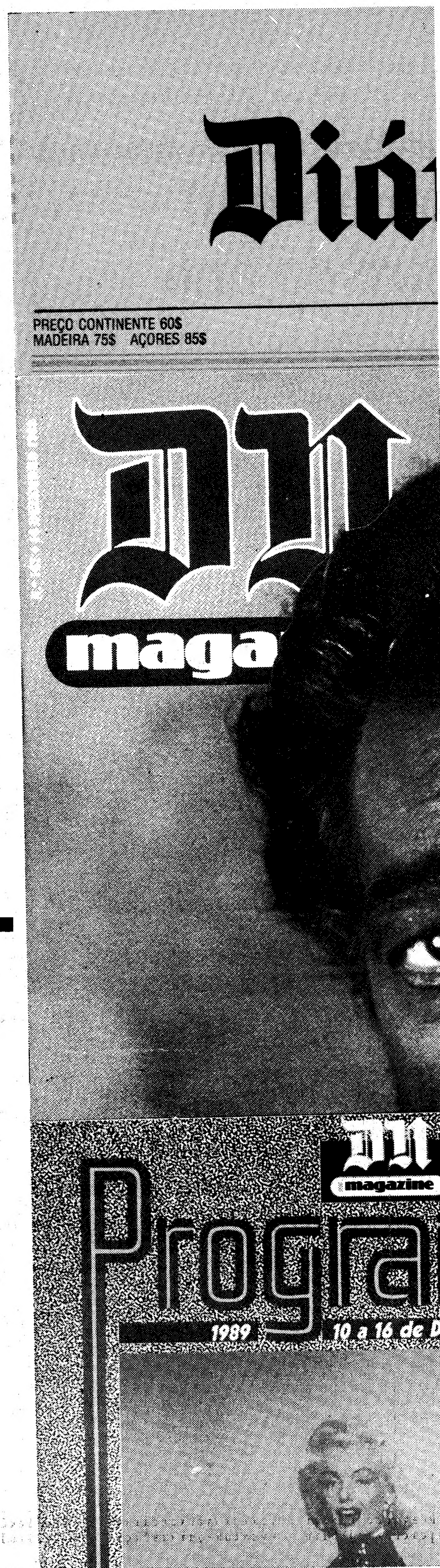
Você vai descobrir

que este anúncio lhe trouxe uma boa notícia...
do sempre renovado "Diário de Notícias".



Temas e temas.
PROGRAMAS à parte.

ANTENA/BEDO



POLÍTICA

Há «guerra» no CDS antes do congresso

Abecasis e Manuel Monteiro não contestam a liderança de Freitas, mas põem em causa a sua estratégia

Há «guerra» no CDS por causa do congresso, marcado para os dias 16, 17 e 18 de Março: apoiantes da moção de «Novos Tempos» criticam Freitas do Amaral por ter enertado o seu texto de estratégia - segundo o qual, se o partido não entrar na área do próximo Governo, não sobreviverá - com ideias de Basílio Horta, que defende a necessidade do CDS ser um partido-projecto.

«Consideramos que a estratégia de Freitas do Amaral não é a melhor para o partido, não é correcta», disse o presidente do CDS/Madeira esta manhã ao DL. Ricardo Vieira admitiu que a moção de Manuel Monteiro, uma das nove apresentadas à Comissão Organizadora, venha a recolher apoios «com que ninguém conta» e que o Congresso fique assinalado por «muitos surpresas».

Negou que «Novos Tempos» seja uma «moção adriana» e desmentiu que alguma vez tenha declarado o seu apoio a uma eventual candidatura de Pedro Feraz da Costa à presidência do partido. «A nossa preocupação não é a liderança, discutimos é ideias. Até poderá acontecer que a nossa moção seja a mais válida para o futuro do CDS e que venhamos a apoiar a candidatura de Freitas do Amaral», acrescentou.

A origem da informação que ontem circulou na Madeira e em Lisboa de um hipotético apoio do CDS/Madeira a Pedro Ferraz da Costa para a presidência do CDS terá a ver com o facto de Manuel Monteiro (considerado um «adrianista» convicto), primeiro subscritor da moção «Novos Tempos», ser quadro responsável da CIP,

a que aquele preside.

Ricardo Vieira, que desmentiu de imediato a notícia, afirmou que «temos mantido uma certa independência em relação aos três líderes históricos do partido».

Manuel Monteiro defende que o CDS promova um debate sobre a «direita moderna», sem passar, a curto prazo, por qualquer Governo minoritário, seja ele qual for.

Próximos tempos são de luta

A pouco mais de um mês do Congresso Nacional os dirigentes centristas reconhecem a crise que o partido vive e a necessidade de alterar o rumo dos acontecimentos, de modo a reaparecer como estrutura autónoma.

«Com a democracia, vencer em 1991» é o lema da moção assinada por Freitas do Amaral, com o apoio de Basílio Horta, na qual a principal tarefa incide sobre a elaboração de um programa político com propostas que constituam «clara alternativa às soluções do Governo e às soluções do PS». Freitas reafirma na sua moção a necessidade do CDS se afirmar como partido de «todos os que se reconhecem no património do ideal cristão».

O presidente centrista não afasta a hipótese de o partido, «por razões de alto interesse nacional, ter de vir a participar num Governo de coligação, mas defende a imposição da sua doutrina, equilíbrio e bom senso, no entendimento programático com outros partidos democráticos». A necessidade do CDS se tornar «alternativa» é também ponto vital da moção de Krus Abecasis, a que mais claramente diz que os próximos tempos são



A moção de Manuel Monteiro pode recolher apoios «com que ninguém conta»

de luta. Para o ex-presidente da Câmara Municipal de Lisboa há que deixar para trás uma imagem de «náufrago do poder».

Por seu turno, Manuel Monteiro, da Juventude Centrista, junta-se aos demais e defende um CDS como «partido de projecto» que tem de voltar a ser uma «referência política».

«Momento mais dramático»

Para Krus Abecasis, o CDS atravessa «o momento mais dramático da sua história», pelo que os tempos que se aproximam «são de luta». Na sua óptica, «grande parte da estratégia passa pela escolha

dos homens certos», pelo que os homens que saírem do congresso sejam «lutadores e vencedores», homens que tenham dado provas no terreno. Sobre a política de alianças, Abecasis considera que «não devem ser, em si mesmas, uma estratégia de desenvolvimento do partido», embora admita que pode ser meio de «afirmação das nossas convicções».

«O CDS deve recusar qualquer aliança, ainda que por ela possa ascender ao poder, se se sentir fraco nos seus militantes e por isso incapaz de impor os seus valores e os seus princípios», considera Abecasis.

DL/Lusa

B R E V E S

Paulouro das Neves embaixador na CEE

O actual embaixador de Portugal em Madrid deverá ocupar em breve o posto de representante do nosso País junto da CEE, que Simões Coelho abandona por alegados motivos de saúde. Júlio César Paulouro das Neves, de 52 anos, foi embaixador no Maputo entre 1983 e 1989, altura em que foi nomeado para a capital espanhola. Antes prestara serviço diplomático em Tóquio (em 1968), Estugarda (1973), Brasília (1974) e Nações Unidas (1979). Foi ainda chefe da Repartição da África, Ásia e Oceânia, da Direcção-Geral dos Negócios Políticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros em 1977, chefe da Casa Militar de Ramalho Eanes e assessor diplomático da primeira-ministra Lurdes Pintasilgo.

Parlamento Europeu convida líder da FLA

O ex-líder da Frente de Libertação dos Açores (FLA) e actual presidente do Movimento Nacional Açoriano (MNA), José de Almeida, entrou hoje no Parlamento Europeu como convidado do Grupo Arco-Íris, participando num colóquio sobre as «Últimas Colónias Europeias». Esta iniciativa da deputada Dorothé Piermont, daquele movimento ecológico, discute hoje e amanhã questões ligadas à autodeterminação e independência nos países da CEE. Além de José de Almeida, tomam parte nos debates, em Bruxelas, representantes da Guadalupe, Nova-Caledónia, Córsega, Reuniões e Martinica (França), Canárias (Espanha), Sinn Féin (Irlanda), Herri Batasuna (País Basco) e de possessões britânicas nas Caraíbas.

Autonomia dos Açores em sede de revisão

Reuniu-se ontem pela primeira vez em Angra do Heroísmo a comissão de análise das propostas de revisão do Estatuto de Autonomia dos Açores, criada pelo Parlamento Regional. Integrado por deputados do PSD, PS, CDS e PCP, aquele órgão parlamentar concluiu pela necessidade de a revisão alterar o sistema eleitoral para a Assembleia Regional, por forma a ser garantida a representatividade das ilhas e a proporcionalidade eleitoral. Por seu turno, o Conselho Regional do Governo dos Açores reúne-se hoje em Ponta Delgada, pela primeira vez com a participação do novo secretário da Economia, Mário Fortuna.

Eurico prolonga suspensão de mandato parlamentar

Eurico de Melo, que hoje deveria retomar as suas funções parlamentares na bancada social-democrata, renovou o pedido de suspensão de mandato, desta feita por tempo indeterminado.

O ex-ministro da Defesa, que solicitara no início de Janeiro, juntamente com Álvaro Barreto, a prorrogação por um mês do prazo de suspensão, vai candidatar-se à mesa da Assembleia Distrital de Braga do PSD, cujas eleições se realizam no próximo dia 23. Para a Comissão Política, uma única lista se apresentou, até ao momento, liderada pelo governador civil Fernando Ribeiro da Silva.

Contactado pelo «DL», Eurico de Melo escusou-se a comentar o apoio implícito de Cavaco Silva à recandidatura de Mário Soares, revelado na entrevista ao «Expresso» do passado sábado. Instado a comentar a possibilidade - que chegou a ser aventada no seio do PSD - de representar o partido no



Eurico de Melo não volta tão cedo ao Parlamento

próximo sufrágio presidencial, rejeitou tal hipótese.

Parece claro que, embora distante das «guerras» que de momento ocupam os social-democratas, o antigo «braço-direito» de Cavaco continua a acompanhar o processo. Guarda, porém, para o Congresso a sua estratégia, limitando-se a um indefinido «vamos ver».

Bispo de Díli não teme ameaças indonésias

«Se me matarem terão problemas», afirmou à TSF, D. Ximenes Belo, bispo de Díli. Aquele prelado falava a propósito da possibilidade de os representantes da Indonésia atentarem contra a sua vida em virtude de apoiar os resistentes timorenses na sua luta. Entretanto, Paulo Pires representante da UDT, em Portugal depois de ter ouvido estas declarações disse também à TSF que aquela voz não era a do representante apostólico em Díli mas

sim a de um padre «pró-Indonésia», António Costa.

O DL tentou, sem conseguir, confirmar esta hipótese junto de fontes da Fretelin.

A secção portuguesa da Pax Christi e a Comissão Nacional Justiça e Paz renovaram ontem o seu apoio ao referendo em Timor-Leste, quando se completa um ano sobre esse apelo do bispo de Díli.

As duas organizações cristãs, distribuíram um comunicado no qual recordam que o secretário-geral das Nações

Unidas, Javier Perez de Cuelar, continua sem responder ao apelo de D. Ximenes Belo, para a realização de um referendo que dê «aos timorenses a possibilidade de serem eles próprios a dizer o que querem». Segundo o prelado, que reiterou igualmente um apelo anteriormente endereçado ao bispo de Setúbal, até agora «são os outros que falam em nome» dos naturais daquela ilha.

Para a Pax Christi e Comissão Nacional Justiça e Paz

um referendo «organizado e controlado pelas Nações Unidas», aparece como «o caminho mais viável» para o processo de pacificação daquele território. Neste contexto, as duas organizações invocaram as mudanças no Leste Europeu como sinal de que nada é impossível.

«Apelamos, em particular, a todos os responsáveis portugueses para que procurem insistentemente novos apoios», concluíram.

Pinto de Andrade no PS com novos e velhos amigos

Mário Pinto de Andrade, Gentil Viana e Adolfo Maria, estiveram ontem reunidos mais de três horas no Largo do Rato. Tempo suficiente para explicar as suas propostas sobre a paz em Angola aos dirigentes socialistas

Mário Pinto de Andrade afirmou ontem que a solução para o conflito angolano não é militar, mas «eminente política, e concretiza-se numa reconciliação das famílias políticas, de imediato a UNITA e o MPLA e, para além disso, a Nação e a reconstrução nacional».

O fundador do MPLA falava do final de uma reunião com o Partido Socialista, em que participaram também Gentil Viana e Adolfo Maria. Foram recebidos no Largo do Rato não na qualidade de dissidentes do MPLA, mas como membros do Grupo de Reflexão para a Paz em Angola.

Este grupo propõe a mediação do conflito angolano pelos próprios angolanos, através de uma «instância moral» a constituir, integrada por patriotas e intelectuais angolanos e hierarquia da Igreja.

Não se tratou, conforme sublinharia o porta-voz do PS, Marques da Costa, de um contraponto à audiência concedida pelos socialistas ao líder da UNITA, Jonas Savimbi. Foi uma longa reunião de mais de três horas, em que os três patriotas angolanos tiveram como interlocutores Jorge Sampaio, Manuel Alegre e Marques da Costa.

Sabe-se, por outro lado, que não foi por acaso, ou por qualquer tipo de impossibilidade

pessoal, que Jorge Sampaio não fez parte da delegação que recebeu Savimbi. Também não foi esta a primeira vez que os socialistas se encontraram com este grupo. Houve já outras reuniões anteriores e a audiência de ontem, segundo Marques da Costa, «integra-se num conjunto de iniciativas políticas que o PS tem tomado e vai tomar em relação ao problema da paz em Angola».

O dirigente socialista salientou que o seu partido está interessado em ouvir «todos aqueles que são importantes para o processo de paz, recusando uma visão apenas bilateral».

Mário Pinto de Andrade considerou a reunião muito importante, pela oportunidade que deu de expor

os seus pontos de vista sobre os problemas angolanos, «tanto mais que havia urgência em debater esta questão, na medida em que está programada uma viagem de membros da direcção do PS a Angola». Recusou, no entanto, qualificar o PS de «emissário» nessa visita, mas admitiu que a delegação socialista dará conhecimento às autoridades de Luanda dos seus pontos de vista.

Apesar do princípio da devolução do processo de paz aos angolanos, defendido pelo grupo de que faz parte, o fundador do MPLA rejeita qualquer ideia redutora de mediação, considerando que ela «é ilimitada nos seus objectivos, no tempo e no espaço».

Interrogado pelo DL sobre se admitia a possibilidade de

um regresso próximo a Angola, Mário Pinto de Andrade respondeu que não se lhe colocava ainda essa questão. Com um rasgado sorriso africano, sublinhou que «o próximo é hoje muito relativo no tempo», e que «há uma aceleração da História, que pode, evidentemente, restituir-se e restituir a sua própria dimensão».

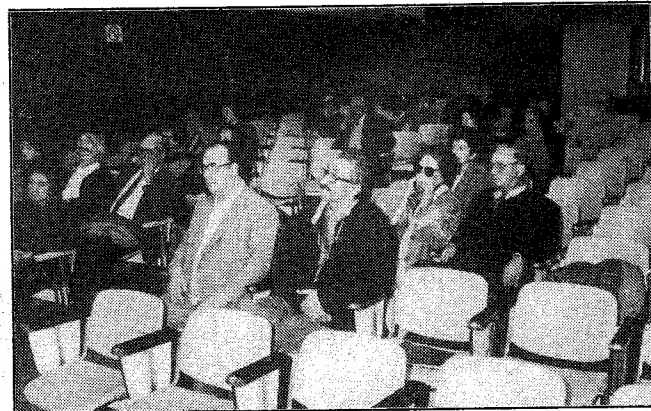
Manuel Alegre foi um protagonista especial neste encontro. Entre ele e Mário Pinto de Andrade existe uma velha amizade de 30 anos. Estiveram presos juntos em Angola e mais tarde conviveram em Argel, durante o exílio.

Aludindo à grande experiência destes antigos dirigentes do MPLA, Manuel Alegre referiu que eles trazem «um dado novo» e que há que encontrar um caminho «porque a porta para a paz em Angola é estreita».

A delegação do PS que vai deslocar-se a Luanda integrará Manuel Alegre e Marques da Costa e será chefiada por Jorge Sampaio, caso este consiga coordenar as datas com os seus compromissos.

Mário Pinto de Andrade, Gentil Viana e Adolfo Maria, vão contactar outras forças políticas portuguesas, apenas com o objectivo de «explicarem» os seus pontos de vista.

Augusto Vilela



Um anfiteatro quase deserto para um debate sobre o «apartheid»

Poucos mas bons contra «apartheid»

No anfiteatro quase deserto de um hotel de Lisboa, o Movimento Português contra o Apartheid convocou uma reunião que, para além de analisar as recentes medidas das autoridades sul-africanas no sentido de acabarem com aspectos mais chocantes da discriminação política e racial, criticou o recente acolhimento dispensado ao líder da UNITA, Jonas Savimbi, cuja visita a Portugal «começou por ser de estadão e acabou por ser visita de médico», segundo Daniel Matos, presidente da Associação de Amizade Portugal Angola, membro da mesa.

Ao seu lado estavam Manuel Lopes, da CGTP-Intersindical, Aquilino Ribeiro Machado, socialista, ex-presidente da CML, e Carlos Carvalhas, deputado comunista ao Parlamento Europeu.

Segundo Jorge Grave, membro da organização do debate, não se tratava de ripostar à visita de Savimbi, mas sim de «dar resposta às recentes medidas de De Klerk», anunciadas há pouco tempo e, disse-nos, por causa disso causadoras da penúria de assistentes, 35 pessoas apenas, momentos depois do princípio da reunião. «Vamos ver se essas medidas vão ser postas em prática e quando», disse ao DL.

Política nacional em causa

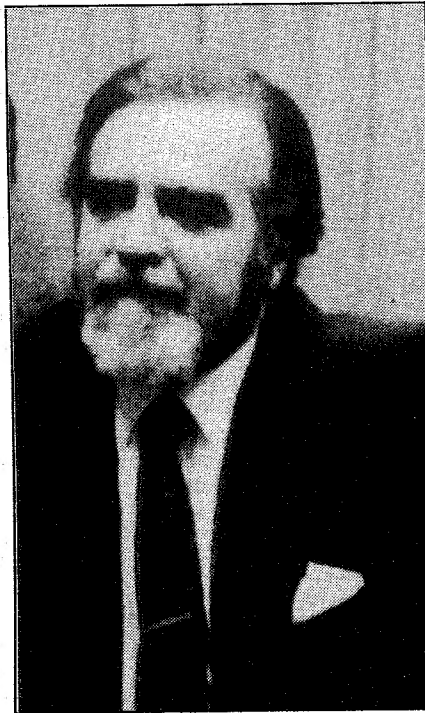
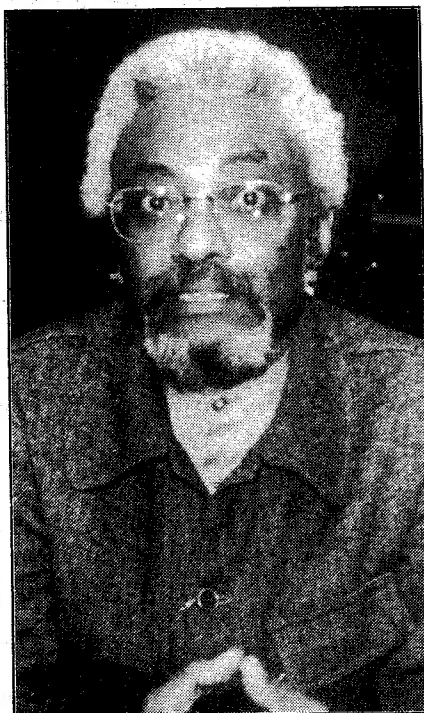
Aquilino Ribeiro Machado recordou que «a África do Sul é a fronteira entre duas das nossas antigas colónias, Angola e Moçambique», tendo parafraseado Cardoso Pires ao considerar movimentos como a UNITA e a RENAMO como «a mão negra do poder branco».

Evocou ainda o exemplo da Espanha franquista quando, na sequência da derrota das potências do Eixo, em 1945, teve a seu favor a acção de parlamentares britânicos opostos a sanções económicas, confiados numa viragem democrática que levou décadas a dar-se, antes de defender a manutenção desse tipo de sanções contra a África do Sul.

Na sua maneira de ver, as medidas liberalizantes anunciadas por De Klerk «não são uma dádiva, mas uma conquista». Considerou, no entanto, que a partir de agora «nada ficará na mesma, mas não ficará pior».

E o encontro achou a sua razão de ser numa pergunta de Daniel Matos: «Por que é que Mandela não está ainda em liberdade?»

Para já, registre-se o consenso em torno de um tema: «As medidas agora anunciadas não são o fim do apartheid nem o fim da prática abominável dos bantustões». Logo, e dado que a maioria negra as apoia, «não há razões para que se interrompam as sanções económicas contra a África do Sul», concluiu o orador citado.



Pinto de Andrade e Manuel Alegre: uma amizade de 30 anos

LISGRÁFICA — IMPRESSÃO E ARTES GRÁFICAS, S.A.

Sede: Casal de Santa Leopoldina — Queluz de Baixo
Capital Social: 900 000 000\$000
Matriculada no Conservatório do Registo Comercial de Oeiras sob o n.º 2184

Contribuinte n.º 500166587

OBRIGAÇÕES LISGRÁFICA/88

Pagamento de juros — Cupão n.º 3
Avisam-se os Senhores Obrigacionistas que a partir do dia 15 de Fevereiro de 1990 se encontra a pagamento o cupão n.º 3 aos balcões do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

Juro líquido por obrigação 85\$00
IRS/IRC (8%) — 5\$10
Juro líquido por obrigação 79\$90

Lisboa, 6 de Fevereiro de 1990

O Conselho de Administração
(Assinatura ilegível)

Eanes acredita no futuro dos renovadores

Ramalho Eanes ainda acredita no partido que ajudou a formar. A uma semana do Conselho Nacional dos renovadores, disse à Lusa que o PRD procurará «a conquista do poder, para assim participar na governação, como qualquer outra formação partidária», em democracia constitucional.

Eanes considera que agora «há condições para quebrar o mutismo político» a que se remeteu, desde 1987. Foi nesta altura, recorde-se, que o PRD foi submerso com o resultado das legislativas, que deram maioria absoluta aos sociais-democratas.

Depois disso, o antigo Presidente da República quis ficar calado «para não perturbar a vida e a acção política do PRD». Mas agora acha que deve quebrar tal silêncio

e «expende opiniões, sempre que entenda conveniente e necessário», sem se preocupar em saber se «são coincidentes ou discordantes» com as que a direcção dos renovadores assume.

«Dadas as responsabilidades civico-políticas que não enjeito, tenho como objectivo essencial contribuir para o esclarecimento da consciência política dos meus concidadãos», disse. E para tanto propõe-se «remar contra a maré», sempre que assim achar necessário.

No entanto Eanes afasta a hipótese de se recandidatar à Presidência da República. Disse que isso não está nos seus «horizontes ou propósitos». Excluiu também a possibilidade de ter um «papel dominante» na estrutura orgânica dos renova-



Eanes: «Há condições para quebrar o mutismo político»:

dores, continuando a ser «apenas militante».

O Partido Renovador Democrático, fundado pouco antes das eleições legislativas de Outubro de 1985,

quando os socialistas deixaram de ser o partido com maior representatividade parlamentar, tem atravessado

crises sucessivas e neste momento há quem preconize a extinção.

Hermínio Martinho, depois de se ter candidatado à Câmara de Lisboa e de ter obtido um resultado mais que escasso, pôs o cargo de presidente à disposição do partido.

Resta saber se, no Conselho Geral do dia 18 - e na Convenção Nacional que então será marcada - os renovadores lhe vão dar um voto de confiança, mantendo-o no cargo que ocupa desde a fundação, ou se irão escolher nova liderança. Marques Júnior, deputado renovador - e capitão de Abril e ex-membro do Conselho da Revolução - é apontado como sucessor, por alguns facções do PRD.

MGL

POLÍTICA

OPSD insistiu ontem, no Parlamento, na substituição do provedor de Justiça. Não invocou outras razões que não as políticas e Montalvão Machado até considerou o provedor como «jurista ilustre e homem sério e digno». Mas o PS continua insensível a tais argumentos e dobra a parada das contrapartidas

Independência, a quanto obrigas

Almeida Ribeiro tem exercido as suas funções de provedor de Justiça, para que foi eleito com os votos do PSD, do PS e do CDS, como efectivo porta-voz das queixas dos cidadãos perante o poder. Mas ao levar o cargo a sério e ao assumir-se como magistrado independente que é, incomodou o Governo a pontos de o presidente do Grupo Parlamentar do PSD exigir, ontem e uma vez mais, a sua substituição no cargo.

Montalvão Machado atribui culpas ao PS pelo facto de, há vários meses, não ter sido possível eleger um novo provedor. Mas, com culpas ou sem elas, o PS reafirmou as razões porque não tem alinhado nas tentativas de formar a maioria qualificada em torno desta questão e Almeida Ribeiro lá vai continuando no cargo para desespero do Governo e dos seus sequeiros na Assembleia da República.

Sublinhou o líder parlamentar social-democrata que o provedor é um mero «receptor e apreciador das queixas dos cidadãos, por acções e omissões dos poderes públicos» e que as suas recomendações não têm carácter decisório, servindo apenas para «prevenir e reparar injustiças».

«Jurista ilustre e homem sério e digno»

Montalvão Machado confessou-se, ainda, amigo pessoal, «há largas dezenas de anos», do actual provedor e manifestou a opinião de que «o dr. Almeida Ribeiro é um jurista ilustre e, pessoalmente, um homem sério e digno». Também não revelou «pelo menos por agora, as razões da não aceitação para ele

continuar como provedor de Justiça», e explicou que «o problema é meramente político e as regras a observar na sua eventual reeleição ou não, são meramente políticas».

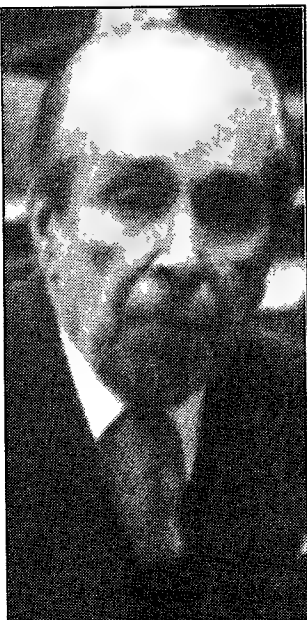
Insiste, no entanto, em substituir Almeida Ribeiro e, para efectivar a substituição, o PSD terá proposto ao PS—Montalvão Machado o disse—cinco nomes para entre eles se escolher um que reunisse o consenso dos dois maiores partidos parlamentares. Ter-se-á tratado de um social-democrata, um socialista, um democrata-cristão e dois independentes: um magistrado judicial e um magistrado do Ministério Público.

A única razão entendível e apontada por Montalvão Machado para substituir o provedor é que «em democracia, não há órgãos infundáveis e seria, no caso, perpetuar num lugar uma individualidade que a Constituição quer que seja eleita em prazo certo».

Só que o Partido Socialista não se mostra sensível a este argumento político e, forte do comportamento de Almeida Ribeiro, que tem exercido o cargo como efectivo contra poder a favor dos direitos individuais dos cidadãos, já em duas tentativas de eleição recusou dar os seus votos ao provedor que a maioria pretende escolher.

A situação é de impasse, há largos meses, por impossibilidade de reunir, assim, a maioria qualificada de dois terços.

Ontem o PS, pela voz do seu líder parlamentar, não se mostrou nada sensível a alterar esta recusa de consenso, invocando António Guterres «o prestígio, a independência



Montalvão Machado e António Guterres: a eleição do provedor divide PSD e PS

e a exemplaridade» com que Almeida Ribeiro tem exercido as funções. Recebeu, aliás e por esta invocação, os aplausos de João Amaral e Marques Junior, porta-vozes de outros dois partidos da oposição, durante o mini-debate sobre o Provedor, travado no período antes da Ordem do Dia.

«Claro que entendemos que o PSD prefira um provedor que defenda os interesses do Governo contra os cidadãos», admitiu Guterres. «Mas é evidente que o seu papel é defender os interesses dos cidadãos contra o próprio poder político.»

Montalvão Machado ainda sugeriu que «outras vozes mais altas se terão levantado»—quais vozes, as de Belém?—«empurrando o Partido Socialista para esta situação e não lhe permitindo que dela saia com dignidade



democrática». Mas ficou a falar no deserto, mesmo que, como acentuou, a sua prédica mais não visasse que «denunciar publicamente o PS pela situação degradada» e «imputar-lhe responsabilidade exclusiva». Avisou, no entanto, o PS de que o impasse terá de ser rompido e que «os socialistas compreenderão que a paciência tem limites».

A moeda de troca das privatizações

António Guterres, numa das fases do jogo pergunta-resposta-réplica travado com Montalvão Machado, pareceu levantar um pouco mais o véu sobre as verdadeiras razões deste quiproquo:

«O PSD não pode exigir consensos para eleger o provedor de Justiça», disse, «e ao mesmo tempo desfazer todas as tentativas de consenso na discussão da Lei-Quadro das Privatizações».

Soube-se mais tarde que o secretário-geral do PS, Jorge Sampaio, tinha enviado uma carta ao Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, solicitando-lhe o adiamento da votação da Lei-Quadro das Privatizações por oito dias. No encontro dos dois chefes, também pedido na carta, Sampaio pretende expor os pontos de vista dos socialistas sobre as privatizações. Provavelmente, Sampaio ouvirá de Cavaco, como contrapartida, o ponto de vista do Governo sobre o provedor. Já agora, troquem também pontos de vista sobre a Alta Autoridade para a Comunicação Social e ficarão equacionados os três pontos de fricção mais viva e actual entre os dois partidos maioritários no Parlamento.

Daniel Reis

Espero cá um destes dias o dr. Vieira de Castro

«Perguntei ao ministro se tinha verbas no orçamento para aquisição de autocarros para transporte de deficientes e respondeu-me que as ditas estavam no orçamento da Segurança Social. Perguntei ao secretário de Estado da Segurança Social e respondeu-me que não, não tinha verbas nenhuma. Nem um nem outro sabiam do que estavam a falar: faltaram ambos à verdade, comprovei eu».

Quem assim falou, ontem, na Assembleia da República foi o deputado Anastácio Filipe, eleito por Beja nas listas do Partido Comunista e profissionalmente ligado à educação especial. Ante o quadro das negas do actual ministro e do antigo secretário, Manuel Filipe concluiu que, para «desvendar este mistério dos transportes para deficientes», espera «ver cá, um destes dias, o dr. Vieira de Castro».

O novo secretário de Estado lá estará na sexta-feira

Em tempo: esta é a primeira referência no plenário ao nome do ex-deputado Vieira de Castro, actual secretário de Estado da Segurança Social. Mas nos corredores, especialmente depois de uma sua fugaz passagem para se despedir dos amigos, muitas têm sido ouvidas a recordar o seu comportamento contrastantemente dialogante, na bancada da maioria, mesmo depois das duras confrontações durante o inquérito à compra do apartamento de Miguel Cadilhe.

Uns e outros, especialmente o Grupo Comunista (que anda mortinho por o apanhar à mão) terão na próxima sexta-feira ocasião de rever Vieira de Castro na Assembleia. O DL está em condições de informar que ele será um dos membros do Governo presentes na sessão de perguntas da manhã de sexta-feira: o secretário de Estado da Segurança Social vai ao Parlamento divulgar os últimos dados conhecidos sobre a evolução económica e social do distrito de Setúbal. Ao que sabemos, parecem ser optimistas.

Uma história mal contada, a do PREC em Lisboa

O deputado João Salgado, da segunda linha da bancada da maioria, lançou ontem o pasmo na Assembleia da República ao avisar que a coligação PS/PCP já está «a praticar a prepotência nalgumas juntas de freguesia de Lisboa».

Sampaio e seus apoiantes tomaram posse há meia dúzia de dias, mas Salgado já apurou e disso deu fé aos seus pares deputados, em particular aos socialistas, que «o Partido Comunista totalitário está a pôr e a dispor, na vereação deesquerda em Lisboa».

Factos aduzidos: a Junta de Freguesia dos Olivais saneou dois funcionários, que há quatro anos serviam aquela junta e, «ainda por cima nem são do PSD»; a Junta de Campolide «decidiu por votação conjunta PS/PCP a ocupação selvagem de 12 casas que se encontravam devolutas».

Armando Vara e João Amaral, pelo PS e pelo PCP, lá foram tentando dizer ao deputado do PSD que, se calhar não era bem assim e que, a ser verdade, talvez o presidente da Câmara não soubesse de nada pois ele descentralizou competências e verbas pelas juntas de freguesia e a descentralização comporta os seus riscos.

Nada disso, clamou João:

«É o regresso aos tempos de 1975, que pensávamos definitivamente impossíveis, no Estado de Direito Democrático».

Pior ainda, concluiu Salgado, escudado atrás de uma notícia do «Correio da Manhã»:

«É o voltar ao chamado PREC, contra o qual tanto se empenharam Mário Soares, Sá Carneiro e muitos outros».

Mais tarde, foi-se a ver, a história de Salgado já parecia ter sido muito mal contada.

Assim, nos Olivais e segundo declarou o socialista Armando Vara ao «DL», dois tarefeiros, um motorista e a secretária do ex-presidente, tinham sido chamados pela anterior junta a assinar um contrato de trabalho, pois a legislação passou a exigir às autarquias vínculo laboral com todos os trabalhadores. Recusaram ambos, persistindo na recusa já com a nova junta. Foram por isso dispensados, ao mesmo tempo que a junta abriu concurso para o preenchimento de onze vagas de pessoal, vagas essas a que os dois tarefeiros se podem candidatar.

Em Campolide, a realidade ainda parece mais distante da contada por João Salgado:

«É totalmente falso: não houve nenhuma ocupação de casas devolutas, nem foi feita qualquer votação conjunta nesse sentido», garantiu-nos Armando Vara, depois de contactar os autarcas acusados de decidirem as «ocupações selvagens».

Em torno das 44 horas

PS e PSD entenderam-se sobre a semana de trabalho

O limite máximo semanal de 40 horas de trabalho que o Partido Comunista propôs ontem na Assembleia da República não será por ora fixado: a proposta comunista nesse sentido foi rejeitada pelos votos do PSD e do CDS, em votação realizada a requerimento dos próprios proponentes. O PS absteve-se e o PRD votou a favor.

Em contrapartida, vai agora decorrer na Comissão Parlamentar apropriada o debate na especialidade do projecto do PS e da proposta do Governo no sentido de unificar os dois diplomas num só texto para, posteriormente, o submeter a plenário. Ambos defendem a redução do horário semanal de trabalho das actuais 48 horas para 44.

Quer o projecto quer a proposta foram aprovados, na generalidade, pelos votos de

todas as bancadas, com excepção da do PCP que se absteve. A proposta socialista tem a particularidade de baixar para 42 horas um ano após a entrada em vigor desta lei e para 40 a partir de 1 de Janeiro de 1993.

Odete Santos, deputada do PCP, comentou a proposta do Governo dizendo que ela «equivale à esmola de uma cêdea de pão». Esta ex-candidata à presidência da Câmara de Setúbal, que defendeu ontem a proposta da sua bancada, tal como a defendera em duas anteriores tentativas adiadas, garantiu ainda que no diploma apresentado pelo Governo se «exclui escandalosamente o trabalho rural».

Ambos os textos aprovados na generalidade também não respeitaram as orientações comunitárias, segundo Odete Santos.

B R E V E S

Collor em Portugal

O Presidente do Brasil, Collor de Melo, chega amanhã à noite a Lisboa para uma visita de 24 horas, anunciou o Ministério Português dos Negócios Estrangeiros. Depois de amanhã, Collor é recebido pelo chefe de Estado português, Mário Soares, seguindo depois para uma audiência com o primeiro-ministro, que oferece um almoço na sua residência oficial em S. Bento. À noite, o Presidente da República oferece um jantar no Palácio de Queluz.

Reduzir encargos familiares

O Governo Regional dos Açores reuniu-se, ontem, pela primeira vez com a participação do novo secretário da Economia, Mário Fortuna. Na reunião presidida por Mota Amaral, foi discutida a criação de apoios financeiros a famílias com dificuldades de pagamento de prestações à banca decorrentes da aquisição de casa própria. As ajudas propostas pela secretaria regional da Habitação e Obras Públicas, baseiam-se na necessidade de desonerar encargos que, para muitas famílias, correspondem a mais de metade dos rendimentos mensais.

Sampaio em Berlim

O secretário-geral do Partido Socialista, Jorge Sampaio, participa no Congresso da União dos Partidos Socialistas e Sociais-Democratas que amanhã começa em Berlim. Para preparar tal reunião, o grupo parlamentar dos socialistas europeus está hoje reunido em Reichstag, antigo parlamento alemão. Neste encontro participam oito eurodeputados socialistas portugueses, liderados por João Cravinho. A reunião da União dos Partidos Socialistas e Sociais-Democratas tem por tema principal o debate sobre «a nossa comunidade europeia, social, democrática e aberta». Estarão presentes representantes dos novos partidos sociais-democratas e movimentos democráticos de Leste, daí que no centro das discussões estejam, inevitavelmente as mudanças a Leste e as consequências no desenvolvimento da CEE.

Luis Sá em Moscovo

Luis Sá, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP, parte hoje para a União Soviética com uma delegação de comunistas portugueses que vão elaborar um estudo sobre o sistema político soviético e a actividade dos soviéticos. Esta visita realiza-se no quadro das relações de amizade e cooperação entre o PCP e o PCUS.

Na capital de um país neutro por imperativo constitucional, chefes das Forças Armadas dos blocos ocidental e de Leste compararam doutrinas militares de cada lado de uma guerra fria que derrete em vez de aquecer

Doutrinas militares discutidas com bom humor e optimismo

Um «Seminário sobre Doutrinas Militares», reunido durante quase três semanas em Viena, deu a oportunidade histórica de cabos de guerra dos dois lados em confronto na Europa compararem a forma como pensaram a guerra que afinal não houve e de começarem a ver a paz como uma coisa diversa do período que medeia entre dois confrontos armados.

Na reunião estiveram comandos militares ao mais alto nível dos países que participam na Conferência de Segurança e Cooperação Europeia, ou seja, todos os países europeus à excepção da Albânia, cuja ausência foi compensada, na assinatura da Acta Final de Helsínquia, em 1975, pelas presenças do Canadá e dos Estados Unidos.

Não se tratou de decidir sobre desarmamento, tarefa que compete aos políticos. Mas o próprio facto de se falar de forças e fraquezas, sem estar a contar espingardas e mísseis, foi por si só uma prova inédita da boa vontade.

Conferenciar em Viena

A própria localização desta assembleia inédita, no velho Hofburg, esteve de acordo com o seguimento do «espírito de Helsínquia», tantas vezes comparado com o da Conferência de Viena, uma reunião em que muito se dançou e se decidiu, por fim, um equilíbrio europeu, sob a batuta de Metternich, homem que levava a sério todas as brincadeiras e brincava com as coisas sérias.

Desta vez não se brincou muito, mas a atmosfera também não terá sido a de um jogo de guerra.

O general Soares Carneiro, chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas, esteve presente no seminário. Segundo noticiou a Lusa foi de opinião que os esforços bem sucedidos quanto



Soares Carneiro acha que o desarmamento «acresce as nossas potencialidades»

ao desarmamento podem tornar «provável que Portugal venha a adquirir importância acrescida devido às nossas potencialidades geográficas e estratégicas».

Não se vê bem como, no termo de uma reunião em que os soviéticos chamaram a atenção para as significativas reduções de efectivos (meio milhão de homens) e de despesas com a indústria bélica, já durante este ano, e quando o chefe militar americano, Colin Powell, desabafou: «Finalmente chegou a hora, que eu esperava há muito, em que é possível cortar nas despesas militares».

Do ponto de vista português, a pre-

visível vaga isolacionista já desde há tempos anunciada em cada uma das superpotências, fez decrescer a importância da Base das Lajes, por exemplo, como ficou provado na recente deslocação aos Estados Unidos do primeiro-ministro Cavaco Silva.

Novos terrenos de confronto

As disputas étnicas e territoriais na Europa Central voltaram, como nos anos 30, à primeira linha das preocupações. Os representantes da Hungria e da Checoslováquia, o diplomata Ferenc Somogyi e o general Anton Slimak, respectivamente, colocaram o acento tónico na capacidade defensiva das forças armadas dos seus países e, portanto, na desnecessidade de continuarem tropas soviéticas estacionadas nos respectivos territórios.

Uma das grandes novidades foi a presença e o contacto discreto entre os chefes militares da RFA e da RDA, pela primeira vez a falarem descontraditadamente. Apesar do estilo «à moda antiga» das intervenções da delegação da RDA, o discurso do general leste-alemão Manfred Graetz, sobre a reunificação das duas Alemanhas, recolocou um problema político grave na mesa de conversações que se queriam puramente militares.

Num momento de boa disposição, o general canadiano John de Chastellain repudiou qualquer intenção agressiva do seu país em relação a qualquer outro, ressaltando apenas uma situação: a dos desafios de hóquei sobre o gelo.

«Ai, olhamos com igual desconfiança tanto os nossos aliados como os não-aliados» disse, talvez lembrado das finais desta modalidade que animam os invernos canadianos.

J. I.

Embaixadores reúnem hoje

Nova política a Leste debatida no MNE

Os embaixadores de Portugal acreditados nos oito países do Leste reúnem-se hoje e amanhã em Lisboa com vista à preparação de um novo relacionamento bilateral, e da deslocação do ministro dos Negócios Estrangeiros às capitais destes países. O encontro visa também preparar a reunião Leste-Oeste, marcada para Março.

Portugal preside, desde Novembro, ao Conselho da Europa, por um período de seis meses e é neste contexto que se inscreve a recente deslocação ao nosso país de Catherine Lalumière, secretária-geral do Conselho da Europa.

A chamada dos oito embaixadores portugueses nos países onde se têm operado significativas mudanças políticas e sociais nos últimos tempos peca por algum atraso em

relação ao Governo de Madrid, que aproveitou as férias de Natal e Ano Novo para reunir os seus representantes, não apenas com Francisco Fernandez Ordoñez, mas também com Felipe Gonzalez em Moncloa.

Portugal não quer perder o comboio do Leste e, ligando essa preocupação ao facto da próxima reunião alargada do Conselho da Europa acolher os países membros e também do COMECOM, sob a presidência de Deus Pinheiro, está a tentar criar condições para um relacionamento aberto.

Neste aspecto, a recente deslocação de Soares à Hungria e à Checoslováquia, esta última a título particular, terá contribuído para simplificar todo o processo, não apenas em relação a esses dois países, mas a todos aqueles que passam por processos de democratização

crescente.

Os embaixadores portugueses nos países de Leste manterão também contactos com o Ministro do Comércio e Turismo, Ferreira do Amaral, e com responsáveis empresariais.

Para estes contactos deslocaram-se a Lisboa os embaixadores Luís Gonzaga Ferreira (Bulgária), Zózimo Justo da Silva (Hungria), João Cunha Matos (Jugoslávia), Luís Meneses Cordeiro (Polónia), Pedro Madeira de Andarde (RDA) e Sérgio Sacadura Cabral (URSS). Portugal não tem representante na Roménia, desde o encerramento temporário da representação de Bucareste, em Abril do ano passado, mas a sua reabertura está decidida para breve, garantiu já Deus Pinheiro.

Viagem-relâmpago às oito capitais

João de Deus Pinheiro efectua, nos primeiros dias de Março, uma «visita-relâmpago» às capitais dos países do Centro e do Leste da Europa, para preparar a sessão especial do Comité para análise das relações com aqueles países.

O ministro dos Negócios Estrangeiros visitará Berlim, Varsóvia, Moscovo, Budapeste, Sófia, Belgrado, Budapeste e Praga, sendo acompanhado nessa viagem pela secretária-geral do Conselho da Europa, Catherine Lalumière, e por altos funcionários desta organização e do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Na sequência dos processos de reformas lançados naqueles países, o Governo português decidiu reforçar o actual dispositivo de representação diplomática e comercial nas várias capitais. Aliás, a vinda a Lisboa daqueles embaixadores será também aproveitada para a abordagem de temas ligados às relações bilaterais no plano político e económico.

Dinamizar o comércio

O objectivo de dinamizar as actividades de comércio com aquele grupo de países originou a marcação de reuniões entre os embaixadores portugueses e o ministro Ferreira do Amaral, responsáveis do Instituto Português de Comércio Externo e representantes de várias associações empresariais.

A reunião Oeste-Leste de 23 e 24 de Março em Lisboa terá a presença dos ministros dos Estrangeiros dos 23 países do Conselho da Europa e dos cinco titulares dos Negócios Exteriores dos países de Leste. Os cinco (Hungria, Polónia, URSS, Checoslováquia e Jugoslávia) manifestaram a intenção de aderir a este organismo e lançaram processos de reforma tendentes à instauração de regimes democráticos.

A Hungria e a Polónia já solicitaram formalmente adesão ao Conselho da Europa, ao passo que os outros três países têm ainda o estatuto de observador.

Lusa/DL



Visite a grande Exposição da REGISCONTE

EXPO REGIS

Dias 6, 7 e 8 de Fevereiro, das 16:00 às 23:00 horas
HOTEL ALTIS — SALA PETRÓPOLIS

Uma grande EXPOSIÇÃO onde se apresentam todas as NOVIDADES da sua grande linha de MÁQUINAS, MÓVEIS e EQUIPAMENTOS.

ENTRE TODOS OS VISITANTES DA EXPOREGIS
SERÁ SORTEADO UM PRÉMIO



Sorteio a realizar no dia 8 de Fevereiro, pelas 22:00 horas, na Sala de Exposição, com a presença de um representante do Governo Civil.

ECONOMIA

É possível solução Sul para gasoduto ibérico

Solidariedade mediterrânica pode levar Portugal a aceitar o gás a entrar pelo Sul

Um dado novo surge na questão do gasoduto que deverá ligar Portugal a Espanha: o Governo português vai ser oficialmente contactado para se saber se está interessado na aquisição de gás argelino, segundo revela a agência Lusa que cita fonte do Ministério da Energia e Minas.

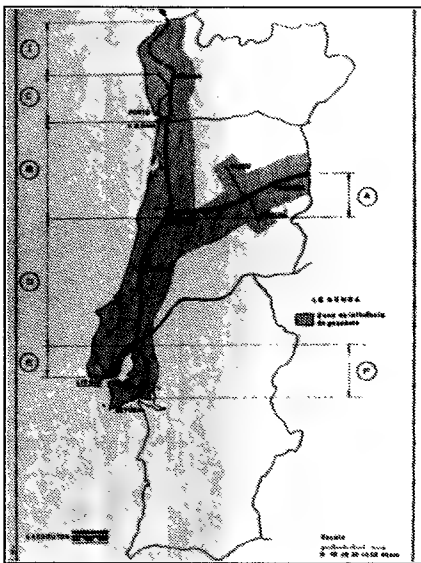
O problema com o gasoduto relaciona-se com a vontade do Governo português de que ele entre pelo Norte do país, enquanto que a Espanha se mostra mais interessada que entre pelo Sul.

Na cimeira ibérica de Sevilha, realizada no final da passada semana, foi este o único ponto polémico da agenda, tendo Cavaco Silva e Felipe Gonzalez decidido torná-lo através da nomeação de uma comissão para o analisar em profundidade.

Mas um consenso houve: há que encontrar uma «solução integrada e solidária». Significa isto, que os interesses dos dois países têm de ser salvaguardados. Para Portugal, o gás é uma matéria-prima energética importante para o desenvolvimento industrial dar um salto em frente.

Por isso a entrada do gasoduto pelo Norte, até Setúbal, afigura-se como mais rentável a curto prazo. É que se ele entrar pelo Sul necessita de infraestruturas (o gasoduto em si e a respectiva manutenção) implantadas no Alentejo sem grande benefício imediato para a economia daquela área (que contaria, no entanto, com uma infraestrutura energética que poderia acelerar a sua vertente industrial). Por outro lado, não se apresenta, actualmente, como grande consumidor, ao contrário da zona Norte e Litoral até Setúbal, que é precisamente a mais industrializada e, portanto, apta a rentabilizar logo de início o empreendimento.

Mas a Espanha também tem os seus problemas. É que pretende privilegiar o gás natural do Magreb, do qual é, aliás, já consumidor. Por outro lado, um gasoduto vindo do Norte de África e entrando em Portugal pelo Sul seria, como é lógico, um investimento menor do



Projecto português - entrada pelo Sul pode ter vantagens

que um que acesse todo o Norte de Espanha até aos Pirinéus, para ligação à rede europeia, que tem como grande fornecedor a União Soviética.

Acresce aqui a vontade da Espanha de manter e desenvolver relações económicas privilegiadas com a região do Magreb, a qual, aliás vai ao encontro de idêntica vontade (expressa, mas ainda longe de concretizada) de Portugal.

O Magreb é uma região mediterrânica onde os países latinos procuram alcançar posições de destaque na área económica. Portanto é legítimo que Portugal e Espanha acompanhem esse movimento. São mercados próximos, onde prevalecem vantagens comparativas, por exemplo, de custos de transportes em relação ao Norte industrializado.

Também, por seu turno, o Magreb já «descobriu» que com a constituição do mercado interno europeu tem de começar a afirmar a sua existência face ao Velho Continente. É assim que, no caso do gás, foi recentemente criada uma sociedade algero-marroquina para estudar um gasoduto Magreb-Europa, cujos primeiros passos naturais serão a ligação a Espanha e a Portugal.

Também é evidente que têm razão de ser as preocupações dos governantes daquela área, manifestadas à agência Lusa, pois que a evolução dos acontecimentos a Leste abrem novas perspectivas às relações CEE-União Soviética que, nomeadamente, podem levar a uma preferência pelo gás soviético.

A solução «magrebina» teria, portanto, um significado de virar de costas ao gás europeu por parte da Espanha e de Portugal. A concretizar-se esta situação, os dois países ibéricos teriam, por um lado, vantagens na instalação do gasoduto (menos quilómetros, menos investimento), mas, por outro, ficariam dependentes de uma única fonte de abastecimento, com a qual não teriam, em princípio, a mesma facilidade de pressionar como seria o caso da CEE.

Menos quilómetros e menos investimento, disse-se atrás, o que não é o caso específico de Portugal. Mas este problema poderia facilmente ser ultrapassado através de uma cooperação conjunta, se não entre Estados, pelo menos entre investidores privados, para assumir parte dos custos acrescidos de um gasoduto em território português que entre pelo Sul.

Quanto à dependência de uma só fonte, igualmente ela poderia ser ultrapassada. Ao Magreb, já se disse, interessa a ligação à rede europeia de gás. A Portugal e a Espanha também. Mas, mais importante, também interessa à Europa do Norte, já que poderia diversificar as suas fontes de abastecimento, pois que isso só poderia tornar os preços mais concorrenciais, pressionando-os no sentido da baixa.

Deste modo, justifica-se a decisão tomada na cimeira ibérica de Sevilha de nomear uma comissão que analise em profundidade todas as vertentes do problema, das políticas às económicas. E não é descabido que, ao fim e ao cabo, se venha a verificar que Portugal só terá a ganhar em não fazer finca-pé na decisão de o gasoduto entrar pelo Norte, mas dirigir-se para aquela zona a partir do Sul.

V.L.

B R E V E S

Indústria depende de empresários

A política industrial portuguesa tem de ser horizontal e liderada pela estratégia empresarial, afirmou Mira Amaral.

O ministro da Indústria e Energia, que prestou estas declarações ao lado de Martin Bangemann, vice-presidente da CEE, por ocasião da estadia deste em Lisboa, acrescentou que «o Governo apenas pode criar as condições favoráveis e disponibilizar recursos, além de dar algumas orientações estratégicas».

Martin Bangemann, por seu turno, disse que é «necessária uma Europa estreita, coesa, onde a aceitação de novos membros, quer no que diz respeito aos países de Leste quer aos da EFTA, não cause um enfraquecimento da CEE».

Investe-se mais em publicidade

Investe-se cada vez mais em publicidade. Em 1988, os investimentos realizados em Portugal ascenderam a 40 milhões de contos, o que representa um crescimento de 700 por cento em relação a 1982 e coloca o País na liderança europeia da expansão neste domínio.

Um estudo de Fernando Nascimento, publicado no boletim do Conselho Nacional do Plano, revela que o sector de serviços e produtos alimentares foi o que mais apostou na publicidade, ao investir 20 por cento do total, logo seguido pelo de equipamentos e serviços para actividades sociais e económicas.

Na lista dos 10 principais investidores, liderada pela Lever (um milhão de contos) e pela Nestlé (500 mil), só estão duas empresas portuguesas: a Santa Casa da Misericórdia e a Central de Cervejas.

Petrogal à descoberta do petróleo sírio

A Petrogal associou-se às empresas espanholas Repsol e Cepsa para a pesquisa e produção de petróleo na Síria. A área a explorar por este consórcio, em regime de partilha de produção, caracteriza-se por «uma enorme potencialidade petrolífera», afirmou fonte da empresa portuguesa. Antes do acordo assinado em Damasco com as autoridades sírias, a área estava reservada à companhia petrolífera local, a Syrian Petroleum Company. Este contrato de associação e partilha vem na sequência dos contactos que a Direcção de Pesquisa Petrolífera da Petrogal tem desenvolvido com empresas estatais de países produtores de petróleo e companhias petrolíferas de renome internacional, adiantou aquele responsável.

Com o objectivo de assegurar fontes próprias de abastecimento, a empresa estuda «criteriosamente» as propostas de participação, após o que opta pelas que se revelam «altamente promissoras do ponto de vista petrolífero, económico, contratual e fiscal».

No acordo feito com as empresas espanholas, a Repsol, que participa com 60 por cento, ficou reservada a função de operador. A parte da Petrogal é de 15 por cento.

Desequilíbrios alimentares são um escândalo

Couto dos Santos propõe criação de estrutura internacional de jovens agricultores

Jovens agricultores de todo o mundo o mundo reuniram-se em congresso, em São Paulo, na passada segunda-feira, com o objectivo de analisar as trocas internacionais de produtos agrícolas e as estruturas das organizações profissionais. Presente o ministro português da Juventude, Couto dos Santos, que lembrou que o «desequilíbrio alimentar que se verifica entre o Norte e o Sul assume foros de escândalo social e demonstra o fraco significado que palavras como cooperação e solidariedade hoje assumem na prática política».

Um momento especial do encontro, o primeiro feito na

América Latina e que contou com a presença de representantes de 55 países, foi trazido pela presença de uma delegação de congressistas da Associação dos Jovens Agricultores Portugueses (AJAP), que levou a este fórum internacional representantes dos países africanos de expressão oficial portuguesa.

Desde Janeiro que jovens agricultores desses países africanos se encontram em Portugal, a convite da AJAP, que organizou estadias em casas de agricultores portugueses, o que permitiu o contacto de perto com a realidade nacional, com projectos e objectivos de cada

um dos jovens agricultores portugueses. O presidente da AJAP, Moreira da Silva, citado pela Lusa, afirmou recentemente que a associação desde há seis meses «tem vindo a demonstrar o seu interesse em cooperar com os PALOP, particularmente no campo da formação profissional».

Mais solidariedade

Na intervenção que fez no congresso mundial, Couto dos Santos afirmou não ser politicamente admissível que, na entrada do terceiro milénio, «milhões e milhões de pessoas continuem a morrer de fome, ao mesmo tempo que noutras regiões, se verifica, existem

problemas na gestão de excedentes alimentares».

O ministro português chamou a atenção para o facto de, no ano 2.000, mais de 80 por cento dos jovens de todo o mundo estarem a viver numa região qualificada de Terceiro Mundo, pelo que pediu aos jovens agricultores que mantenham o seu próprio espaço de intervenção no sector, exigindo um novo modelo agrícola que assente na transparência e decisão participada na gestão de mercados agrícolas, utilização da terra e valorização social, económica e cultural do meio rural. Segundo noticiado, a intervenção de Couto dos San-

tos mereceu acolhimento positivo, por parte dos presentes, principalmente quando avançou com a proposta de as instâncias representadas promoverem, num esforço conjunto, uma agência mundial para o jovem agricultor, ou um comité permanente, que seja fórum de debate e reflexão dos problemas inter-regionais, nomeadamente a formação e intercâmbio.

Segundo propôs, esta agência constituiria um centro polarizador dos interesses dos jovens agricultores no triângulo Europa-América-Africa, que representa uma base comum de problemas e necessidades.

LOURES-ALMADA



José Carlos Pinto Gonçalves

86.02.7 — 90.02.7

4 anos de saudade

Maria Emília da Silva Pinto Gonçalves, filhos, netos e demais família recordam com profunda saudade, o seu marido, pai, avô e parente.

ECONOMIA

É urgente criar-se uma mentalidade europeia, afirma o secretário de Estado Vítor Martins, ao analisar a actual estado de Portugal face às principais questões que se colocam com a sua integração na CEE



Diplomacia portuguesa falha na Comunidade

A intervenção diplomática portuguesa não terá sido suficientemente agressiva na Comunidade Europeia, reconhece em entrevista concedida ao DL o secretário de Estado para a Integração Europeia, Vítor Martins. Considera também que a quase ausência de «lobbies» empresariais portugueses enfraquece a posição do nosso país. A Carta Social, o atraso na adesão de Portugal ao Sistema Monetário Europeu que, alguns observadores consideram prejudicial, e as repercussões das mudanças políticas e económicas nos países de Leste são outros dos temas abordados por Vítor Martins.

Diário de Lisboa - Como analisa o actual estado de integração de Portugal na CEE? Que evoluções futuras são previsíveis?

Vítor Martins - Entre o muito que se poderia dizer, há coisas que gostava de sublinhar. Em 1990, temos de olhar para a nossa posição na Comunidade, já não tanto como um Estado que ainda

está em esforço de integração, de adaptação, quase como em transição, mas um Estado, como os outros da CEE, em velocidade de cruzamento, assumindo solidariamente as coisas boas e as más, as vantagens e os sacrifícios, o brinde e a fava do bolo rei que é comum a todos. Isto envolve uma mudança de mentalidades na administração pública, nos empresários, no Governo, nas forças políticas.

Em 1990, Portugal tem de reforçar a sua intervenção diplomática no exterior. A Comunidade veio trazer um valor acrescentado importante em termos de prestígio ao nosso país. Portugal é hoje mais conhecido em todo o mundo. Temos um capital muito importante. Devemos agora rendibilizar esse capital adquirido pela adesão através de uma acção diplomática mais expedita, não só no interior da CEE, mas também nos países terceiros, na zona do Mediterrâneo, na África, na América Latina, nos EUA, na Ásia. Portugal pode ser uma verdadeira

ponte em muitas regiões do mundo.

Este ponto é fundamental para o êxito da presidência portuguesa em 1992 e devemos assumi-lo quando nos couber, na volta à mesa, assegurar a condução dos destinos da vida comunitária. Julgo que cabe à nossa presidência essa vocação universal que Portugal transporta consigo dentro da Comunidade. Devemos agora valorizá-la dentro da nossa diplomacia.

DL - O Governo português não se opôs à eliminação da cláusula da Carta Social que garantia aos trabalhadores de uma empresa de um país membro ter as mesmas garantias salariais e sociais quando estivesse a trabalhar num parceiro da Comunidade. Sendo esta atitude gravosa para os trabalhadores portugueses, o que levou o Governo a aceitar a proposta britânica?

V.M. - A competitividade da economia portuguesa está ainda muito dependente do nível salarial, sobretudo quando se mantiver um atraso substancial nos domínios da produtividade, da tecnologia e da organização. Não podemos, por isso, permitir que, por acordos ou regras relativamente artificiais, se proceda a uma harmonização salarial no espaço europeu que seria na prática eliminar uma boa parte do tecido empresarial do nosso país. Nessa perspectiva Portugal não poderia aceitar que as empresas portuguesas que exercem a sua actividade no estrangeiro em regime de sub-emprego fossem obrigadas a praticar os mesmos salários que as empresas desses Estados membros. Isso seria inviabilizar à partida o acesso das empresas portuguesas aos mercados dos outros Estados e amputar essas empresas das grandes vantagens desse mercado europeu.

Queria sublinhar que uma coisa é o respeito dos salários e dos direitos dos trabalhadores que estão a prestar serviço nos outros Estados membros, direito que está consagrado na Carta Social e que defendemos. Outra situação são as empresas portuguesas que podem ter acesso a certos contratos no exterior e que se forem obrigadas a pagar os mesmos salários e a dar as mesmas garantias, estão à partida

banidas de competir lá fora.

Foi para salvaguardar essa competitividade das empresas que Portugal exigiu essa faculdade de poder, no regime de sub-emprego, manter essa diferenciação. No fundo, entendemos que aquilo que uma empresa portuguesa faz lá fora é uma extensão daquilo que é a sua actividade no território nacional.

DL - Não poderá Portugal tornar-se num espaço para exploração de mão-de-obra barata, não só por empresas portuguesas como também por outras europeias a quem bastará abrir um escritório para beneficiar da situação, sem que daí advenham benefícios económicos para o país?

V.M. - Nós estamos inteiramente contra tudo o que possa assemelhar-se a tráfico de mão-de-obra. Estamos dispostos a lutar contra iniciativas, sejam portuguesas ou estrangeiras, que no fundo visem apenas aproveitar mão-de-obra portuguesa para levar para outros países e aproveitar o facto de ser mais barata, abundante e disponível.

Europa dos cidadãos

DL - Um facto ineludível é que a construção da Europa económica está muitíssimo mais avançada do que a da Europa social ou dos cidadãos. Sendo que dificilmente a primeira será possível sem a segunda, como é que encara a actual situação?

V.M. - É indiscutível que a CEE tem dado uma prevalência à componente mercantil da construção europeia. Não nos podemos surpreender muito por isso porque na génese dessa construção houve uma motivação económica decorrente de uma situação política emergente do pós-guerra.

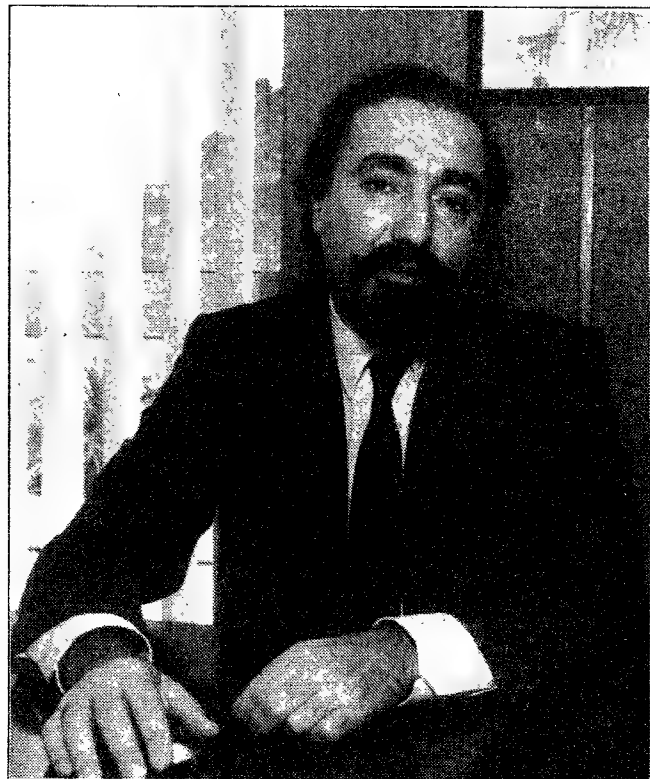
Em termos de futuro é impossível considerar novas etapas de integração europeia se não superarmos esse défice no domínio da Europa social e dos cidadãos. Se avançarmos na realização do mercado interno até 1992, na UEM, sem acautelar essa vertente, essa face humana da construção europeia, nós podemos chegar à construção de uma Europa híbrida, dominada por algumas elites do poder, por algumas eurocracias, desligadas da realidade do quotidiano dos cidadãos.

Para ultrapassar a situação

deve levar-se a Comunidade a tomar iniciativas em áreas que até hoje tem estado alheia. Por exemplo, no domínio da educação a actividade é incipiente, embora recentemente se tenha dado um passo importante com a harmonização dos diplomas do ensino superior que permitirá a livre circulação no espaço europeu e seguidamente com outros níveis de ensino até se chegar a uma harmonização de todas as qualificações profissionais.

tal ponto que o Grupo Socialista do Parlamento Europeu ameaça boicotar todas as iniciativas de carácter económico (pelo menos ao nível do orçamento comunitário) caso não se verifiquem avanços significativos no domínio social. Como analisa o quadro resultante da concretização de um tal boicote?

V.M. - Eu queria dizer-lhe, antes de mais, que a Carta Social está aquém das expectativas também para nós. Mas não por lhe faltarem algumas cláusulas que têm a ver com a dimen-



Vítor Martins, secretário de Estado da Integração Europeia: «Em 1990 Portugal tem de reforçar a sua intervenção diplomática no exterior»

Há também a vertente cultural. Nós não podemos permitir que a Comunidade seja apenas a expressão de «lobbies» empresariais. Nós temos apoiado sempre uma dimensão social na Europa, o que não estamos de acordo com uma Europa que pretenda harmonizar salários artificialmente, numa posição administrativa.

Outra questão é a mobilidade dos cidadãos. Precisamos de eliminar as fronteiras. É por via dessas vertentes que têm sido até hoje laterais que vamos poder consagrar essa consciência da cidadania europeia, mais do que através dos fundos estruturais e dos fundos de investimentos à conta dos apoios comunitários.

DL - A pretensão da Carta Social fica muito aquém das expectativas das forças ditas sociais. A

são laboral. Está aquém porque ignorou essa dimensão da Europa dos cidadãos que há pouco falávamos. Houve um excessivo afunilamento com as questões meramente sindicais. Por exemplo, a saúde e a juventude são dois aspectos secundarizados na Carta Social.

No que respeita ao boicote, penso que o PE não tem competência para exercer boicotes a decisões deste tipo. Mais importante que a atitude de boicote é manter uma atitude negocial em todos os dossiers que permita cada vez mais estender a Comunidade Europeia da sua dimensão mercantil natural, à dimensão social e humana que referimos.

DL - A primeira-ministra britânica opôs-se à Carta Social considerando que deveriam

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48\$80	54\$80
ALEMANHA FED. (marco)	87\$30	88\$50
ÁUSTRIA (xelim)	12\$40	12\$60
BÉLGICA (franco)	3\$974	4\$224
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	121\$95	124\$45
(notas de 5 a 1000)	122\$45	124\$95
DINAMARCA (coroa)	22\$55	22\$95
ESPAÑA (peseta)	1\$311	1\$431
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	144\$90	148\$40
(notas de 5 a 1000)	145\$40	148\$90
FINLÂNDIA (marka)	36\$95	37\$55
FRANÇA (franco)	25\$65	26\$35
HOLANDA (florim)	77\$40	78\$50
IRLÂNDIA (libra)	232\$40	236\$40
ITÁLIA (lira)	\$107	\$122
JAPÃO (iene)	\$958	\$1013
NORUEGA (coroa)	22\$50	23\$00
REINO UNIDO (libra)	247\$70	252\$20
SUÉCIA (coroa)	23\$80	24\$30
SUIÇA (franco)	98\$00	99\$50
VENEZUELA (bolívar)	3\$175	3\$975

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

ECONOMIA



Vítor Martins: «A adesão à CEE envolve uma mudança de mentalidades na administração pública, nos empresários, no Governo, nas forças políticas»

vigorar para o mundo laboral as leis de mercado. Sendo certo que a parte económica (empresas e empresários) tem sido fortemente apoiada pela Comunidade, com dinheiros que, no caso português, são maioritariamente receitas de impostos do trabalho, como analisa esta contradição? Que coesão é esta? Será que o Governo português a apoia?

DL - A posição portuguesa não foi coincidente com a britânica. Se se refere ao conceito de coesão que a senhora primeira-ministra britânica defende, não é o nosso. Nós entendemos que os apoios que vêm para as empresas e para a iniciativa económica em Portugal constituem um suporte importante para o desenvolvimento económico do nosso país. E entendemos que ele deve ser justamente repartido por todos os intervenientes, empresários, trabalhadores e todos os agentes económicos e sociais. Mais, entendemos que esses apoios devem ser aferidos por uma racionalidade do desenvolvimento económico e regional. Nós estamos contra a ideia de que os apoios da Comunidade devam depender do livre jogo do mercado, da livre iniciativa económica. Sabemos, à partida, que é preciso corrigir esse desenvolvimento da iniciativa que o mercado proporciona com intervenções estimuladas a partir de Bruxelas e a partir dos governos centrais.

Contribuinte líquido

DL - Portugal parece ser, finalmente, um contribuinte líquido da Comunidade. Trata-se de um problema puramente académico ou terá ele alguma relevância em termos económico-financeiros para o País?

V.M. - Há que negar essa ideia. Portugal é um beneficiário líquido da CEE desde o primeiro ano, ao longo dos últimos quatro anos e assim acontecerá nos próximos anos. Nós temos um saldo favorável nas contas financeiras da Comunidade largamente excedentário. Em termos de saldo líquido ficamos à volta de dois terços de todos os dinheiros que entram. Em cada cem unidades que entram em Portugal com o apoio da Comunidade, nós contribuimos no global e no máximo com cerca de 33 unidades.

DL - Mas na prática, em contrapartida, Portugal é que envia mão-de-obra barata e importa cada vez mais.

V.M. - Os apoios comunitários são aplicados em Portugal nas infraestruturas, formação profissional,

apoio ao investimento produtivo e modernização da agricultura. Isto absorve milhões de contos que vêm de três fundos estruturais: Fundo de Desenvolvimento Regional, Fundo Social Europeu e Fundo de Orientação Agrícola. Quando estamos a fazer uma estrada nova, um novo porto ou a melhorar as redes de telecomunicações; quando estamos a fazer cursos de formação profissional a operários da metalomecânica ou da construção civil ou a investir em matéria de modernização agrícola, estamos a criar condições para que também os trabalhadores e o resto dos cidadãos beneficiem disso. Está-se a criar uma base económico-social mais consistente em direcção ao futuro.

DL - A adesão de Portugal ao Sistema Monetário Europeu não é de certeza uma questão académica. O atraso na decisão pode ser extremamente prejudicial para Portugal. Quais são as últimas decisões do Governo nesta matéria?

V.M. - Não subscrevo a ideia de que o atraso na decisão seja prejudicial. Acho que se deve aderir ao SME na altura em que houver condições para o fazer. Não é uma questão académica, tem a ver com as condições macro-económicas e a capacidade estrutural da economia. Enquanto a economia portuguesa não estiver consolidada do ponto de vista interno e externo, enquanto a inflação não estiver próxima dos níveis europeus seria uma atitude gratuita e penalizante para os interesses portugueses precipitar a adesão de Portugal ao SME.

Nós estamos a fazer os estudos para preparar essa adesão no quadro do que são os nossos compromissos comunitários. É a mesma postura que assumimos na discussão da União Económica e Monetária. Portugal deve assumir essa adesão a prazo na condição que pode dar esse passo sem fazer perigar os equilíbrios

fundamentais da nossa política económica. O que acontecerá depois de 1992.

DL - A intervenção das empresas portuguesas junto das instituições europeias tem sido deficiente. O que é que o Governo tem feito, na sua esfera, para alterar esta situação?

V.M. - É verdade que nessa matéria nós temos um défice, o que não é de estranhar por que estamos todos a aprender. Queria, no entanto, sublinhar que estamos numa posição em que intervimos crescentemente ao nível empresarial. A tendência é boa e cada vez mais as empresas estão a intervir no processo industrial. Ainda recentemente a AIP se instalou em Bruxelas procurando incentivar a sua presença na vida comunitária. A condução dos assuntos comunitários tem a ver com a capacidade de pressão dos interesses económicos na hora certa quando se tomam as decisões.

O Governo tem procurado seguir duas linhas. Uma é a de veicular informação, estimular os empresários para a importância dos fenómenos europeus. Em segundo lugar, dando apoios a associações empresariais que pretendem ter uma via mais rápida para Bruxelas.

DL - A limitação de quotas de pesca a Portugal no Atlântico Norte foi uma derrota do Governo e da diplomacia portuguesa ou uma atitude de bom senso?

V.M. - Temos um certo vício em falar em derrotas e vitórias como se fôssemos um parceiro estranho à Comunidade, quando a realidade é outra. Portugal no Conselho das Pescas, em Dezembro, não pôde fazer vingar os seus pontos de vista e foi tratado de uma forma discriminatória. É tanto assim que Portugal acaba de decidir levar o assunto ao Tribunal de Justiça das Comunidades Europeias.

O que está aqui em causa é uma matéria muito complexa do ponto de vista jurídico, mas que no plano político não temos dúvidas de que temos razão. Temos direitos históricos de pesca no Atlântico Norte dos quais não podemos abdicar.

Espaço a 18

DL - A EFTA mostra-se disponível para uma quase adesão à CEE, numa figura que se assemelha a uma fusão. Como analisa as repercussões que pode ter para Portugal tal eventualidade?

V.M. - Os Estados da EFTA vêm manifestando, nomeadamente a Áustria, o interesse de se aproximarem e mesmo se integrarem na CEE. Julgo que esse movimento é inteiramente positivo e tem o nosso apoio. Portugal esteve na EFTA durante 25 anos. Foi nela que demos os primeiros passos da integração europeia, foi com a EFTA que aprendemos a fazer parte das grandes organizações económicas da Europa.

Não é difícil, portanto, termos um relacionamento muito estreito, muito político com esses Estados, estar do seu lado e dar-lhes inteiro apoio.

Em todo o caso, essa aproximação tem que ser vista com algumas cautelas. A primeira é que a CEE está também ela própria num processo de mudança e não está portanto em condições de assimilar novos Estados de um momento para o outro. Nós vamos realizar o Mercado Interno até 1992, primeira etapa, vamos ter a UEM logo a seguir. Não é desejável que estas adaptações que estão a ocorrer no interior da Comunidade sejam perturbadas.

Em segundo lugar, o processo de decisão na CEE a 12 já é complexo. Juntar mais uns quantos Estados que vão entrar, torna o edifício ainda mais complexo. Talvez seja preferível encontrar uma forma intermédia. De resto, tem sido designada como

Espaço Económico Europeu que integraria os 12 mais os seis da EFTA. Seria um espaço a 18 que constituiria uma grande intimidade mas teriam as suas estruturas autonomizadas, portanto sem promiscuidade institucional.

Fascínio do Leste

DL - Os fenómenos que se passam no Leste europeu estão a ganhar uma dimensão de autêntico terramoto político e económico. Como analisa o futuro quadro europeu? Que repercussões podem advir para Portugal?

V.M. - É efectivamente um quadro que obriga a grandes mudanças no Leste e no Oeste. Em primeiro lugar gostava de frisar que nós estamos no início de um processo. Tudo aquilo que se passa no Leste suscita o nosso fascínio pelas proporções que tem e pelo extraordinário grito de liberdade que percorre todos os Estados do Leste. É indiscutível que esses Estados estão a dar os primeiros passos numa longa caminhada cujo o momento final está longe de ser previsível a esta distância.

O segundo aspecto é que a CEE deve ter, para além de uma atitude solidária, uma atitude negocial, isto é, devemos estender a mão a esses povos como o estamos a fazer através de ajuda alimentar, financeira e de relações comerciais. Mas não devemos perder de vista que é necessário que esses Estados assegurem uma resposta em termos das suas próprias mudanças políticas e económicas.

É indispensável que esses Estados que caminham para as democracias políticas à semelhança do que acontece com as democracias políticas dos Estados da CEE, que caminhem também para as economias de mercado por que se não a ajuda da Comunidade não será mais do que alimentar a concorrência distorcida e desleal que vem perturbar por com-

pleto as normas que lideram o espaço da CEE.

Isso para nós era pernicioso. Imagine-se o que seria se viéssemos a criar uma concorrência dos países do Leste, não sujeita a regras como acontece no interior da CEE. Poderia atingir os pontos vitais da nossa economia, como é o caso dos têxteis.

O último ponto que queria salientar é que o Leste da Europa contém oportunidades excepcionais para a economia portuguesa. Não podemos olhar para estes desenvolvimentos de Leste como uma fatalidade, mas como mais uma oportunidade para desenvolvermos os nossos negócios, em termos industriais, comerciais, tecnológicos e de formação profissional. Temos também muito a dar, até pelo facto de não sermos uma grande nação europeia, sermos um pequeno país que também viveu as convulsões da sua própria democracia e do seu próprio desenvolvimento económico. É uma oportunidade para os nossos empresários e para a economia portuguesa de um modo geral.

Excedentários do Leste

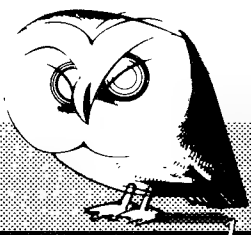
DL - A Comissão Europeia mostra-se favorável à entrada na Europa dos Doze de trabalhadores excedentários dos países do Leste. Que significado pode ter este facto para a Comunidade em geral e para Portugal em particular?

V.M. - Nós não temos ainda na mesa do Conselho uma proposta nesse sentido. Não posso por isso comentar quais são as ideias da Comissão. Devo dizer que não podemos ver de uma forma leviana um movimento desta natureza. Temos mais de um milhão de portugueses que trabalham na Comunidade, fizemos uma luta muito difícil no plano interno para sair de taxas de desemprego elevadas para taxas mais razoáveis como as que existem neste momento. Não nos parece que por uma pressão de trabalhadores vindos de fora da Comunidade pudéssemos fazer perigar postos de trabalho estáveis que temos em Portugal e nos outros Estados membros.

Temos que ver com cautela esse surto de trabalhadores até porque julgo que não será de interesse principal dos países de Leste favorecer esse tipo de êxodo. Porque uma das riquezas que o Leste tem para o seu próprio desenvolvimento é a sua base humana, o seu nível educacional, cultural e de formação generalizada.

Rui Ferreira e Sousa

CULTURA



olhar de mocho

«Apartheid»

Quando um programa de análise e reflexão como é suposto ser o «Primeira Página» propõe um tema, é de esperar que ele comece pela fronteira que separa os factos já so- bejamente conhecidos, daquilo que essas mesmas análises e reflexões terão de desbravar. Ora o programa sobre África do Sul e *apartheid* que ontem começou às nove e vinte, na realidade, só teve início às dez da noite quando Medeiros Ferreira varreu o lixo para o cesto que lhe é destinado e pôs dois dedos em duas feridas. Mas antes de irmos ao assunto regista-se o facto meritório de o mesmo Medeiros Ferreira ter corrigido o moderador: ele foi ministro dos Estrangeiros de um Governo constitucional. Se o Joaquim Von Ribbentrop não tivesse sido condenado à força em Nuremberga, acaso seria pensável que numa Europa democrática e civilizada ele aparecesse a defender posições neonazis em programas televisivos?

Mas vamos aos dois pontos fundamentais, focados por Medeiros Ferreira. O problema político do *apartheid* é problema por ele ser de brancos que não têm pátria para onde regressar. Os Bóers, na sua maioria holandeses, embora com alguns alemães à mistura, *teoricamente* poderiam regressar à Holanda. Só que esses Bóers formaram um Estado teocrático nas regiões do Cabo e com isso desnacionalizaram-se da Holanda. Importa acrescentar o papel que a religião calvinista teve na formação do Estado dos Bóers. Calvino, um «poeta menor» entre os teólogos do século XVI, inventou a curiosíssima teoria da «predestinação»: Deus escolheu um certo número - muito restrito - de pessoas que predestinou para as glórias paradisíacas. Os calvinistas, evidentemente, fazem parte da seita, do *apartheid*, dos que têm em regime de exclusividade o passaporte visado para entrar no Éden celestial. Ora quando esses Bóers holandeses (na sua maioria) entraram no Sul de África fizeram duas coisas: proclamaram, primeiro, o Estado deles, e com isso deixaram de ser cidadãos holandeses, e em segundo lugar, negaram aos naturais qualquer pretensão de adquirirem a cidadania de «filhos de Deus». Nisto se distingue o *apartheid* da colonização anglo-saxónica, inspirada em princípios luteranos e que por isso mesmo, colocava todos os homens iguais diante de Deus, facto que acelerou o processo de descolonização, e também da colonização dos portugueses e espanhóis em que o princípio teológico da obrigatoriedade da conversão à força ao catolicismo serviu para legitimar a exploração colonial. Agora os Bóers porque não têm para onde ir, são mesmo obrigados a converterem-se à democracia. O segundo ponto, lembrado por Medeiros Ferreira, salvou o programa. Vou tentar não trair o pensamento do autor: quando os «maus» do Leste já são bons, os «bons» do Ocidente cristão não serão Quixotes ao verem Satanazes em moínhos de vento?



José S. Monteiro

Fantasporto. O horror natural e o horror artificial: qual deles nos toca mais...?

O «Monge Negro»: um filme Gorbachev de ver, ouvir e pensar

Dois filmes, em dias alternados, deram-nos a possibilidade de contrapor o horror da vida que temos por normal ao horror artificial com que essa mesma vida, por vezes, nos é apresentada. Título das películas: «O Monge Negro», do russo Ivan Dikovitchni, e «Monster in the Closet» (literalmente, «O Monstro no Armário»), do norte-americano Bob Dahlin. O primeiro, antestreia europeia, concorre aos prémios do Festival português.

Fora de qualquer dúvida: com «O Monge Negro», inspirado no conto de Anton Tchechov com o mesmo título, marcou o Fantasporto pontos de qualidade indelmentíveis. Trata-se de um filme em que o silêncio (atribuído ao presente no teatro tchechoviano) nos apresenta o direito à diferença, requisito, como é sabido, da era de Gorbachev. Rodado em 1988, o filme, recuando aos tempos clássicos da literatura russa, dá-nos um homem dividido, hesitando entre o que está para além de nós e o que facilmente se apanha com os olhos e as mãos.

Enquanto no primeiro estado (jogando, por consequência, com toda a sua individualidade) se sente plenamente feliz, no segundo estado, a que é obrigado (casamento, vida social, etc.), toma-o uma sensação de angústia e zanga interior. Esta

última maneira de ser, como é óbvio, traz a infelicidade às pessoas que com ele estreitaram relações. Uma opção se impõe a tão dividida personagem (interpretação a não esquecer de Stanislav Liubshin): ir ao encontro do que está para além de nós, assumindo esse «além», na era que atravessamos, um sentido simbólico polivalente. Numa palavra: a sua íntima individualidade impõe-se ao meio asfixiante, feito embora de boas intenções, em que o haviam metido. Ei-lo, pois, que segue a voz livre de um monge negro (lenda russa) que só ele escutava, quer em sonhos, quer acordado...

«Mas - perguntará o leitor - onde é o terror neste filme?»

A própria existência, simplesmente. E é neste ponto preciso que o realizador, Ivan Dikovitchni, se mostra como um grande cineasta: são demorados planos perante os olhos do espectador (muros, escadarias, paredes); é o esvoaçar de cortinados como que tocados por forças exteriores que não só a do vento; certos recantos que, por jogos de luzes (mais do que por efeitos especiais), nos dizem que uma coisa é e não é ao mesmo tempo; a música (Teimoraz Bakuradze), que cordas sublimes!, sublinhando este e aquele estado de alma; a flora (nomeadamente o pomar) como que engolindo as mais íntimas aspirações humanas...

Evidentemente que só vendo o filme (com olhos e ouvidos, para além de um sexto sentido de que não devemos sorrir...), é que o dito filme nos revela todo um mundo que, em breve, se cristaliza em terror dentro de nós. Um terror, bem entendido, que unicamente surge quando o pensamento se detém nas coisas simples e se interroga sobre que ponto do Universo (e haverá Universo?) vieram elas até nós, formando um círculo à nossa volta, e impedindo que a nossa individualidade, o íntimo dos íntimos, se expanda e se perca no desconhecido em busca de uma verdade que de maneira nenhuma apreendemos na contemplação, por exemplo, de uma simples cadeira. Ou até no filme que acabámos de referir - e é aqui precisamente que reside a grande lição do realizador russo, retornando aos clássicos, que dá pelo nome de Ivan Dikovitchni.

«O Monstro no Armário»

O horror artificial a que acima nos referimos, com esta ou aquela «nuance», surge-nos em «O Monstro do Armário» (tradução de «Monster in the Closet»), realização de Bob Dahlin, 1986. Ponderados todos os episódios, o espectador apercebe-se de que se trata de um exercício (fácil) sobre os filmes

de terror. Mas tão cândida é essa intenção que, francamente, semelhante exercício não resulta devidamente - e, às tantas, a plateia está a assistir a um filme bem humorado. No entanto, há um monstro, simplificação do conhecidíssimo «King-Kong», que, em San Francisco da Califórnia, não deixa de causar os seus problemas: morte, susto, ansiedade... Acaba tudo em bem (dá um certo humor do filme), uma vez que o referido monstro, com tendência para se esconder em armários e outros sítios reservados, acaba por se apaixonar por uma das eventuais vítimas - um jovem simpático que, na óptica do monstro, mais apaixonante se torna quando perde os óculos. Fica a vítima com uma carinha de adolescente de fraldas que... «Afinal o tipo não é um monstro - oubiu-se na plateia -, o que ele é, e ninguém se ofenda é uma 'monstra' toda sensível à beleza do ser humano!»

Filme não submetido a concurso, menos violento que outros já passados no Fantasporto, não evita, porém, que pensemos que o dito cinema de terror está mesmo a necessitar (salvo seja!) de uma «perestroika» ao contrário. Que substituindo aquele termo russo: de mais imaginação, de mais audácia, de mais surpresa.

Pedro Alvim



José Blanc de Portugal e Alexandre Cabral



Atribuídos os prémios da Associação de críticos

Os escritores José Blanc de Portugal e Alexandre Cabral conquistaram ontem os prémios de 300 contos cada, atribuídos pelo centro de Portugal da Associação Internacional de Críticos Literários.

José Blanc de Portugal foi distinguido com o prémio da «crítica» pela obra «Eneadas - 9 novenas», tendo o respectivo júri sido constituído por

Fernando Martinho, Hélder Godinho e João Rui de Sousa.

Alexandre Cabral obteve o prémio «Jacinto do Prado Coelho» pelo ensaio «Dicionário de Camilo», atribuído por um júri formado por Cristina Almeida Ribeiro, Júlio Conrado e José Nobre da Silveira. Os prémios, relativos ao ano de 1989, são subsidiados pela Secretaria de Estado da Cultura.

B R E V E S

Reencontro de Carlos Paredes e Charlie Haden

O guitarrista português Carlos Paredes acabou de gravar em Paris um novo disco com o contrabaixista de jazz Charlie Haden com quem tocou há 12 anos em Portugal.

«A ideia foi do Charlie Haden», disse ontem à agência Lusa, Carlos Paredes que se declarou «muito satisfeito» com a gravação do álbum que terá edição internacional em Setembro, em França.

«Entendemo-nos muito bem na improvisação dos temas e o casamento do contrabaixo com a guitarra portuguesa foi perfeito», disse.

Nos inícios dos anos 60, Haden tocou no grupo do vibrafonista Red Norvo, lado a lado com Archie Shepp e em 1969 criou e gravou com a famosa Liberation Music Orchestra.

No princípio dos anos 70 começou a colaborar com a pianista e compositora Carla Bley no projecto «Escalator Over The Hill» e no final de 1971 fez parte do trio de Keith Jarrett com o baterista Paul Motian.

Antes do 25 de Abril, Charlie Haden incluiu no seu disco «Closeness» uma composição dedicada a Portugal com o título «For a Free Portugal».

Teatro Fronteira em Barcelona

Há longos anos debruçado muito em especial sobre a obra de Beckett, por mão do seu encenador e dramaturgo José Sanchis Sinisterra, o Teatro Fronterizo apresenta neste momento em Barcelona, na recém-estreada Sala Beckett, uma retrospectiva de parte dos espectáculos que, ao longo de doze anos de carreira, foi apresentando ao público espanhol, sul-americano e mesmo português.

Embora esta iniciativa já tivesse sido organizada e nada tenha de imediato a ver com a recente morte de Samuel Beckett, vem, por razões óbvias, revestir-se de um particular interesse por parte das peças apresentadas serem de Beckett ou adaptações que Sinisterra fez de obras de Beckett.

Um desses espectáculos, que me foi dado ver, é *Mercier e Camier*, neste caso igualmente adaptado por José Sanchis Sinisterra, mas com encenação de Pierre Chabert, que, sendo amigo próximo do próprio Beckett, tinha já em França feito um outro trabalho baseado no mesmo texto.

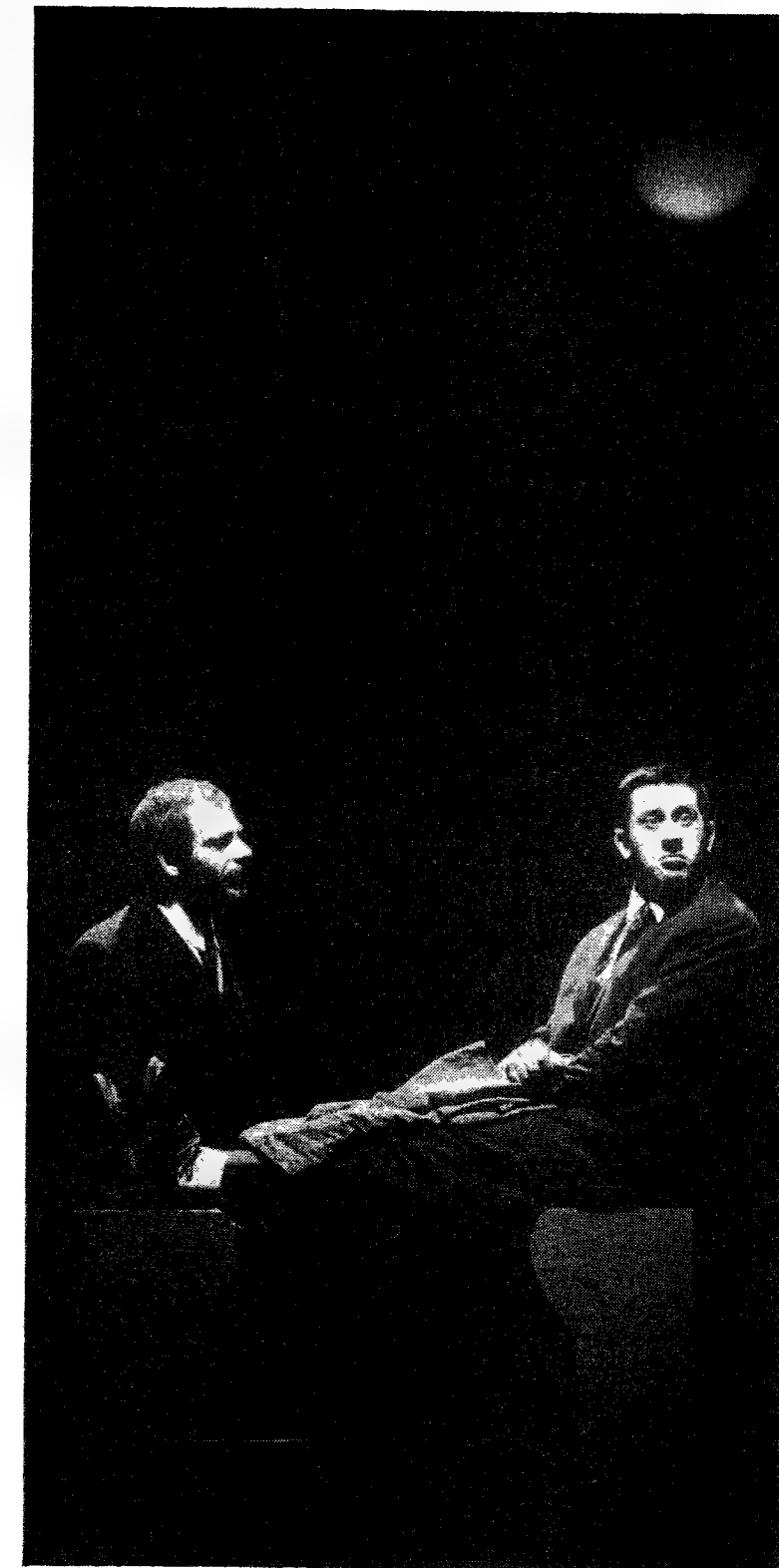
Espectáculo de excepcional qualidade, *Mercier e Camier*, através de um despojamento quase total põe em cena dois homens, dois amigos inseparáveis ou talvez separáveis com muita dor, os quais são afinal duas partes complementares não de um ser mas da própria existência, das suas finalidades e das suas não finalidades, do seu vazio cheio de coisinhas sem sentido, ou cujo sentido é, na melhor das hipóteses dar sentido ao vazio e origem ao silêncio. O tema, a viagem que os dois amigos querem empreender e levam todo o espectáculo a começar sem nunca acabarem por partir, poderia facilmente dar origem a um espectáculo de recortes sérios ou até pesados. Ora o que acontece é precisamente o contrário. Pierre Chabert deu à representação um curiosíssimo tom burlesco, no limite entre a representação «normal» e aquela, mais exagerada, por exemplo de um palhaço no circo ou contendo os exageros de situação ou de gesto de um actor burlesco nos tempos do cinema mudo, ou ainda, o que tem igualmente muitas relações com Beckett, as origens do music-hall inglês, com os seus números cómicos.

O resultado obtido com este tipo de representação, associado a partes narrativas em voz «off» ditas pelo próprio Sinisterra, é um espectáculo que, sendo profundamente cómico, é também profundamente melancólico, atingindo por vezes densidades insuspeitadas para o espectador que está quase habituado à ideia de estar a ver uma peça para rir e que de facto faz rir imenso. O que acontece, é que o estranho tipo de representação adoptado, que de início, embora muito cómico, começa por parecer artificial, só ao fim de alguns minutos adquire um novo sentido, como se aqueles dois homens fossem de uma raça ligeiramente diferente, e que para eles falar assim e ter actuações tão recortadas fosse natural. Deste modo, Luís Miguel Climent, surge com o aspecto de uma espécie de enorme boneco de gabardina, lembrando um pouco o sr. Hulot de Jacques Tati, tosco, desarticulado, vagamente trapalhão, e dando aquela sensação de não se adaptar ao espaço em que vive. Manuel Dueso, em *Mercier*, tem um ar mais apuradinho e por detrás da sua barba surgem a cada instante expressões infantis, como se se tratasse também de uma outra parte da mesma personagem: a infância. Assim, Beckett dá-nos como sempre pistas para várias épocas da existência de tal modo articuladas pelo decorrer das acções que é o tempo que acaba por ser posto em causa. Estaremos agora? Daqui a pouco? Há mil anos? Porquê este silêncio quando nos calamos? Será que algum dia algo mudará? Alguma vez sairemos daqui?

E ficam, depois da última fala narrativa, gotas de água a cair, é a chuva, é um continuar de sons num espectáculo que não tem fim definido, como a própria vida o não consegue ter.

O espectáculo, apresentado no Mercado das Flores de Barcelona, tinha a sala cheia de um público entusiastas que aderiu até ao último momento, sendo Manuel Dueso e Luís Miguel Climent muitíssimo aplaudidos.

São aliás estes dois actores os dois principais pilares, juntamente com José Sanchis Sinisterra, do Teatro Fronterizo, tendo acompanhado toda a aventura e as dificuldades por que foi passando. São eles os protagonistas



«Mercier e Camilo» pelo Teatro Fronterizo

da peça «*Naque o de piojos y actores*» anteriormente apresentada nesta retrospectiva e com a qual o Fronterizo veio há anos a Portugal. É igualmente Luís Miguel Climent o intérprete de *Primeiro Amor*, de Beckett, que estará por estes dias em cena na Sa-

la Beckett.

Fazem também parte desta mostra a peça *Informe sobre cegos*, adaptação de um texto de Ernesto Sábato e que, interpretado por Manuel Carlos Lillo, num trabalho de representação de impressionante força, consis-

te numa conferência feita ao público de um homem obcecado pelos cegos e pelo seu poder secreto, convencido que está de que fazem parte de uma seita oculta, prestes a dominar a humanidade. Texto de humor negro de recortes fantásticos, criando na sala um ambiente meio misterioso meio cómico, tem acima de tudo um grande actor a servi-lo, o que o torna num espectáculo coerente. A concluir a retrospectiva, o Fronterizo apresentará ainda na Sala Beckett, de 6 a 11 de Fevereiro a peça *Minim. Mal Show*, escrita por Miguel Górriz e Sergi Belbel, jovem dramaturgo em quem Sinisterra vem apostando fortemente, achando que se trata de um importante autor de teatro, neste caso em língua catalã. Este espectáculo tem a particularidade de pôr em prática as teorias do minimalismo, aqui aplicadas ao teatro. O Teatro Fronterizo acaba igualmente de publicar o segundo número do seu boletim *PAUSA*, que além de dar parte das actividades da sala Beckett inclui o texto integral da peça *Naque o de Piojos y Actores*, textos de vários autores analisando as relações possíveis entre este espectáculo e a linguagem Beckettiana e ainda uma rubrica «Beckett News» da responsabilidade de Antonia Rodríguez-Gago, grande estudiosa de Beckett em Espanha.

A assinalar a morte de Beckett, o Teatro Fronterizo optou pelo silêncio. Apenas acrescentou, numa folha negra impressa a branco, estas palavras de Beckett logo a abrir o boletim: «Sim, fui o meu pai e fui o meu filho, coloquei-me questões e esforcei-me por responder, fiz-me repetir, noite após noite, a mesma história, que eu sabia de cor sem nela poder acreditar, em que caminhávamos, dando as mãos, mudos, mergulhados nos nossos mundos, mãos esquecidas, uma na outra. Foi assim que aguentei até este momento. E vá lá que esta noite a coisa vai, estou nos meus braços, aperto-me nos meus braços, sem muita ternura, mas fielmente, fielmente. Durmamos, como sob esse longínquo candeeiro, emaranhados, de tanto ter falado, tanto escutado, tanto suportado, tanto representado».

Manuel Cintra



Pascual Blanco, 1989

Por esta arte acima

Enquanto se assiste a um festival de excursões para a ARCO'90, que esta tarde inaugura oficialmente em Madrid, Lisboa recebe no Palácio Foz uma curiosa exposição de pintura e escultura aragonesa

A iniciativa de divulgar a actualidade das artes plásticas contemporâneas da província espanhola de Aragão, partiu da direcção regional do Ministério da Educação e Ciência de Saragoça, integrando Lisboa numa itinerância que já conheceu Paris, St. Nazaire, St. Germain en Laye e Toulouse, e conhecerá Amsterdam.

Eleitos os anos 50 como ponto de referência (Ramon Acin, Saura, Ochoa, Bondía, entre outros) a exposição, que a organização pretende didática, vem juntar-se ao equívoco que pervalece em usar a inaptidão das salas do Palácio Foz para expor pintura e escul-

tura, sobretudo contemporânea.

A poucos dias do anúncio público de uma outra exposição, a dos 150 anos do Montepio Geral (sem outra justificação, fio condutor, que não seja a efeméride), e que se exige ao nível das que as suas congéneres já realizaram, o pretexto de que expor no Palácio Foz serve um público muito mais heterogéneo, reacende a discussão sobre o que, e como, se mostra a quem.

Uma exposição que se pretende retrospectiva (e aqui trata-se de uma determinada região), não pode ser um amontoado de obras, um patchwork para encandear pela vibração

cromática e volumétrica um público que, pela sua eleita heterogeneidade, corre o risco de afirmar que assistiu a umas picassadas ou dalidades.

Como actividades paralelas, e em datas e lugares a anunciar, estão previstas conferências por Silvia Chicó e Jaime Angel, e a realização de um painel pelos alunos do Instituto Espanhol, orientados por Javier Sauras, à semelhança do que farão os alunos de uma Escola Secundária, sobre a orientação de Pedro Giralt.

Jorge Fallorca

Falar de cinema

Um advogado «privado» em busca de justiça

VEREDICTO FINAL (Fighting Justice ou True Believer)
R: Joseph Reuben (EUA, 1988); A: Wesley Stick; F (cor): John W. Lindley; M: Brad Fiedel; Mont: George Bowers; Dir. art: Lawrence Miller; P: Walter F. Parkes e Lawrence Lasker; I: James Woods, Robert Downey, Jr., Margaret Colin, Yuji Okumoto, Kurtwood Smith, Tom Bower, Miguel Fernandes, etc. D: 100 m; Dist: Columbia, TriStar & Warner; Est: Amoreiras, City Cine, Fonte Nova, Kings, Las Vegas, 7.ª Arte (Lisboa); Oxford (Cascais); Avenida (Coimbra); Júpiter (Setúbal); Cl: *** (M/16 anos).

Os estúdios norte-americanos têm uma boa tradição de filmes de aparente estrutura «policial», em que o inquérito não é levado a cabo por um polícia, mas sim por advogados ou jornalistas, que se assumem como «privaty» ou detective particular. No primeiro caso, tudo se precipita durante um julgamento, mas as investigações correm em paralelo, como em todas as obras retiradas de romances de Erle Stanley Gardner e da sua célebre personagem Perry Mason, sempre acompanhado por colaboradores vários.

Verdicto Final é mais um exemplo, mas um bom exemplo de uma tentativa de actualização do género aos anos 80, um pouco na linha de um outro *Verdicto*, esse de Sidney Lumet, com Paul Newman como principal intérprete. Bem definidas são desde logo, e rapidamente, as figuras centrais desta obra construída com nervo, um bom sentido do suspense e alguma inteligência: Eddie Dodd, advogado, fora militante anti-Vietname, lutara pelos direitos humanos, fizera o percurso normal dos universitários de finais dos anos 60, inícios de 70. Era uma época de um compromisso social vigoroso, que ele

abraçara com generosidade e empenho. Depois, veio o desencanto, o triunfo do mercenarismo, Eddie Dodd sentiu-se traído e, resolvendo aceitar que «todos temos algo de culpados», transforma-se num advogado meio corrupto que defende traficantes de drogas e outros cadastrados sem defesa. Servindo-se de alíneas da Constituição, que garantem a liberdade e os direitos dos constituintes, lá vai pondo na rua os que ninguém acreditava terem salvação possível. Chama para seu auxiliar um recém-formado, Roger Baron, que de Eddie Dodd só conhece a tradição militante e se revolta com o que vem encontrar. Funciona assim como «consciência crítica» ou mesmo «má consciência» de Dodd que, para se regenerar e adquirir a dignidade perdida, aceita defender um jovem oriental preso há já oito anos, acusado da morte de um chinês, em «Chinatown», em circunstâncias que Dodd julga pouco claras e lentamente vai descobrindo serem mesmo muito nebulosas. E pronto, está dado o arranque...

Batendo-se bravamente contra o Ministério Público, que tem razões de sobra para querer o oriental encarcerado, Eddie Dodd lá vai esgrim-



James Woods em "Verdicto Final"

indo argumentos e esgravando no passado de testemunhas e vestígios, aproveitando-se do calo

adquirido nesses julgamentos de compromisso por onde, entretanto, andara.

Joseph Reuben consegue

boas atmosferas, bem auxiliado pelo director de fotografia (em imagens que são o contrário do rodriquinho visual visível, por exemplo, numa obra de publicitário como «Chuva Negra», dá credibilidade às suas figuras, cria uma densidade de personagens e de situações plausíveis, e assina deste modo um curioso filme «policial» em que o detective é o próprio advogado. Advogado interpretado por um nervoso James Wood, excelente como sempre, sobretudo para quem gosta de uma técnica de representar que sai directamente da prática do Actor's Studio e que por vezes ronda o excessivo. Interessante ainda é a figura interposta por Robert Downey, Jr. (já visto, e devidamente apreciado, em *Como o Céu se Enganou*) e que aqui desenha um jovem idealista na boa tradição americana.

Joseph Reuben

Nascido em 1951, em Bri-

arcliff, N.Y. (EUA), Joseph Reuben apaixonou-se pelo cinema depois de ver filmes como «Bonnie e Clyde» ou «The Graduate», tendo começado a filmar, ainda estudante, em 8 milímetros. Formado em Teatro e Cinema pela Universidade do Michigan, estreia-se na longa metragem com *The Sister-in-Law* a que se segue um conjunto de filmes onde há a destacar *The Steppfather*, muito bem recebido pela crítica americana. Na televisão, dirigiu o episódio-piloto da série da ABC, *Breaking Away*.

Filmografia:

1974: *The Sister-in-Law*; 1976: *The Pom-Pom Girls* (Blue Jeans); 1977: *Joyride*; 1978: *Our Winning Season* (Geração Inquieta); 1983: *Dreamscape* (O Assasino Psicopata); 1986: *The Steppfather* (Assassínios Premeditados); 1988: *True Believer* ou *Fighting Justice* (Verdicto Final).

«Absolutamente Loucos» e sem graça

ABSOLUTAMENTE LOUCOS (Earth Girls Are Easy)
R: Julian Temple (EUA, 1989); A: Julie Brown, Charlie Coffey, Terence McNally; F (cor): Oliver Stapleton; M: Nile Rodgers; Dir. art: Denis Gassner; P: Tony Garnett; I: Geena Davis, Jeff Goldblum, Jim Carrey, Damon Wayans, Julie Bown, Michael McKean, Charles Rocket, Larry Linville, etc.; D: 100 m; Dist: Ecofilmes; Est: Kings; Cl: * (M/12 anos).

Julian Temple veio da publicidade e do vídeo-clip onde assinou filmes dos Sex Pistols, David Bowie ou Rollings Stones, tudo boa gente, para quem o cineasta encontrou sugestões visuais à altura dos intérpretes. Mas um filme publicitário ou um vídeo-clip têm uma estrutura narrativa diferente de uma ficção de longa metragem e, em *Absolutamente Principiantes*, as falhas já se sentiam, ainda que o tom britânico da reconstrução dos anos 50 fosse, por vezes, bastante para tornar viável o projecto e pausável o universo visual criado por Temple.

Agora, em *Absolutamente Loucos*, é o fracasso quase completo. Rodando na América, procurando recriar o tom e a imagética do «musical» norte-americano dos anos 50, Julian Temple afunda-se precisamente no que lhe falta: o domínio dos tempos narrativos, a total incapacidade para «contar uma história», por muito «louca» e fantasista que ela seja.

A história é aqui um pretexto: uma nave de pedulos extraterrestres aterra numa piscina de Los Angeles, onde vive uma cabeleireira prestes a casar com um médico,

que nem assim larga as enfermeiras, o que lhe acarreta certos embaraços e o cognome de «Dr. Love». Por artes de maquilhagem e outras tais, os extraterrestres acabam por parecer mesmo normais terráqueos, com alguns predicados que põem as californianas «loucas». Tudo bem, como ponto de partida, tanto mais que a cabeleireira é Geena Davis e o chefe dos ET o seu esposo na vida real e *Mosca* no celulóide, Jeff Goldblum. Depois há ainda alguns divertidos «números» musicais, onde Julian Temple exercita o talento que tem, mas mesmo aqui basta comparar com alguns exemplos autênticos para se sentir o gosto da cópia bem comportada. Mas, a grande falha encontramos na deficiente articulação de toda a história, que oscila entre momentos mortos e sequências de pretensão ritmo nevrótico, tudo relativamente desinteressante e sem chama.

Marginalmente, a estreia desta obra levanta curiosos problemas ao nível da distribuição e exibição portuguesas. Sendo um título de uma recém-formada distribuidora, a Ecovideo, o lançamento de *Absolutamente Loucos* foi catastrófico: anúncios impensáveis já nos anos 50 e uma

total ausência de sentido comercial (nenhuma referência à Geena Davis, nenhuma explicação de quem é Juliem Temple) põem certamente em risco a existência de uma nova distribuidora, bem necessária no contexto concentracionário nacional. Mas não é certamente com filmes como este, defendidos como este foi, que se conseguirão impor. O sucessivo falhanço de algumas das suas estreias terão seguramente que alertar os responsáveis.

Julian Temple

Nasceu em Londres em 1953. Estudou arquitectura e história, no King's College, em Cambridge, depois cinema, na National Film Scholl.

Interessou-se pelo grupo Sex Pistols e acompanhou-os em «tournée», sendo convidado para dirigir *The Great Rock and Roll Swindle*, que o Variety considerou «O Mundo

a Seus Pés dos filmes Rock». tornou-se depois um especialista em «vídeo-clips» para grupos e cantores como os Sex Pistols, Rolling Stones, Iggy Pop, Boy George, Billy Idol, David Bowie, Janet Jackson, etc. Trabalhou com os Monty Python, em dois shows filmados, *The Secret Policeman's...*, e com Orson Welles, Mel Brooks, Grace Jones, em *It's All True*, que ganhou o Grande Prémio do Festival de Nova Iorque de Cinema e Televisão.

Filmografia:

1980: *The Great Rock and Roll Swindle*; 1982: *The Secret Policeman's Other Ball*; 1983: *It's All True*; 1984: *The Secret Policeman's Private Parts*; *Mantrap*; 1985: *Running Out of Luck*; 1986: *Absolute Beginners* (Absolutamente Principiantes); 1987: *Ária* (sequência Rigoletto); 1988: *Earth Girls Are Easy* (Absolutamente Loucos).

«A ementa do dia»

O Clube dos Poetas Mortos, de Peter Weir

O Processo do Rei, de João Mário Grilo
Regresso ao Futuro, II, de Robert Zemeckis
Sexo, Mentiras e Vídeo, de Steven Soderberg
Verdicto Final, de Joseph Reuben
Chuva Negra, de Ridley Scott

**

O Amor é uma Grande Aventura, de Bçake Edwards
Entre Primos, de Joel Schumacher

*

Absolutamente Loucos, de Julian Temple
Os Deuses Devem Estar Loucos, II, de James Uys
Os Caça-Fantasmas II, de Ivan Reitman

0

Os Reis da Noite, de Eddie Murphy



Lauro António



Teatro da Cornucópia

SALADA

(TEXTOS dos PALHAÇOS)



«Há muitos anos que não ria tanto num espectáculo» — *Jornal de Letras*

«uma autêntica explosão lúdica» — *Diário de Notícias*

«um momento de teatro divertido e despretençioso» — *O Jornal*

«Uma saladinha para todos e que vai alimentar muitas horas de prazer» — *Semanário*

«uma arte de inteligência e divertimento que não pára de se divertir connosco e consigo própria» — *Expresso*

«o que nós nos rimos?...? uma das propostas teatrais mais modernas que a Cornucópia nos apresentou.» — *Independente*

«um dos espectáculos mais soltos, mais felizes e mais comoventes do seu historial» — *Fim de Semana*

«lamentável, mortífero, sem graça... o pior espectáculo da Cornucópia de sempre» — *Capital*

3.ª a sábado às 21.30 — Domingos e feriados às 16 h

TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA · Telef.: 66 15 15/66 92 05

CULTURA E ESPECTÁCULOS

A Cinemateca Francesa e os «Cahiers du Cinéma» associam-se para homenagear Roberto Rossellini. Está neste momento a decorrer no Palácio Chaillot uma retrospectiva integral, que inclui, pela primeira vez, telefilmes realizados para as televisões italiana e francesa. «Eu não sou um cineasta», dizia Rossellini. Mais de trinta filmes permitem-nos verificar que, pelo contrário, ele é um grande cineasta.

Retrospectiva de Rossellini em Paris

Roberto Rossellini morreu em Roma, sua cidade natal, em 3 de junho de 1977. Tinha setenta e um anos. Era um homem infatigável. Estava a preparar um filme didático sobre Karl Marx, depois de, nesse mesmo ano, ter realizado uma grande e original reportagem sobre o Centro Georges Pompidou, em Paris e presidido ao júri do Festival de Cannes. Graças a ele, a Palma de Ouro fora atribuída a «Padre Padrone» de Paolo e Vittorio Taviani... e produzido pela televisão italiana. Para alguns foi um escândalo. Mas Rossellini, que há uma dezena de anos reexaminava o cinema - segundo a sua própria expressão -, sabia o que fazia e para onde ia. Naquele que foi o seu último artigo, não hesitou em precisar, a propósito de «Padre Padrone»: «Ele (o filme) representa a parte mais avançada, mais rigorosa e coerente, mais ambiciosa, quer social quer culturalmente, do cinema italiano. É a primeira vez que, num festival como o de Cannes, triunfa um filme produzido fora dos círculos do poder do cinema comercial (1).»

Um enfarte venceu esta bela energia. O Festival de Cannes terminara oito dias antes. Recordou-se que, quando este festival nasceu, em 1946, deu a conhecer ao mundo inteiro «Roma, Cidade Aberta», de Roberto Rossellini, e consagrou o «neo-realismo», que nessa época ainda era apenas um «affaire» italiano. Historicamente, é inegável. Mas o cineasta Rossellini não começa aos quarenta anos com «Roma, Cidade Aberta». De 1941 a 1943 rodou três filmes de guerra - «Le Navire Blanc», «Un Pilote Revient» e «L'Homme de la Croix» - e começou um filme romanesco, «Desiderio», que Marcello Pagliero, o seu intérprete de «Roma, Cidade Aberta», irá terminar em 1946. Quem é que em França se lembra que «Le Navire Blanc», filme supervisionado por Francesco de Robertis, estreado em Paris, em exclusivo, em Março de 1943? Será que ao menos o vimos? Terão que vir o «Europa 51» e as preocupações espirituais de Rossellini para que uma parte da crítica francesa, reencontrando uma memória que talvez nunca tenha tido, lhe atire à cara os seus filmes «fascistas» - não são fascistas, embora Vittorio Mussolini tenha sido o produtor de «Un Pilote Revient», de que um dos argumentistas se chama

Michelangelo Antonioni - e daí retire argumentos de má-fé para marginalizar um cineasta considerado como traidor à causa do neo-realismo.

Rossellini escapa e escapará sempre a quaisquer rótulos. Após «Roma/Cidade Aberta» (1946), «Paisà» (1946) e «Alemanha Ano Zero» (1948), essa admirável trilogia da guerra, da resistência italiana, da libertação e das sequelas do nazismo nas ruínas de Berlim, é considerado como um realizador social e político. Ora a verdade é que, através da realidade documental ou abordada como tal, ele procura a vida profunda dos homens e da História. «Para mim, o neo-realismo é principalmente uma posição moral a partir da qual olhamos o mundo.» Frase essencial e, todavia, mal compreendida.

«A Voz Humana» (1947), baseada na peça em um acto de Jean Cocteau, é uma obra neo-realista ou será antes um prodigioso retrato de Anna Magnani (nessa época companheira do cineasta) que nessa altura se preparava para incarnar a única personagem deste melodrama? Ambas as coisas, evidentemente e de acordo com esta posição moral que irá marcar todo o período «bergmaniano».

O período «bergmaniano» começa em 1949 com «Stromboli». Ingrid Bergman, estrela de Hollywood, fascinada pelos filmes neorealistas de Rossellini, quis filmar com ele. Ela admirava o cineasta. O «charme» intelectual e humano de Rossellini retém-na em Itália. «Stromboli» torna-se numa história de amor à qual se segue um casamento.

Hollywood amaldiçoa Ingrid Bergman, que perde a sua auge de estrela. A popularidade de Rossellini esboroa-se mesmo fora em Itália, onde a sua ligação com a atriz provoca escândalo. Não se compreendem ou não se querem compreender os filmes que ele roda nessa altura: o drama espiritual no centro do neo-realismo de «Stromboli», a vida religiosa e mística de São Francisco de Assis vista por um não crente que não respeita as hagiografias piedosas («François, Jongleur de Dieu», 1950). «Europa 51», onde regressa Ingrid Bergman, vem provocar a discórdia. Através da aventura de uma burguesa que pratica a verdadeira caridade, se debruça sobre o problema dos deserdados e



Ingrid Bergman e Roberto Rossellini

passa por louca, Rossellini constata a falência da ideologia marxista, a esclerose dos valores morais do Ocidente e a falência também da religião católica, reduzida a meras práticas formais. Os tiros de artilharia surgem de todos os lados. Nesta época, os «Cahiers du Cinéma» são quase os únicos a defender o pensamento e o estilo modernos de um Rossellini dirigindo Ingrid Bergman num «sketch» de «Nós, as Mulheres» (1952-1953), «Viagem em Itália» (1953), «Joana d'Arc» (1854) - baseado na oratória de Paul Claudel e Arthur Honegger - e «O Medo» (1954).

Os distribuidores recusam estes filmes ou então massacrados («Viagem em Itália» sai na versão francesa em fotonovela). Crise do casal, crise da civilização ocidental: Rossellini precede Antonioni.

Um dia, discretamente, Rossellini e Ingrid Bergman separam-se. Ela regressa a Hollywood com todas as honras. Ele parte e vai explorar a realidade indiana («Índia» (1957-1958) e uma versão em episódios para a RAI). Volta a alcançar a notoriedade e o sucesso comercial com «O General della Rovere» (1959) e «Os Fugitivos da Noite» (1960), novas

crônicas e novas reflexões sobre a Itália na época da ocupação alemã. O contexto é propício: uma nova geração de cineastas italianos volta-se nessa altura para o neo-realismo dos primeiros tempos e procura reinventá-lo. Em vez de se instalar sobre as posições reconquistadas, Rossellini aborda a história italiana do século XIX («Viva a Itália», (1960) e reconstituição da expedição de Garibaldi à Sicília, cem anos antes) e adapta uma crônica romanesca de Stendhal, «Vanina Vanini» (1960).

Quatro anos depois - e após novos fracassos - opta por abandonar o cinema de ficção, no qual já não acredita, para contar a história da humanidade, das instituições, das ideias e dos grandes homens em séries e filmes produzidos pela televisão e destinados à televisão: «A Idade do Ferro» (1964) «A Tomada do Poder por Luís XIV» (1966), «A Luta do Homem pela Sobrevida» (1967), «Os Actos dos Apóstolos» (1968), «Sócrates» (1970), «Blaise Pascal» (1971-1972), «A Idade dos Médicos» (1972-1973), «Ano Um» (1974, biografia do chefe da democracia cristã Alcide de Gasperi). O seu último filme, «O Messias», destinado ao cinema, é reali-

zado segundo a mesma concepção de realismo didático. Fim de um período, o último, que é, talvez, o que pior se conhece.

A morte deu a Roberto Rossellini uma reputação de génio que nunca teve em vida e que certamente não teria aceite, a não ser com a ironia que a sua volubilidade de romano tão bem sabia utilizar. O «Roberto Rossellini» editado para esta retrospectiva (2) dessacraliza o cineasta, expurga-o dos mal-entendidos e dos mal-entendidos que sobre ele pesaram - e também sobre a sua obra - e restabelece a verdade pura e simples. Entrevistas e testemunhos recolhidos em Itália dão-nos a conhecer aspectos apaixonantes e por vezes surpreendentes dos métodos de trabalho de Rossellini na sua busca constante da imagem da realidade, da recusa do efeito estético. O que Carlo Lizzani conta sobre a preparação e a rodagem de «Alemanha Ano Zero», filme em que era assistente, chega a ser rocambolesco.

E todavia, nesta aventura em que a procura do financiamento mobilizou, como quase sempre acontece, uma grande quantidade de tempo e de energia, compreende-se a própria essência da ence-

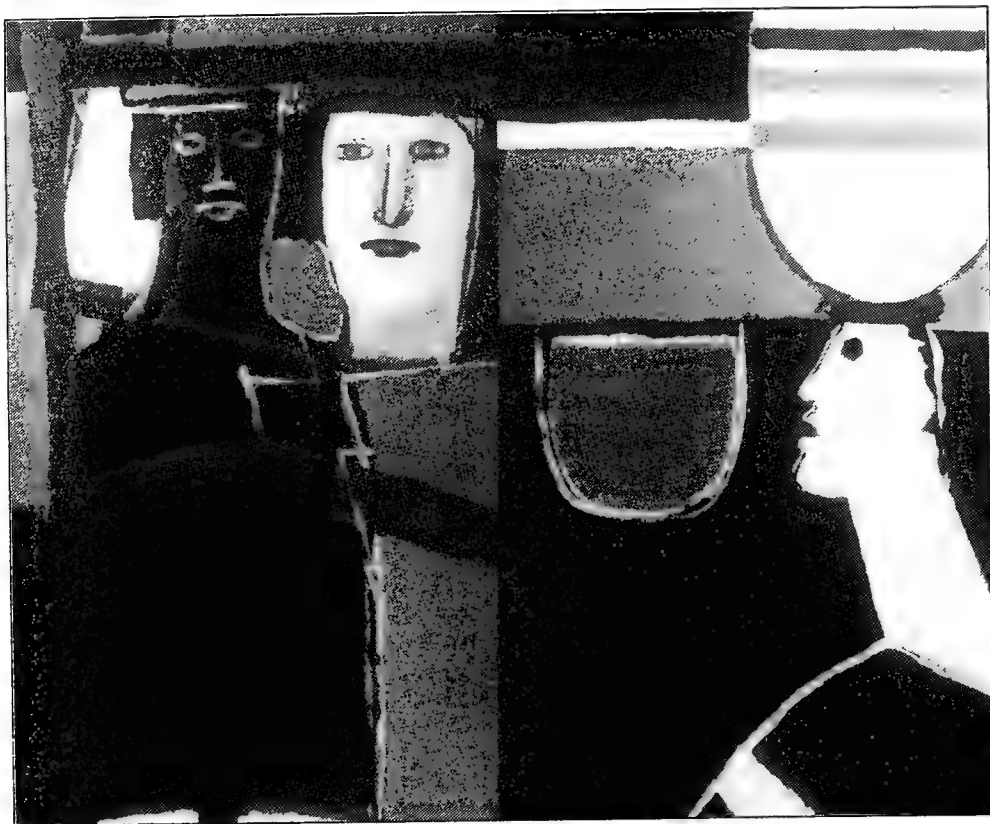
nação rosselliniana a partir de «ideias claras». O artista, o homem estão vivos em cada página desta obra, de uma leitura clara, mesmo nos diversos trabalhos críticos de Alain Bergala, Jean Narboni, Jacques Rancière, Raymond Bellour, Serge Daney, Adriano Apra (este último acaba definitivamente com as questões, que tão mal postas foram, sobre os filmes rodados no fim do fascismo) e Jean-Louis Schefer, agrupados sob o título «Sete Fioretti para Rossellini». A filmografia de Rossellini, da autoria de Adriano Apra, está notavelmente comentada pelo cineasta alemão Rudolf Thome. A reedição, em cópias novas, de sete filmes dos anos 40-50, ocorrida em Junho de 1988, fez acorrer um público renovado e trouxe consigo um repensar das ideias adquiridas. Temos agora todo o Rossellini para ver, rever, redescobrir. É mais que uma homenagem. É um reconhecimento.

Jacques Siclier
Serviço Exclusivo
«Le Monde»/DL

(Tradução de Maria Otília Moreira)

(1) Este artigo, inacabado, apareceu a 4 de Junho de 1977, no quotidiano romano «Paese Sera»

(2) Edições «Cahiers du Cinéma»/Cinemateca Francesa



Aos 80 anos, pintor de vanguarda

A coincidir com a passagem do seu 80º aniversário inaugura-se logo à noite, na Galeria de Arte do Casino Estoril, uma exposição do mestre Martins Correia - considerado um dos mais destacados escultores portugueses deste século - e que reúne significativas obras da sua carreira, de todas as épocas, incluindo trabalhos da fase actual.

Nascido na Golegã em 7 de Fevereiro de 1910, Martins Correia estudou na Casa Pia entre 1922 e 1926, altura em que se matriculou na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, onde se diplomou em Escultura. Começando por leccionar na Casa Pia e depois em vários estabelecimentos do ensino secundário, em 1958 foi contratado como professor assistente da ESBAL. Titular de numerosos prémios, foi agraciado com as Ordens de Instrução Pública e de Santiago da Espada, tendo sido bolseiro em Espanha e Itália, e participou em exposições no Rio de Janeiro, Bruxelas, Barcelona, Lausana, Dinamarca e Japão. Em 1982 foi inaugurada a sua terra natal o Museu Municipal que tem o seu nome e que guarda cerca de meio milhar dos seus trabalhos, doados pelo escultor por ocasião da exposição comemorativa dos 50 anos de vida artística. Com Martins Correia, a propósito do artista, da arte, e de tudo o que nos rodeia, a conversa que se segue. Através da qual o leitor fica habilitado a conhecer melhor a personalidade dum artista autêntico:

- Ainda se lembra da sua primeira exposição?

«A primeira de todas foi na Casa Pia, onde fui aluno. Um dia os professores promoveram uma exposição, e nessa exposição também figurei eu, ainda como aluno».

- Que trabalhos é que expôs: desenhos, ou já esculturas?

«Era escultura. Depois, já nas Belas-Artes, o que expus pela primeira vez foi uma tese, cujo tema era a Eva. Mas nem sei onde é que pára esse trabalho. Deve estar conservado, tenho a certeza de que a pessoa que o tem, conserva-o. Já o vi até em leilão, quando foi transposto para outro possuidor, mas depois não sei, perdi-lhe o rumo. Lembra-me-ei sempre desse trabalho, executado num exame, na qualidade de finalista.

- Preferiu sempre a Escultura?

«Sim, mas apesar de ter feito nas Belas-Artes o curso de Escultura, acompanhei sempre com o desenho. Desenho, e apaixonadamente desenho colorido».

- Colorido porquê?

«Porque sempre tive uma paixão pela cor desde o início, talvez até marcado por uma idade mais jovem, que era a idade dos brinquedos. Eu gostava dos brinquedos coloridos, principalmente dos que se movimentavam, porque gostava de ver a cor em movimento. E emfim, havia naqueles tempos - e certamente ainda há hoje - uns brinquedos de corda, que se moviam e por isso me atraíam, apesar de ainda não me definir como artista.

Lembro-me ainda que, em determinados feiras que se faziam nos meus tempos de aluno da Casa Pia, com espírito recreativo, nas quais trocávamos as coisas que tínhamos. Lembro-me, por exemplo, de trocar alguns brinquedos por outras coisas, mas sempre coloridas, por outros brinquedos, ou mesmo estampas».

- Nunda perdeu essa grande influência que a cor sempre exerceu sobre o seu trabalho, para além da evolução normal que tem decorrido ao

longo da sua carreira, será assim?

«Sim, há coisas que nos ficam, pode dizer-se que desde crianças, e essa foi uma delas. Que vinco, e me vinco bem, a ponto de nunca ter sido capaz de perder essa influência. Sempre que ponho cor numa escultura, ou em qualquer outra forma, até de desenho, o meu espírito fica mais animado. É que assim as coisas completam-se, talvez até tanto como uma mulher que não se julga tão autêntica

Mestre Martins Correia, oitenta anos de idade e sessenta de carreira, inaugura aqui a sua exposição na Galeria de Arte do Casino Estoril, uma exposição de um Autor sempre apostado na modernidade, ele pode ser considerado um símbolo da criação em permanente mutação

É escultura, é cor, é paixão

e que depois se autentifica mais pondo um pouco de cor - nos olhos, nos lábios, no rosto...

No desenho também me acontece a mesma sensação: o desenho colorido parece-me uma coisa mais aquecida, de qualquer coisa a mais, que fica bem na forma. Isto é tanto assim, que as grandes belezas do mundo inteiro, a começar pelas Cleópatras e todas essas personagens célebres, foram sempre belezas que tiveram gosto pela policromia, pela cor desejada no corpo, que se tornaram ainda mais belas do que eram».

O deslumbramento da cor - Percebo que a cor é uma

das suas grandes paixões artísticas. Quer dar-me algum exemplo concreto, recente?

«Olhe, quando dum visita que eu fiz, a Moçambique, fui à Ilha de Moçambique, e o deslumbramento que me causou foi ver aquela gente com a cara pintada. Depois vim a saber que era de facto um tratamento de beleza, era de facto uma cor que se punha, com um ingrediente próprio que depois tiravam à noite. Enfim, vi muitas coisas em Moçambique cheias de beleza, a principal que eu vi foi precisamente, ao entrar na Ilha, uma espécie de cortina atmosférica, de luz e cor, na realidade uma outra claridade, um outro ar, límpido,

purificado».

- Uma outra questão: o mestre tem tido uma vida muito intensa. Tem produzido muita obra ao longo destes últimos sessenta anos. Quer comentar?

«Sim, produzi alguma. Quando a gente diz que um português, enfim, que produziu, quer dizer que produziu em relação a um português. Mas em relação a um estrangeiro, isso não. Qualquer artista estrangeiro com a minha idade - vá lá - falando dos mais notáveis (que eu não sou notável...) por exemplo um Picasso, um Matisse ou um Gauguin, todos esses homens fizeram muitíssimo mais porque tiveram um poder de vida, de venda de obras, etc., muito maior do que se tem em Portugal. Aqui, chega-se quase ao fim da vida e conta-se de facto com algumas coisas vendidas, mas muito poucas em relação ao que acontece lá fora, nos países mais avançados.

Um exemplo: eu dou ao Museu da Golegã, que tem o meu nome, quinhentos trabalhos. E quinhentos trabalhos, não é vulgar um artista estrangeiro dar. Outra coisa: já não é vulgar um artista português dar tantos trabalhos, se num somatório feito assim muito por alto e pensando nas economias, estes valerem, pelo menos, oitenta mil contos - que eu dei à minha terra».

- Mas neste caso, o factor sentimental contou bastante. Não?

«Bem, na realidade é a estima que a gente tem pelas obras e depois saber que morre e que depois fica tudo ao desbarato. E não é para desbaratar uma coisa, que francamente é uma coisa cultural. Sim, a forma, a cor, a expressão, a vida, tocam no artista - que é um homem sensível - tal como as coisas da sua época, portanto há que respeitar as coisas da sua época. E quando se é verdadeiramente artista, capta-se essa obra».



Apresento de tudo o que tenho feito ao longo da vida



Auto Monumental do Arceiro
S.A.



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

CONCESSIONÁRIOS

idade
algumas horas,
na exposição.

criatividade

O

o
ada
ido
tes
uer

na
um
ro-
ro-
or-
um
ão.
ero
la-
res

(...)
um
dos
am
viv-
de
ito
em
se
nta-
isas
icas
rece
nais

ao
mo
tra-
tra-
ar-
tra-
tista
tra-
to
en-
tes
enta
nha

ctor
nte.

es-
elas
orre
ao
aba-
ran-
ral.
res-
sta-
vel
sua
re-
oca.
pra-
essa

NA

- Sei que vai ser apresen-
tada, em simultâneo com a
exposição do Casino Estoril,
uma publicação. Quer levar
a ponta do véu?

«Olhe, começo por não fazer
nenhuma apresentação de
ninguém, nem ninguém me
faz a apresentação. No en-
tanto, ao iniciar o livro, ponho
logo uma coisa assim: "É
sempre bom trabalhar e tra-
balhar seja o que for com
dignidade. É o que se pre-
tende demonstrar neste livro
dedicado à Arte de ver e
pensar».

O que o rural e o urbano
podem contribuir para a
modernidade renascentista
duma cultura do nosso século
XX. Ora, é isto mesmo».

- Já agora, pode adiantar
mais alguns pormenores



Sempre tive uma grande paixão pela cor, pelo movimento...

lógica, é ir para a cidade, a
Lisboa ou a outra grande
cidade. E porque é que se dá
isto? Porque o fulano que quer
descansar e quer ter um sen-
timento diferente, vai à
provincia; o que se quer cul-
tivar, procura a grande cidade.
O que me leva a dizer até,

dessa mesma terra».

A exposição do Casino

- E agora, mestre, quer falar
sobre esta exposição, prestes
a ser inaugurada na Galeria
de Arte do Casino Estoril?
Pode-se dizer que é uma

dade tudo é possível»

- Nesta exposição, podem
ver-se pinturas, esculturas,
desenhos, gravuras, cerâmi-
cas. Digamos que é uma
exposição muito diversifi-
cada?

«Sim, apresento de tudo o
que tenho feito ao longo da

ver que, realmente, as coisas
podem também ser vista, sem
cor, e por isso algumas coisas
vão, até para as pessoas
poderem estabelecer uma
comparação. Na verdade, a
cor foi sempre aplicada na
escultura, desde os tempos
primitivos. Ainda dou outro
exemplo: na cultura popu-
lar, nunca se abdicou da cor.
É, inclusivamente, por uma
questão temperamental».

assim, e não em bronze, sobre-
tudo. E digo em bronze, em
primeiro lugar é o material
da minha paixão, porque
gosto muito da forma e o
bronze tem som e o som
movimenta-se. É uma coisa
mais apropriada, mais do que
a pedra, que é um material
mais estático, e mais frio
quando não está pintado».

- Por falar em pedra, o
mestre executou, por encom-
enda, muitas estátuas...

«Sim. Afinal, eu fiz tudo
na vida quanto pude fazer,
com trabalho dignificado. E
retratei pessoas, felizmente,
que me deram grandes ex-
emplos na minha vida. Como
Fernão Lopes, Camões, D.
Pedro V, Bartolomeu de
Gusmão - que foi a última
estátua que fiz».

- Mestre Martins Correia:
diga-me, para terminar, como
é que define as obras de Arte?

«Elas representam Cultura,
que é tão certa, tão certa, que,
se um dia a humanidade toda
desaparecesse, desaparecesse
por qualquer cataclismo,
bastavam ficar cá as escultu-
ras, as pinturas, isso tudo,
para poderem dizer: aqui
apareceram determinados
homens, em determinadas
épocas, que fizeram todos
estes trabalhos, como hoje se
diz em relação a obras an-
tiquíssimas, que felizmente
podemos admirar. Porque
grande parte da História só é
possível reconstituir através
dos achados, resultantes de
escavações, e que relatam e
documentam etapas da vida
do homem civilizado ao longo
dos tempos».

Como o mesmo se pode
dizer, também, em relação às
obras literárias, e a todas que
igualmente representem a
criatividade do ser humano.
Por isso o homem deve res-
peitar sempre aquilo que não
é capaz de fazer».

Rodrigues Borges



O homem deve respeitar sempre aquilo que não é capaz de fazer

acerca do conteúdo do livro?

«Para além desta introdução
que acabo de revelar, tem as
gravuras correspondentes a
esse ciclo de uma vida que se
observa na rural e no urbano,
para a interpenetração des-
tas duas vidas darem de facto
um sentido cultural, porque
é, na realidade, casos destes
que formam uma cultura.
Uma pessoa, mesmo até sem
grande cultura, vive na cidade,
a sua vontade nas férias é ir
para a provincia e quem vive
na provincia, pela mesma

que de futuro, o homem
verdadeiramente educado
tenha que ter raízes absolu-
tamente terrenas, isto é, lo-
cais».

E depois, quando chegar a
hora de se cultivar, tem que
ir para a grande cidade. Mas
o contacto com a aldeia é
sempre importante, é
saúdável, porque aprende a
amar as árvores, a água, a
terra, enfim, ama tudo
quanto lhe diz respeito
a uma coisa que lhe
pertence, porque é animal

exposição retrospectiva?

«Não é bem uma retrospec-
tiva, mas tem obras de várias
épocas, evidentemente que
sim. Pensando bem, para um
artista que tem sempre tra-
balhado, tem as épocas todas
marcadas, portanto as ex-
posições, na vida de uma
artista, são sempre retrospec-
tivas... É claro que se pode
fazer uma exposição com
trabalhos feitos num único
ano, como integrando obras
produzidas ao longo de uma
ou muitas décadas, na ver-

minha vida. Por exemplo, eu
não chamo pintura, mas sim
desenho, porque na sensibili-
dade que eu aplico como cor,
é uma cor que se justifica
sempre na forma, não é uma
cor que viva somente como
gozo de cor. Mas se quiserem
chamar-lhe pintura, está bem.
Mas insisto: no meu caso, a
razão de me chamarem pin-
tor não é bem certa, eu con-
sidero-me um escultor que
gosta da cor, que gosta de
pintar. Nesta exposição do
Casino, tive o cuidado de fazer

INTERNACIONAL

Os «Cinco» preocupados com o ANC

Provável reunião para discutir «efeito De Klerk»

OS PAÍSES africanos lusófonos estão preocupados com o radicalismo das reacções do ANC às medidas liberalizantes do Governo da África do Sul e temem que o movimento esteja «a fazer o jogo da extrema-direita racista e a isolar Frederik De Klerk», declarou um membro do Governo de Cabo Verde, que pediu para não ser identificado. Esse governante africano revelou ainda que os países do grupo lusófono, de que Cabo Verde detém este ano a presidência, estão em contacto para apreciar o chamado «efeito De Klerk» e que o único que ainda não se tinha manifestado na segunda-feira à noite era Angola. «Moçambique, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe partilham a nossa inquietação» - disse, acrescentando que está a ser encarada a hipótese de uma reunião ministerial dos «Cinco» com esse único tema em agenda. Mas, interrogado sobre se - como chegou a circular em certos meios diplomáticos - Cabo Verde iria de facto ser o primeiro país africano a estabelecer relações formais com a África do Sul, logo que Nelson Mandela fosse libertado, aquele dirigente cabo-verdiano respondeu que «ainda seria muito cedo», frisando tratar-se de uma opinião pessoal. Só ontem, terça-feira, a Comissão Política do PAICV se deveria reunir para discutir formalmente a questão. «Com uma África do Sul sem apartheid e democrática, teremos as melhores relações. É preciso que a RAS se assuma integralmente como país africano que é», precisou, revelando que Cabo Verde tinha recentemente recusado uma proposta sul-africana de estabelecimento de uma «antena diplomática informal».

Para esse dirigente africano, o erro maior do ANC reside no facto de aquele movimento pretender de De Klerk uma «passagem de poderes pura e simples», em vez de, aproveitando o clima «altamente positivo» agora criado, negociar e dar tempo ao presidente sul-africano para tranquilizar o seu próprio eleitorado.

«A legalização do ANC é um facto maior da vida política africana por que nos batemos desde a fundação da OUA. Não faz sentido proclamar a continuação da luta armada contra quem, finalmente, abre a única via civilizada para uma convivência plurirracial», continuou.

O dirigente cabo-verdiano não se quis pronunciar sobre a eventualidade de uma crise de liderança no ANC, aberta pela doença do seu presidente, Oliver Tambo, ou sobre a hipótese de libertação próxima de Mandela estar a despertar temores na direcção. «provisória» actual, mas prognosticou que «mais uma vez, a iniciativa caberá ao presidente De Klerk: libertando incondicionalmente Nelson Mandela, terá um interlocutor à altura do notável homem de Estado que se vem revelando. Creio que é o que vai acontecer em breve».

Capacidade reduzida

Por paradoxal que pareça, os «Cinco», cuja independência foi sentida pela África do Sul como um factor de alta insegurança, são hoje - até pela sua experiência negativa - os países africanos mais interessados numa mudança pacífica e no não desmantelamento do aparelho produtivo sul-africano. Tal atitude é ditada essencialmente pela convicção de que as mudanças a Leste determinarão um desen-

gajamento dos Estados Unidos, da União Soviética e mesmo da CEE em relação à África e que a nova África do Sul poderá vir a ter um papel de «pivot» na cooperação económica com os Estados da África Negra.

Os observadores concordam que Angola é, entre os «Cinco», o país mais bem colocado para exercer a acção moderadora que se impõe junto do ANC, já que as estreitas relações que o movimento manteve com Moçambique se deterioraram seriamente aquando da assinatura do Acordo de N'Komati, em 1984. Mas, apesar de esat a saborear pela primeira vez uma certa «neutralidade» do inimigo de ontem em relação ao seu conflito interno, o esforço da ofensiva contra a UNITA pode estar a tolher Angola de tomar, com arrojo e agilidade, as iniciativas que excede o «efeito De Klerk».

A capacidade de Cabo Verde de desempenhar essa acção moderadora, tanto individualmente como em nome dos «Cinco», poderá também estar muito reduzida pelos difíceis problemas internos que os seus dirigentes têm entre mãos. Entre os problemas paralisantes da iniciativa em política externa são geralmente apontados a difícil situação financeira, as mudanças constitucionais (que talvez levem ainda este ano a um congresso extraordinário do partido) e a incerteza mantida por Aristides Pereira sobre se se candidatará a um novo mandato ou se se retirará da vida política. Tudo isto terá de ser decidido ainda em 1990.

Por outro lado, a direcção do ANC dificilmente perdoará a Cabo Verde o seu papel

pioneiro nas negociações directas entre Angola e a África do Sul, que decorreram secretamente naquele país de 1979 a 1983, e o facto de Aristides Pereira ter feito o papel de advogado de Samora Machel quando o Acordo de N'Komati deparou com a total incompreensão dos países africanos e uma forte acção de propaganda hostil dos «lobbies» pró-ANC na Europa e nos Estados Unidos. «Os outros países africanos estão demasiado longe ou então - é o caso da Zâmbia - mantiveram sempre relações demasiado ambíguas com a África do Sul para que o ANC os leve a sério» - disse-nos recentemente um interlocutor.

Mas, acrescentou, se a África adoptar uma atitude seguidista em relação ao radicalismo imaturo de certos dirigentes do ANC, poderá estar a isolar-se ainda mais no contexto internacional: «A Europa, incluindo o Leste, não irá manter por muito mais tempo o isolamento oficial da África do Sul. De uma vez por todas, os africanos têm de tomar a iniciativa», precisou.

Essa talvez seja a razão do apelo indirecto do dirigente cabo-verdiano a De Klerk para que se apresse a libertar Mandela, gerlamente tido como homem capaz de pôr termo ao desmornameento causado pela surpresa das suas medidas. A estatura política de Nelson Mandela é, aliás, amplamente ilustrada pelo facto de - pelo menos que a memória recente retenha - ser o único prisioneiro político que mantém encontros com o dirigente máximo do regime que o encarcerou.

Manuel Delgado

Intensificam-se confrontos entre cristãos em Beirute

Eleva-se já a 315 mortos e 1.148 feridos, o número de vítimas verificados durante oito dias de confrontos, em Beirute, entre as forças do general Michel Aoun e as milícias cristãs de Samir Geagea, revelou a polícia libanesa.

O dia de ontem ficou marcado, uma vez mais, por violentos confrontos entre os dois sectores cristãos, com as forças de Aoun a conseguirem desalojar as milícias rivais das suas posições. Calcula-se que esteja concentrado numa área de mil quilómetros quadrados um poder de fogo equivalente a cerca de 200 peças de artilharia e várias centenas de carros de combate.

Os confrontos atingiram níveis nunca antes verificados durante a «guerra de libertação contra os ocupantes sírios», desencadeada pelo general Aoun, em Março passado.

O Papa João Paulo II, assim como o núncio apostólico, Pablo Puente, e o patriarca cristão maronita Nasrallah Sfeir, multiplicaram, durante os últimos dias, os apelos para o cessar-fogo entre as duas forças cristãs.

Redacção «DL»/Le Monde



Mandela continua indeciso

Clima de expectativa mantém-se na África do Sul

A indecisão do líder nacionalista negro, Nelson Mandela, quanto à escolha do momento mais oportuno para sair da prisão, continua a provocar um clima de expectativa na África do Sul.

Walter Sisulo, companheiro de cela de Mandela e secretário geral do ANC, afirmou ontem, numa conferência de imprensa, que, ao não libertar Mandela, o governo sul-africano perdeu uma oportunidade de dar mais peso às medidas anunciadas na sexta-feira passada.

No entanto, as razões supostamente invocadas por Mandela para não aceitar a sua liberdade, nomeadamente o não levantamento do estado de emergência, e transmitidas à Imprensa por sua mulher, Winnie Mandela, já não constituem um obstáculo sério.

Segundo Alan Boesak, presidente da Aliança Mundial das Igrejas Reformadas, que manteve ontem um encontro de três horas com Mandela, o prisioneiro mais conhecido em todo o mundo «não se agarra às cadeiras e

às mesas».

Boesak afirmou ainda que Mandela não considera o levantamento do estado de emergência como uma exigência prévia absoluta.

«Se ele for libertado, sairá. Mas terá de afirmar que a sua libertação ocorre mediante condições que ele não desejaria», disse Boesak aos jornalistas à porta da prisão de Victor Verster, nos arredores da cidade do Cabo.

Confirmando a hipótese que Mandela terá abandonado as exigências para a sua libertação, Govan Mbeki, funcionário do ANC, afirmou numa entrevista ao jornal britânico «The Independent» que Winnie Mandela compreendeu mal o seu marido ao afirmar no domingo que ele exigia o fim do estado de emergência como condição para a sua libertação.

O jornal citou Mbeki como tendo dito que, tal como os restantes líderes do ANC, Mandela exigiu o fim do estado de emergência e a libertação de todos os presos políticos para criar um clima favorável às negociações.

Apartheid em jogo

Conscientes de que negociações válidas com o ANC só se poderão processar depois de eliminado o sistema legal do apartheid, o governo sul-africano deu ontem a sua mais clara indicação de que deseja eliminar a classificação racial, que é o fundamento do apartheid.

O ministro sul-africano dos Assuntos Constitucionais, Gerrit Viljoen, disse que a lei do registo da população, que classifica todos os sul-africanos pela raça, será sujeita à negociação nas conversações sobre a partilha futura do poder pelos negros e brancos.

Mas estas afirmações do ministro Viljoen parecem chocar com as do seu colega do Planeamento, Hernus Kriel, segundo o qual a segregação residencial vai continuar. Kriel disse, segunda-feira em conferência de imprensa, que a divisão da sociedade em grupos (eufemismo oficial para as raças) continuará a ser a política do governo da África do Sul.

Redacção «DL»/Lusa

INTERNACIONAL

Plenário do PCUS reforça Gorbachev

Enquanto em Moscovo as mudanças democráticas aceleram, o PC chinês reafirma que não abandonará o monopólio do poder

O Partido Comunista chinês não abandonará o seu papel dirigente e não tolerará qualquer tipo de oposição, declarou o seu Comité Central, em jeito de advertência à União Soviética, onde mudanças radicais estão a ser debatidas num plenário do PCUS, iniciado na segunda-feira.

No comunicado, divulgado pela agência noticiosa Nova China, o PCC reafirma a sua determinação de manter uma autoridade absoluta, enquanto, por outro lado, e segundo a agência Reuter, as autoridades de Pequim começaram a colocar não-comunistas em postos de responsabilidade governamental.

A divulgação do documento, hoje, reflecte as crescentes preocupações da liderança chinesa acerca das reformas que abalaram a Europa de Leste e em particular a União Soviética, segundo diplomatas Ocidentais.

Perestroika reforçada

Entretanto o plenário do Comité Central do Partido Comunista soviético está hoje reunido pelo terceiro dia consecutivo, no meio de duros confrontos entre radicais e reformadores.

A rádio soviética noticiou que a sessão de hoje do Comité Central iniciou os trabalhos às 10 horas (sete de Lisboa), depois de o órgão político não ter conseguido concluir os trabalhos nos dois dias previstos.

Uma votação final sobre propostas reformas que abalarão os fundamentos do partido e anularão o seu monopólio sobre o poder,

deverá ocorrer durante o dia de hoje.

Notícias oficiais de discursos nas sessões à porta fechada referem duros ataques da "velha guarda" a um programa de reformas apoiado pelo chefe do partido e presidente, Mikhail Gorbachev.

Contudo, um importante porta-voz soviético previu que Gorbachev sairia do plenário numa posição mais forte para fazer avançar a sua Perestroika.

Espera-se que o plenário examine também hoje questões ligadas às resoluções do XX Congresso do Partido Comunista da Lituânia, realizado em Dezembro passado, onde foi decidida a separação do PCUS, e encerre os seus trabalhos ao fim da tarde.

Críticas e apoios

Mikhail Gorbachev propôs na segunda-feira a renúncia do PCUS ao monopólio do poder e a instauração do pluripartidarismo no país.

No primeiro dia da sessão, na segunda-feira, os elementos da linha dura do partido acusaram Gorbachev de conduzir o país para a anarquia com o programa da Perestroika.

Vladimir Brovnikov, embaixador da União Soviética na Polónia, manifestou-se contra a proposta de Gorbachev e acusou "dirigentes do partido e do Estado" de terem cometido erros, "entre os quais a proclamação da democratização total da sociedade sem a implantação da ordem e da disciplina no país.

Piotr Lutchinski, primeiro



Mikhail Gorbachev

secretário do CC do Partido Comunista da Moldávia, argumentou, por seu turno, que o projecto de plataforma é "um importante passo em frente", embora omisso de "posições claras sobre questões candentes da sociedade".

Em sua opinião, o pluripartidarismo é já uma realidade na União Soviética.

Boris Guidaspov, primeiro secretário da organização regional do PCUS de Leninegrado, alertou para o facto de a situação política e económica estar a "desestabilizar-se de dia para dia" e não serem "promissoras" as perspectivas.

Mas, a par das críticas, foram também ouvidas na

reunião declarações de apoio à proposta de Gorbachev.

Para surpresa dos participantes, até o conservador Yegor Ligachev interveio a favor do líder soviético, o mesmo sucedendo com o primeiro-ministro, Nijolai Ryzhkov.

Inquirido em conferência de imprensa sobre o efeito que a reunião do CC terá sobre a posição de Gorbachev, o porta-voz do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros, Guennady Guerassimov, respondeu: "Naturalmente que a vai reforçar".

Redacção "DL"/Lusa/
Novosti
(Ver págs. 2, 3 e 4)

Cimeira na agenda de Baker

O secretário de Estado norte-americano, James Baker, inicia hoje uma visita oficial à União Soviética, durante a qual manterá conversações com os principais dirigentes do Kremlin e fará uma intervenção histórica perante uma comissão do Soviète Supremo.

Baker, que hoje mesmo conclui uma visita de dois dias a Praga, onde teve reuniões de trabalho com o ministro checoslovaco dos Negócios Estrangeiros, Jiri Dienstbier e foi recebido pelo Presidente Vaclav Havel, irá encontrar-se pela sexta vez com o seu homólogo soviético, Eduard Shevardnadze.

Os chefes das diplomacias das duas superpotências, além de debaterem temas bilaterais e outros relacionados com as iniciativas de controlo de armamento, irão preparar a próxima cimeira entre os presidentes Bush e Gorbachev, que se realiza em Junho, em Washington.

O secretário de Estado norte-americano será recebido por Gorbachev no Kremlin. Mas a visita de Baker ficará ainda assinalada por uma iniciativa inédita no relacionamento entre os dois países: irá comparecer perante a comissão dos assuntos internacionais do Soviète Supremo (o Parlamento soviético), para fazer uma curta comunicação de 10 minutos e responder às perguntas dos deputados, membros daquela comissão.

Auxílio à Checoslováquia

Em Praga, James Baker anunciou um pacote de auxílio político e financeiro à Checoslováquia, mas advertiu que Washington isolaria economicamente as nações da Europa de Leste que exitassem na transição para a democracia.

No discurso na Universidade Charles, em Praga, Baker afirmou que o Presidente George Bush pediria ao Congresso que concedesse à Checoslováquia o estatuto comercial de «nação favorecida».

Indicando que os Estados Unidos aceitaram as credenciais democráticas de Praga, a par com as da Polónia e da Hungria, Baker sublinhou também que Washington permitiria o acesso da Checoslováquia a garantias de crédito de exportação.

Outras medidas de apoio foram também anunciadas por Baker, nomeadamente o apoio à adesão da Checoslováquia ao Fundo Monetário Internacional, a instalação de uma dependência do Banco Europeu de Desenvolvimento em Praga, o financiamento de projectos destinados a desenvolver a imprensa e o apoio a um conjunto de projectos dedicados ao combate da poluição do ar, considerada uma das piores da Europa.

EUA não aceitam recuos no Leste

Baker avançou com a proposta de criação de uma equipa internacional de observadores, representando os 35 signatários da Conferência sobre Cooperação e Segurança na Europa para fiscalizar todas as eleições previstas para este ano nos países de Leste. Ainda em Praga, o secretário de Estado norte-americano afirmou que os EUA só aceitarão participar na cimeira de 35 nações proposta pelo Presidente Gorbachev, se Moscovo reconhecer as eleições livres como um direito básico. Além disso, pretende também que seja aprovado um tratado sobre armas convencionais, para ser assinado na próxima cimeira entre os presidentes dos dois países (ver pág. 24).

Contrariando o Bundesbank

Kohl propõe à RDA união económica e monetária

O Governo alemão-federal decidiu ontem, contrariamente à posição do Bundesbank (Banco Central), propôr à RDA a abertura de negociações imediatas sobre a unidade económica e monetária entre as duas Alemanhas.

Na reunião semanal do Governo de Helmut Kohl, que se efectua hoje, esta proposta deverá ser formalmente apresentada e aceite, antes de ser comunicada em termos oficiais ao Governo de Hans Modrow.

Kohl, com esta tomada de posição, lançou-se numa prova de força com o Banco Central da RFA, única entidade responsável pela condução da política monetária do país.

Karl Otto Poehl, presidente do Bundesbank e um dos especialistas mais ouvidos no universo da finança internacional, alegou em conferência de imprensa, horas após o anúncio da proposta de Kohl, que uma união monetária rápida entre as Alemanhas seria prematura.

Na sua opinião, é necessário que o Governo leste-alemão consiga, antes, tornar a sua moeda progressivamente convertível e avançar resolutamente nas reformas fiscais e de preços. Pohl anunciou por fim quealaria dos detalhes do calendário da união económica e monetária com Modrow durante o seu

encontro na cimeira de Bona, que se realiza entre 13 e 14 de Fevereiro.

O chanceler alemão-federal justificou, por seu lado, a proposta do seu Governo, alegando os acontecimentos dramáticos na RDA, a perda de autoridade do Estado alemão-oriental e a vertiginosa entrada de emigrantes da RDA para a RFA.

Por outro lado o secretário de Estado norte-americano, James Baker, exprimiu ontem o seu apoio a um plano que manteria uma Alemanha reunificada na NATO, mas impediria as tropas ocidentais de avançarem para o que é hoje a Alemanha de Leste.

A proposta, avançada na passada semana pelo ministro alemão federal dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher, previa ainda que as tropas soviéticas permanecessem na parte oriental da Alemanha, pelo menos inicialmente.

Um alto funcionário norte-americano afirmou que o processo de reunificação foi acelerado a tal ponto que as duas alemanhas poderão iniciar uma integração económica, política e jurídica, logo após as eleições gerais de 18 de Março na RDA.

Lusa

A propósito da visita de Baker a Moscovo

As incertezas do Ocidente quanto à questão do desarmamento

«As grandes mudanças na União Soviética têm até agora sido principalmente políticas, e espectaculares por assim dizer, mas temos boas razões para esperar que haja um melhoramento significativo na segurança mundial.» Estas palavras são do sub-secretário da defesa norte-americano, D. Wolfowitz, proferidas durante um discurso na Universidade de Defesa Nacional, nos E.U.A.. No entanto, Wolfowitz defende uma estratégia de segurança militar e política que preveja um eventual falhanço das reformas soviéticas.

Esta posição reflecte, de maneira significativa, o dilema perante o qual se têm desenvolvido os esforços de desanuviamento bélico entre a NATO e o Pacto de Varsóvia. Isto é, até que ponto o Oeste pode acreditar que a ameaça soviética, que pairou no mundo durante mais de 50 anos, tenha desaparecido. Noutros termos, onde está o inimigo?

Avalanche de propostas

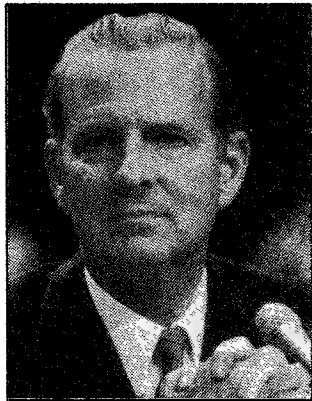
A incerteza, que tem caracterizado as negociações para a redução de armamento, traduz-se por uma avalanche de propostas que nem sempre se revelam oportunas: o exemplo clássico foi a declaração do ministro belga da Defesa, que, sem consultar os seus parceiros da NATO, anunciou que iria retirar o contingente de 25 mil homens estacionados na RFA. Este comportamento, comparável com os apelos de certos dirigentes do Leste, algo espontâneos, à União Soviética, para retirar as tropas estacionadas nos seus territórios, tem como consequência a desestabilização dos blocos militares. Num ambiente de desarmamento, onde há falta de credibilidade quanto às intenções do inimigo, as divisões internas das alianças têm um efeito contrário ao desejado, porque levam ao desentendimento quanto às propostas a fazer em comum.

A nítida falta de liderança que se sentia na NATO, resultado de uma proliferação de propostas unilaterais, só se resolveu com as propostas de George Bush no Congresso dos EUA, no dia 31 de Janeiro. Ao propor que as duas superpotências só dispusessem de 195 mil homens, cada uma, na Europa central, Bush conseguiu restabelecer uma certa união na Aliança Atlântica.

A incerteza dos EUA

Hoje em Moscovo, o secretário de Estado norte-americano, James Baker será confrontado com a preparação das negociações START, sobre armamento nuclear, e poderá fazer-lo sabendo que pelo menos do lado da NATO há uma unidade de pensamento. Pelo lado soviético, tudo indica que muita coisa pode ser posta em questão, inclusive a liderança do Governo soviético, o que deixa o lado ocidental uma vez mais no nevoeiro. Só os soviéticos parecem ter certezas quanto ao comportamento do seu parceiro nas negociações, isto é, manter na Europa um mínimo de tropas e ogivas nucleares suficientes para empenhar decisivamente os EUA num eventual conflito limitado ao teatro europeu.

Redacção "DL"



James Baker

Campanha para denegrir políticos

Thatcher vê-se envolvida em escândalo dos anos 70

Os Serviços Secretos britânicos procuraram «desestabilizar» o último Governo de Harold Wilson? Um dos episódios mais misteriosos dos anos 70 volta a ser notícia. Os serviços de informações civis e militares teriam lançado, em 1974-1975, uma campanha de boatos e de calúnias destinada a «denegrir» dezenas de políticos, considerados demasiado «brandos» perante o comunismo ou o terrorismo irlandês, à cabeça dos quais se encontrava Harold Wilson, no seu último mandato como primeiro-ministro, e Edward Heath, chefe da Oposição conservadora na época.

Estas acusações são, desde há anos, mantidas por Colin Wallace, antigo oficial encarregado das Relações Públicas do Exército na Irlanda do Norte, brutalmente despedido em 1975, e que tem procurado, desde então, obter uma reparação. Thatcher já afirmou solenemente, por várias vezes, perante a Câmara dos Comuns, que as alegações de Wallace - citadas no célebre livro de Peter Wright, "Spycatcher", cuja publicação a primeira-ministra fez tudo, em vão, para impedir - não têm fundamento. Porém, agora, para seu grande embaraço, foi obrigada a retratar-se.

Com efeito, Thatcher declarou, no passado dia 31 de Janeiro, no Parlamento, que tinha sido «enganada» por aqueles que negaram a existência de uma tal campanha. «Foi aberto um inquérito para determinar como se puderam verificar esses erros» - afirmou. Vários deputados trabalhistas e conservadores, nomeadamente os que foram vítimas dos rumores sobre a sua vida privada e convicções políticas, não querem que a primeira-ministra fique por aqui, e exigem explicações completas.

Este súbito reaparecimento de um caso antigo, que se pensava estar encerrado, parece dever-se ao acaso. Um arquivista militar, que estudava velhos dossiers, depurou com o resumo de uma entrevista entre Wallace e um dos seus superiores. O oficial era formalmente instruído a disseminar, entre os jornalistas que encontrava diari-



Thatcher declarou-se «enganada»

amente, em Belfast, calúnias sobre personalidades da política local: um era homossexual, o outro corrupto, um terceiro colocava bombas, etc.

«Laranja Mecânica»

Esse dossier intitulava-se, por incrível que pareça, «Laranja Mecânica», e estava metido no meio da papelada. O Exército tinha-se limitado, quando Wallace protestou contra a sua demissão e começou a revelar o tipo de trabalho de que fora incumbido, a fornecer o dossier pessoal deste militar, que não continha nada de semelhante. Depois da sua saída do Exército, Wallace foi acusado do assassinio não premeditado de um antiquário, com cuja mulher mantinha uma ligação. Foi condenado a uma pena de dez anos de prisão, que cumpriu, e esta peripécia lançou, como é evidente, algumas dúvidas sobre a seriedade do seu carácter, tanto mais que não forneceu, tal como Peter Wright, qualquer prova material para fundamentar as denúncias.

A descoberta do dossier «Laranja Mecânica» nos arquivos do Ministério da Defesa, assim como a confissão de Thatcher de que fora «enganada» nesta questão, fazem o caso mudar de figura. A questão que se coloca é a seguinte: será que esta campanha de desinformação - levada a cabo pelos Serviços Secretos e cuja existência é, agora, admitida - se restringiu à Irlanda do Norte e se limitou a denegrir alguns políticos locais, católicos e protestantes, considerados incómodos pelas forças de Segurança, ou será que visava muito mais alto, até Wilson e Heath, como acusam Peter Wright e Colin Wallace? Este último enumerou os boatos espalhados pelos Serviços Secretos, por intermédio de «jornalistas» a trabalharem nos Estados Unidos: afectam sobretudo, Marcia Williams, conselheira de Harold Wilson, então primeiro-ministro, com o qual mantinha uma ligação. O próprio Wilson tanto era acusado de ser manipulado

pelo KGB, como de se ter recusado a deixar os Serviços de Segurança examinarem os dossiers de vários dos seus colaboradores, os quais, por sua vez, seriam agentes comunistas. Depois de ter sido publicada em qualquer órgão de Comunicação americano, a «notícia» era apresentada como sendo proveniente dos Estados Unidos e da responsabilidade da CIA, que teria um dossier sobre Harold Wilson.

Um antigo ministro trabalhista, responsável pela Irlanda do Norte, fez a Câmara dos Comuns rir quando explicou como fora vítima dessa campanha, que, oficialmente, não existia até agora. Mostrou uma carta, proveniente dos Estados Unidos, na qual lhe agradeciam calorosamente o apoio que dava ao IRA...

Um outro deputado trabalhista, de uma ala mais à esquerda, pegou no assunto numa outra perspectiva. Deu a entender que Thatcher, na realidade, estava a par do caso desde há muito. Em seu entender, deveria responder pessoalmente às perguntas dos deputados, «pois foi a principal beneficiária desta campanha, tendo sido o seu principal arquiteto...»

O «speaker» cortou-lhe a palavra, considerando que não tinha o direito de proferir tais acusações aproveitando-se da imunidade judicial que abrange os debates parlamentares. Mas Livinstone não fez mais do que repetir um outro boato, igualmente antigo: Thatcher, eleita líder do Partido Conservador em 1975, teria sido clandestinamente ajudada pelos Serviços Secretos, que partilhavam as suas convicções de extrema-direita e lhe teriam preparado o terreno, caluniando tanto o primeiro-ministro trabalhista em funções, Harold Wilson - que abandonou o Poder passado um ano, farto da campanha nos jornais sobre a sua vida pública e privada -, como o então chefe da Oposição conservadora, Edward Heath, ao qual Thatcher viria a suceder.

Dominique Dhombres

Exclusivo «Le Monde» DL
Tradução de Isabel Joyce)

EUA querem que o Japão abra o mercado de satélites

Os Estados Unidos pediram ao Japão que permita que companhias estrangeiras participem, como adjudicatárias, no desenvolvimento dos satélites japoneses, anunciou um funcionário do Ministério japonês dos Correios e Telecomunicações.

Washington pretende também que Tóquio alargue a procura de componentes de satélites, passando a incluir fornecedores estrangeiros, acrescentou.

Actualmente, as companhias norte-americanas participam no programa

japonês de desenvolvimento de satélites.

O Japão disse à parte norte-americana que a agência japonesa de desenvolvimento espacial está disposta a comprar componentes para satélites a companhias estrangeiras quanto estes

forem baratos e de boa qualidade, referiu o mesmo funcionário.

Quanto à questão das adjudicatárias, adiantou, o Japão «respondeu que tem que assegurar a tecnologia para o desenvolvimento dos satélites. Se começássemos um

desenvolvimento conjunto, os Estados Unidos teriam que revelar ao Japão informações tecnológicas que as firmas norte-americanas adquiriram» nesta área.

Washington ameaçou impor sanções económicas ao Japão devido à questão dos

satélites, argumentando que Tóquio está a utilizar dinheiro do Governo para desenvolver uma indústria nacional de satélites, fechando injustamente as portas à competição estrangeira.

Lusa

QUOTIDIANO

Bombas não absorvem crude em Porto Santo

O equipamento estrangeiro destinado ao combate à poluição foi recebido de braços abertos. Agora, registam-se inadequações

As bombas que vieram do estrangeiro para recolher o crude da costa da Ilha de Porto Santo nunca tiveram grande capacidade de resposta de escoamento e, neste momento, já não estão a funcionar, o que tem atrasado e dificultado as operações de limpeza daquela área. Agora, aguarda-se a chegada àquela ilha de uma outra bomba, de maior potência, capaz de recolher o crude mesmo quando este se encontra espesso. Enquanto isto, as operações de limpeza, centradas nas Serras de Dentro e de Fora, as zonas mais atingidas pela maré negra, continuam a ser feitas à base dos meios técnicos nacionais. Ou seja, com os cerca de

200 funcionários do Governo e da Câmara Municipal e com o recurso aos baldes e pás.

«As bombas até agora utilizadas estão aptas apenas a recolher o crude quando este ainda se encontra fresco, o que não é o caso. O crude já está muito consistente e as bombas não o conseguem absorver. Espera-se que amanhã chegue uma bomba de outro tipo para que as operações continuem com uma certa rapidez» - confirmou ao «DL» Cândido Pereira, deputado do PSD à Assembleia Regional. Por outro lado, as operações de limpeza foram também dificultadas devido à ineficácia das barreiras oceânicas,

vindas do estrangeiro, que não conseguiram manter o crude nas duas enseadas onde se encontrava concentrado em grandes quantidades.

Segundo a capitania do Funchal, as manchas oleosas e faixas gordurosas avistadas numa zona marítima distante do Porto Santo não ameaçam, por enquanto, as Ilhas Desertas, onde continuam a ser realizadas missões de reconhecimento diárias.

Indemnizações

A Câmara Municipal de Machico anunciou já que vai solicitar indemnizações pelo facto do cancelho ter sido afectado pela maré negra. Um comunicado desta autarquia,

presidida por Martins Júnior, refere que foi também decidido solicitar o reforço de meios regionais e nacionais, bem como a atribuição de apoio financeiro comunitário a Machico.

Recorde-se que a Ponta de S. Lourenço e a freguesia do Caniçal, na extremidade Este da Ilha da Madeira, foram afectadas nos últimos dias por várias manchas de crude.

A Câmara estima que cerca de dez bidões com capacidade de 200 litros cada um possam vir a ser retirados cheios de crude da zona marítima do caniçal, onde as manchas de petroleiro bruto começaram a chegar no domingo.

Dois desaparecidos Embarcação de recreio naufraga em Tróia

Uma embarcação de recreio, com três tripulantes, pescadores desportivos, naufragou, esta madrugada, na Costa da Galé, junto à praia da Comporta. À hora do fecho desta edição, sabia-se que tinha sido recolhido um sobrevivente e outros dois estavam dados como desaparecidos.

Segundo uma fonte da Marinha, a embarcação partiu para o mar, da barra de Setúbal, ontem ao fim da tarde e o alerta foi dado por familiares à capitania daquele porto, cerca das 24 horas. A embarcação, de pequenas dimensões, em fibra e com motor fora de bordo, andou à deriva e voltou-se, tendo encalhado na praia da Comporta, com um naufrago agarrado ao casco.

Após o alerta, e ainda segundo a mesma fonte, foram accionados os mecanismos de salvamento, estando a participar nas buscas uma embarcação da Capitania de Setúbal, o salva vidas «Patrão Rangel», um helicóptero da Força Aérea e os Bombeiros de Alcácer do Sal.

O mau tempo que assola a costa Ocidental, e que levou ao encerramento das barras de Caminha, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Figueira da Foz, S. Martinho do Porto, Aveiro, para embarcações de pesca artesanal, pode ser uma das causas que está na origem do naufrágio da Costa da Galé.

PSD/Madeira afirma-se difamado

Padre Martins Júnior julgado na Madeira

O padre Martins Júnior, deputado pela UDP ao Parlamento Regional da Madeira, actualmente com o mandato suspenso, e presidente da Câmara do Machico, foi ontem julgado por difamação no tribunal do Funchal. A sentença é lida na segunda-feira.

O julgamento surge na sequência de uma queixa do PSD/Madeira relativa a um texto escrito por Martins Júnior no «Diário de Notícias» do Funchal. No texto - uma resposta ao abrigo da Lei de Imprensa a um artigo do social democrata Miguel Mendonça - publicado em 18 de Agosto de 1988, Martins Júnior considerava que o PSD, ao ter inviabilizado um inquérito ao desaparecimento de pratas antigas no edifício da Assembleia Regional, «abafara comprometedoramente» o esclarecimento do caso.

O PSD considera que o inquérito parlamentar era desnecessário, uma vez que na altura decorria um inquérito policial sobre o caso.

O advogado de defesa é Loff Barreto, de Lisboa, enquanto o de acusação é Miguel Albuquerque, dirigente da JSD



O padre Martins Júnior (à direita) falando com o seu advogado durante o julgamento

e actual deputado à Assembleia Legislativa Regional.

As testemunhas de acusação, Alberto João Jardim e Dias Loureiro, não compareceram à audiência, tendo sido ouvidas apenas António Gil, vice-presidente do Parlamento Regional e o líder da bancada social democrática no Par-

lamento, Jaime Ramos.

As testemunhas de Martins Júnior são os antigos deputados Duarte Caldeira, do PS, e Mário Aguiar, do PCP, além de Paulo Martins, Emanuel Jardim Fernandes e Ricardo Vieira, líderes regionais da UDP, PS e CDS, respectivamente. O advogado de acu-

sação pediu que o julgamento fosse escrito.

Devido a este caso, o plenário da Assembleia Legislativa da Madeira aprovou pela primeira vez o levantamento da imunidade parlamentar a um deputado, para que pudesse ser julgado em Tribunal.

Eleições na Associação Académica de Coimbra

Quatro listas disputam hoje e amanhã a presidência da Associação Académica de Coimbra, sendo três delas conotadas com organizações políticas de juventude.

A lista «A», afecta à Juventude Centrista, é liderada por

Vitor Albuquerque; a lista «C», conotada com a Juventude Socialista, é encabeçada por Paulo Alves, a «D», apoiada pela JSD, tem como número um Emídio Guerreiro e a lista «E», independente, é encabeçada por Joaquim Reis.

Federação dos Ferroviários acusa Governo

A Federação dos Sindicatos dos Ferroviários (afecta à CGTP) acusou hoje, em conferência de imprensa, o Conselho de Gerência da CP e o Governo de falta de vontade para resolver o conflito laboral que se arrasta na empresa.

Prova disso, para aquela estrutura sindical, é o facto da gerência ter fechado as negociações e o Ministério do Emprego só agora ter marcado a data para a primeira reunião de conciliação. Pedido a 5 de Janeiro pela Federação, e apesar da lei prever um prazo de 15 dias para a sua realização, o Ministério só agendou o encontro para 13 de Fevereiro, contrariando, assim, a própria lei.

A luta dos trabalhadores da CP, «prejudica os ferroviários, os utentes e a economia nacional», afirmou um dos dirigentes da Federação esta manhã, em conferência de Imprensa, acrescentando que «o Conselho de Gerência gasta rios de dinheiro para escamotear a luta, em vez de tentar resolver o conflito».

Razões salariais, negociação do regulamento de carreiras, redução do horário de trabalho e da idade de reforma e o encerramento da Caixa de Previdência dos Ferroviários estão na origem da luta em curso, afirmaram os dirigentes sindicais.

Para a Federação, a forma encontrada pela gerência para o pagamento do aumento intercalar referente a 1989 é «ardilosa», pois não tem efeitos nas tabelas salariais, resumindo-se ao aumento no subsídio de refeição de 70 escudos por cada dia útil.

Por outro lado, aos 15 por cento de aumento reivindicado pela Federação, respondeu a empresa com um aumento de 12,31 por cento, negociado com os sindicatos da UGT, que «são minoritários na empresa».

Quanto ao regulamento de carreiras, que deveria ter sido negociado em 1988, responde Carvalho Carreira, presidente do Conselho de Gerência, com o silêncio, explicado pelo facto de não ter sido ele a negociar o que está em vigor, mas sim a anterior administração.

Conselho de Imprensa

Na nossa edição de anteontem, o título «C.I. britânico pode ser extinto» não correspondia à situação descrita na respectiva notícia, essa, sim, verdadeira.

Com efeito, o texto dava a conhecer a preocupação manifes-

tada pelo Conselho de Imprensa britânico perante a perspectiva de extinção do seu homólogo português.

Do erro, que lamentamos, pedimos desculpa aos nossos leitores.

F E V E R E I R O

Mário Soares recebe livro do «Jornal de Notícias»

A História de Portugal vista pelo «Jornal de Notícias» é a tónica do livro que Veiga Anjos, presidente do conselho de administração da empresa proprietária daquele matutino, entregou ontem ao Presidente da República.

Exército executa obras públicas

O Regimento de Engenharia de Espinho realizou, em 1989, diversas obras em cerca de uma dezena de municípios da Região Centro, disse o presidente da Comissão de Coordenação Regional, Silva Afonso.

Entre essas obras contam-se os trabalhos no aeroporto da Pedra da Broa, Oliveira de Frades, e a abertura de várias estradas.

Crítica à Reforma Educativa

A acção do Ministério da Educação no âmbito da Reforma Educativa tem-se processado «de forma desarticulada», considerou a dirigente da Federação Nacional de Educação.

Manuela Teixeira, que falava ontem no final de uma reunião com o ministro e os três secretários de Estado da Educação, não adiantou, no entanto, quaisquer pormenores acerca do balanço das negociações no ano de 1989, documento entregue na oportunidade a Roberto Carneiro.

Emigrantes no Brasil ajudam Igreja da Lousã

Emigrantes portugueses originários da Lousã, radicados no Brasil, congregaram-se para a obtenção de fundos com vista à restauração da igreja paroquial daquela vila, cujas obras foram orçadas em 25 mil contos.

O templo necessita de reparações urgentes, designadamente pintura de paredes, colocação de soalhos, janelas, portas, tratamento de alguns altares e instalação de aparelhagem eléctrica e sonora.

Fernando Gomes procura entendimento na gestão

Fernando Gomes, presidente da Câmara Municipal do Porto, reúne-se hoje com o presidente do PSD/Porto, Luís Filipe Meneses, e com o ex-presidente da Assembleia Municipal, Ferrer Loureiro, para negociar um eventual entendimento na gestão da autarquia.

O autarca propôs ao PSD os pelouros da protecção civil, informatização e relações internacionais, mas os sociais democratas adiaram a resposta na sequência da realização das eleições distritais do partido.

Trabalhadores da EDP fazem greve a 14 e 15

O Sindicato da Electricidade (Sindel) marcou uma greve na EDP para 14 e 15 de Fevereiro e, ainda, recusa às horas extraordinárias entre os dias 11 e 19.

O Sindel esclareceu que a decisão foi tomada depois de uma reunião de negociações em que o conselho de gerência da empresa «não alterou um milímetro a sua proposta de tabela salarial».

Idanha-a-Nova e Quercus promovem natureza

A Câmara de Idanha-a-Nova e a associação Quercus celebraram ontem um protocolo de colaboração com vista à promoção do turismo de natureza e da educação e investigação ambientais na região do Tejo internacional.

Nos termos do protocolo, a Quercus comprometeu-se a instalar um alimentador de abutres na região de Idanha-a-Nova, tendo o município acordado «desenvolver projectos de sensibilização da

temática da conservação da natureza». Esta associação ecologista vai promover acções de educação ambiental em escolas e desenvolver projectos de investigação científica sobre fauna e flora da região, facultando a Câmara o apoio logístico.

A Quercus pretende incluir esta autarquia no projecto «mil municípios europeus pelo meio ambiente», promovido pelas Comunidades Europeias.

O Movimento Democrático das Mulheres vai intensificar a luta pela aplicação das leis de Planeamento Familiar, Interrupção da Gravidez e Protecção à Maternidade-Paternidade

Há seis anos, o debate na Assembleia da República em torno da questão da interrupção voluntária da gravidez suscitou a mobilização de muitos apolantes e adversários

Lei do aborto nada mudou

O Movimento Democrático das Mulheres vai apresentar, na segunda-feira, na Assembleia da República um documento de balanço da aplicação das leis de Protecção da Maternidade-Paternidade, Interrupção Voluntária da Gravidez e Educação Sexual e Planeamento Familiar.

A 15 de Fevereiro de 1984 a sociedade civil portuguesa envolvia-se em grande polémica. A Igreja recorria aos dogmas mais sólidos, os movimentos de mulheres marcavam manifestações, o Governo do Bloco Central apresentava fissuras entre os seus membros. A interrupção voluntária da gravidez ou, em linguagem popular, o aborto estava na ordem do dia.

A legislação aprovada, uma situação de compromisso, não agradou a ninguém. Para uns a lei era muito restritiva, para outros quase blasfema.

Seis anos passados, a sociedade está pacificada, a legislação foi impressa e divulgada em Diário da República, mas quase tudo ficou na mesma.

A avaliar pelos dados recolhidos pelo MDM corre-se o risco de cair na situação caricata de afirmar que não há aborto em Portugal. Os casos registados nos hospitais são ínfimos e na sua maioria a interrupção da gravidez foi realizada em situações extremas, ou seja, quando a manutenção do feto punha em perigo a vida da mãe. Nas restantes alíneas

previstas pela lei (grave lesão psíquica da mulher ou uma gravidez originada por um acto de violação) contam-se pelos dedos o número de médicos que aceitaram fazer nos estabelecimentos hospitalares a intervenção cirúrgica. Isto para já não falar dos casos que não estão consignados na legislação. Para esses as clínicas privadas ou as abortadeiras, que ainda as há, são as únicas instituições.

A deputada do PCP e secretária do MDP, Luísa Amorim, levantou uma ponta do véu de silêncio ao referir que alguns médicos, objectores de consciência assumidos, nos hospitais, praticam a interrupção da gravidez em clínicas ou consultórios privados.

Há excepções, mas estes clínicos, desde que não estejam devidamente salvaguardados pela lei, podem pôr em risco a sua carreira hospitalar. Por isso, segundo o DL apurou junto de alguns médicos, a objecção de consciência é mais uma posição de comodismo do que um acto de convicção.

Luísa Amorim ressaltou desde o início a sua posição ao afirmar que «o que está em causa não são os médicos, pois esta classe como todas as outras tem profissionais conscientes, e os outros. O que está em causa é a vontade política de dar uso social à lei, em vez de a transformar num sofisma».

A especulação de preços (sem recibo verde), o apareci-

mento de mulheres que vão morrer no hospital com «infecções», em suma, a clandestinidade é a factura social a pagar por esta situação.

Planeamento familiar

A discricionariedade de emprego entre homens e mulheres por parte de empregadores que se recusam no dia a dia a cumprir a lei de protecção à maternidade e paternidade, foi assunto que apaixonou as participantes no debate.

O MDM considera gravosos os inquéritos feitos, em muitas empresas, às mulheres que procuram trabalho, que frequentemente têm de responder a perguntas do foro íntimo como: «Está a pensar ter filhos?» ou «Pensa casar-se em breve?»

Os prémios de produtividade nas empresas, «forma subtil de desrespeitar os direitos da mulher», obrigam muitas vezes as mães a abdicarem da amamentação dos filhos ou da assistência à família para evitarem a penalização financeira.

A lei do Planeamento Familiar e Educação Sexual não foge à regra do esvaziamento social.

Os drs. Silva Santos, médico de saúde pública, e Norberto Sesarine, da Associação do Planeamento Familiar, ultrapassaram etapas para irem ao cerne da questão: a sensibilização dos adolescentes escolarizados.

O fio da conversa desenrolou-se em torno da «revo-

lução das mentalidades», nesta perspectiva o alvo prioritário é, para os dois médicos, a educação sexual dos jovens nas escolas ou nos centros de apoio criados para o efeito.

Silva Santos apelou ao Movimento Democrático das Mulheres e em especial à deputada Luísa Amorim para que sejam desenvolvidas acções junto dos grupos parlamentares e do Governo no sentido das consultas de planeamento familiar terem espaços condignos nos centros de saúde.

A lei é explícita nesta matéria. O artigo 1º alínea 2ª «incumbe ao Estado de promover, pelos meios necessários, a divulgação dos métodos de planeamento familiar e organizar as estruturas jurídicas e técnicas que permitam o exercício da maternidade e paternidade consciente». Os sucessivos governos são ainda responsáveis pela «cobertura progressiva do território nacional com meios de consulta sobre o planeamento familiar implantados em todos os centros de saúde, bem como nos serviços de ginecologia e obstetria dos hospitais». A gratuidade das consultas e dos contraceptivos proporcionados por entidades públicas, como forma de garantir o direito dos cidadãos planearem a sua vida familiar são factores que, na altura, preocuparam o legislador.

M. J. R.

Muitos candidatos poucos examinadores

O número de pretendentes à carta aumenta nas escolas de condução. De ano para ano, o prazo de exame dilata-se desmesuradamente

Já lá vai o tempo em que chegavam dois meses para se tirar a carta de condução. Agora, são precisos oito a dez meses e, mesmo assim, ainda é por favor. Os candidatos são muitos e os examinadores poucos. As escolas de condução queixam-se de que a Direcção-Geral de Viação (DGV) não tem capacidade para responder ao número de candidatos.

Quem não está também muito satisfeito com a sua situação são os inspectores-examinadores e os agentes técnicos de viação que iniciaram ontem uma greve de três dias por semana, às terças, quartas e quintas-feiras, para reclamarem a saída de um diploma sobre as respectivas carreiras.

Segundo o Sindicato da Função Pública do Sul, a

adesão à greve foi, ontem, de 90 por cento a nível nacional. Em Lisboa, Coimbra, Évora, Viseu, Aveiro, Braga, Faro, Santarém e Leiria foi total e no Porto atingiu os oito por cento. Só em Setúbal é que os dois examinadores existentes não aderiram a esta paralisação.

Contactado pelo «DL» um elemento duma escola de condução de Lisboa disse ter na fila de espera mais de 170 candidatos e a manter-se esta situação daqui a dois ou três meses terá mais de 300. Para o mês de Fevereiro, o contingente estipulado pela DGV apenas lhe atribuiu 34 vagas para exame. «Isto é mau para os candidatos e para nós. Começa-se a instalar um clima de desconfiança entre os clientes e a escola e de concorrência desleal na própria classe. Até

já há quem se aproveite e negocie com os candidatos a data do exame» - disse-nos um dirigente da mesma escola.

Problemas em cadeia

A opinião parece ser unânime: a escassez de examinadores é um dos factores que tem agravado a situação. O próprio Sindicato da Função Pública do Sul refere que com o actual sistema e estrutura não há capacidade de resposta para o número de candidatos existentes. «Esta situação começa a criar problemas na classe. Há casos escandalosos tais como fazerem-se exames de motociclos em 5 ou 10 minutos, como se fosse uma autêntica lotaria, os de automóvel em 20 minutos, quando por lei estão estipulados 30, e haver escolas que

sejam mais beneficiadas que outras

O sistema propicia tudo isto e logicamente há quem o aproveite» - afirmou ao «DL» Paulo Trindade, dirigente sindical.

Para satisfazer as necessidades do mercado seriam precisos mais de 200 examinadores a nível nacional - acrescentou. Neste momento, existem cem e, desde 1984, que a DGV dispõe de 31 vagas que ainda não foram preenchidas.

«Não temos nada contra a DGV, mas sim contra o sistema. A nossa associação tem-se abastado por resolver o problema, mas até agora nada conseguiu. Há escolas que começam a ter problemas financeiros. As pessoas desistem ou preferem as aulas na altura do exame, o que nos

leva, por vezes, a trabalhar só quatro horas por dia quando temos capacidade para trabalhar o dobro. É claro que isto se reflecte na situação financeira da empresa» - disse ao «DL» um dos dirigentes da escola por nós contactada.

Em sua opinião, a solução só pode ser desbloqueada pela DGV: «ou se metem mais inspectores-examinadores ou há exames durante todo o dia e não só até às duas da tarde. O descontentamento, quer da classe, quer dos candidatos, começa a generalizar-se. A continuarmos assim, limitados na nossa capacidade de trabalho não sabemos onde é que isto vai parar».

Segundo o Sindicato da Função Pública do Sul a greve dos examinadores vai continuar de acordo com o

calendário previsto, nomeadamente nos dias 8, 13, 14, 15, 20, 21, 22 e 28 de Fevereiro. «A paralisação só será interrompida se o Governo nos contactar e garantir, pelo menos, a aprovação do diploma de estruturação do estatuto de carreira. Trata-se de um documento que já foi acordado entre o Governo e os sindicatos, em julho de 89, mas que ainda não foi aprovado. A situação agravou-se quando soubemos que este diploma tinha sofrido alterações que não nos foram comunicadas» - afirmou ao «DL» Paulo Trindade.

Devido a esta greve, cerca de mil exames de condução ficam diariamente por fazer.

A. M. I



Alteração no trânsito Na Rotunda do Relógio, perto do aeroporto de Lisboa, o escoamento do trânsito foi recondicionado com a intenção de o melhorar. Desde ontem, há quatro acessos em vez dos cinco anteriores e entraram em

funcionamento os semáforos que, comandados por computador, estudam a evolução do tráfego, dando a cada momento a solução julgada melhor aos problemas da circulação automóvel

Bombeiros de Albufeira fizeram a inspecção

Juízes encerram tribunal inseguro

O Tribunal de Albufeira está encerrado ao público. Os quatro magistrados em funções tomaram esta resolução por o edifício não reunir as condições mínimas de segurança, segundo o relatório dos bombeiros, apresentado na segunda-feira.

Em 1986 tinha sido feita uma inspecção por aquela corporação para avaliar o estado do edifício construído há mais de século e meio. Uma vez detectadas as deficiências, o juiz presidente, Sousa Pinto, escreveu para o Ministério da Justiça dando conta dos problemas existentes. Não obteve qualquer resposta e as instalações ficaram ainda mais danificadas. «Não queremos pôr em risco a vida de ninguém, uma vez que até ao momento nada foi feito para minorar a situação», disse ao «DL» Sousa Pinto.

Lembrando-se do exemplo do Tribunal de Barreiro que só encerrou as suas portas depois de ter caído metade do tecto, os magistrados decidiram actuar antes de haver acidentes com os utentes. Estes afirmam que já não se queixam das más condições de trabalho que afectam os 19 funcionários. Por exemplo, há uma sala de 12 metros quadrados para dois juízes. Entre outras reparações, é urgente fazer nova instalação eléctrica e mudar o soalho.

De realçar que o tribunal como instituição não encerrou. As causas dos arguidos estão salvaguardadas. Os indivíduos detidos devem apresentar-se no tribunal no prazo de 48 horas. Neste momento, os interrogatórios estão a ser feitos na GNR. A carta enviada ao Ministério pedia instalações provisórias no novo edifício

da Câmara de Albufeira. Segundo o juiz presidente, esta seria a melhor solução porque «há salas vagas, o Ministério gastaria muito pouco com as adaptações e sairíamos todos beneficiados, principalmente o público».

Antes das eleições autárquicas foi solicitada à Câmara licença para aí instalar o Tribunal até ser edificada o novo Palácio da Justiça. A edilidade não tomou nenhuma medida para resolver o problema. O presidente apenas informou verbalmente que as salas vagas estão destinadas a um novo museu.

A construção do Palácio da Justiça foi entregue a uma empresa que faliu. Agora, terá de haver novo concurso para adjudicação da obra. Só daqui a quatro anos poderá haver novas instalações e os magistrados do Tribunal entendem que não podem continuar nesta situação.

Estrangeiros são 14 por cento dos reclusos

Cerca de 14 por cento dos reclusos em cadeias portuguesas são estrangeiros, segundo dados da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais.

Os 48 estabelecimentos prisionais, especiais, regionais e cadeias de apoio, tinham em 31 de Janeiro findo um total de 8 938 reclusos, dos quais 1 242 cidadãos de 63 países. Este número representa um aumento de 6,57 por cento de reclusos relativamente a igual período de 1989.

Entre os detidos, encontram-se 831 indivíduos condenados por tráfico de droga, 391 dos quais estrangeiros.

A maior comunidade de reclusos condenados por tráfico de droga é constituída assim pelos portugueses, com 440, a que se seguem os cabo-verdianos (113), colombianos (58), espanhóis (55), angolanos (23), venezuelanos (15), brasileiros (10), argentinos e saotomenses (9 cada), holandeses (8), nigerianos (7), alemães federais e moçambicanos (6 cada), chilenos e bolivianos (4 cada).

Em Portugal há actualmente 15 estabelecimentos centrais e especiais, com uma lotação total de 5 788 reclusos. Os estabelecimentos regionais e cadeias de apoio são 33, com uma lotação de 1 533 detidos.

Estão em construção estabelecimentos prisionais no Funchal e em Faro, com uma lotação de 300 cada, prevendo-se a entrada em funcionamento, respectivamente, em 1992 e 1994.

EDITAL

De harmonia com o disposto no art.º 17.º do Decreto-Lei 427/89 de 7.12 e demais disposições legais em vigor, o Instituto Politécnico de Santarém torna público que no decorrer dos próximos trinta dias vai proceder à selecção para um lugar de Encarregado de Trabalhos de grupo de pessoal auxiliar docente, para a área de Laboratórios Tecnológicos — Celulose e Papel da ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA DE TOMAR.

Será celebrado com o seleccionado um contrato administrativo de provimento.

Os candidatos devem ter como habilitações um Curso Superior que não confira grau de licenciatura e terão preferência os diplomados em Tecnologia de Celulose e Papel.

A remuneração actual do cargo, em aberto, responde à letra H do mapa a que se refere o nº 1 da Portaria 904-B/89 de 16 de Outubro.

A Comissão Instaladora da Escola Superior Tecnologia de Tomar

Mal-amada, até à data, pelos quatro concelhos que serve, a estrada da Circunvalação constitui uma das piores vias da região de Lisboa. A Câmara da capital resolveu arbitrar a questão e assumiu a responsabilidade de a repavimentar. Dentro de cinco meses, segundo a promessa, os buracos desaparecerão e a velha estrada ficará como nova.

É só buracos

Em tempos, foi considerada a maior e a melhor das estradas alfacinhas. Hoje, a estrada da Circunvalação, como é conhecida, continua a ser parte integrante de quatro concelhos (Lisboa, Loures, Amadora e Oeiras) mas, vergonha das vergonhas, encontra-se num estado lastimoso e ninguém parece interessado em acudir-lhe.

Enganadores «farrapos» de alcatrão não chegam para disfarçar os inúmeros buracos, há muito, a pedir remendo. É certo que, este ano, o Inverno foi rigorosamente chuvoso. Mas a história repete-se, desde 86, ano após ano e os protestos sobem de tom. Pena que não encontrem, junto das entidades responsáveis pela sua reparação, o desejável acolhimento.

Em Agosto, a estrada ficou intransitável, mas percorre-se, apesar de tudo.

Motoristas dos transportes

colectivos, milhares de utentes e automobilistas que nela circulam, falam do calvário diariamente percorrido. Bichas intermináveis, longas horas de espera e também de sobressalto, que o perigo está à espera, mesmo ali, nos três a quatro quilómetros de troço que liga Algés à Buraca.

É a parte mais esburacada do longo percurso e, segundo informações da Junta Autónoma das Estradas, é da responsabilidade conjunta das Câmaras de Lisboa e Oeiras.

Oeiras nega. Da Rotunda de Algés até Miraflores, não há dúvida, «é da nossa competência e já foram tomadas medidas» afirmou ao «DL» um dos responsáveis da Direcção de Obras Municipais (DOM) da autarquia. «A obra de reparação foi já iniciada, depois de adjudicada em Novembro passado e consignada no mês seguinte. Para além da futura repavimen-



Longas filas de espera em Algés e noutras paragens mostram bem a dificuldade de circulação dos transportes colectivos

tação, estão em curso o arranjo e construção de valetas. À conta de Oeiras, a empreitada está orçada em cerca de 28 mil contos», adiantou a mesma fonte.

Remendos Insatisfatórios

A verdade é que a estrada foi repavimentada há pouco tempo em algumas zonas mas, como antiga que já é, não está preparada para o fluxo de movimento que todos os dias a cruza. Isso mesmo ficou demonstrado quando, poucos meses passados, abriu buracos sobre buracos, no novo «tapete» que entretanto cobriu pequenas partes da importante via.

Amadora repara de um lado, Oeiras do outro, Lisboa e Loures de outro, ainda. Mas a estrada pede repavimentação completa e urgente, não apenas remendos parciais e provisórios.

Parece chegada a hora. A Câmara Municipal de Lisboa resolveu pôr termo ao «ping-pong» que desde 86 impedia - ou, pelo menos, dificultava - o arranjo da estrada e firmou recentemente um acordo com os vários concelhos envolvidos, a fim de se responsabilizar, em exclusivo, pela reparação da via.

Artur Montenegro, um dos vereadores comprometidos com o pelouro do Trânsito da Câmara lisboeta garantiu ao «DL» que o recém-eleito executivo municipal está disposto «a atacar já».

«É uma zona sensível» mas que ninguém se dispôs a arranjar, diz. Por volta de 86, chegou a haver uma empreitada orçada em 40 mil contos mas, na altura do início das obras, o empreiteiro decidiu dobrar a parada e, uma vez mais, a estrada viu adiada a sua repavimentação. «Já pedimos o orçamento, dentro de dois ou três dias o parecer do técnico encarregado será avaliado e trazido a despacho à Câmara e estaremos em condições de dar início ao processo».

Para quando, então, a nova-velha estrada? Artur Montenegro não arrisca previsões, prematuras decerto, já que uma obra desta envergadura leva o seu tempo. «Não estamos a pensar fazer como se fez na Avenida da Liberdade, onde as partes laterais foram esquecidas. Vamos atacar já e a fundo» garantiu o vereador. Dentro de cinco meses, ou menos, a velha estrada estará como nova.

Atrasos sistemáticos

Mas para já, a estrada fronteiriça é ainda percorrida, a todo o momento, por milhares de ligeiros e pesados. O trânsito, intenso, não evolui rapidamente e as bichas parecem não ter fim. Os autocarros andam, por hábito, atrasados. Sem alternativa, os passageiros esperam e desesperam até à chegada de um «laranja».

Na carreira do 50, um dos

mais longos e concorridos percursos da Carris, os utentes queixam-se do permanente suplício. Os motoristas também, cansados que estão de serem «bodes expiatórios» de uma situação perante a qual são, de todo, impotentes.

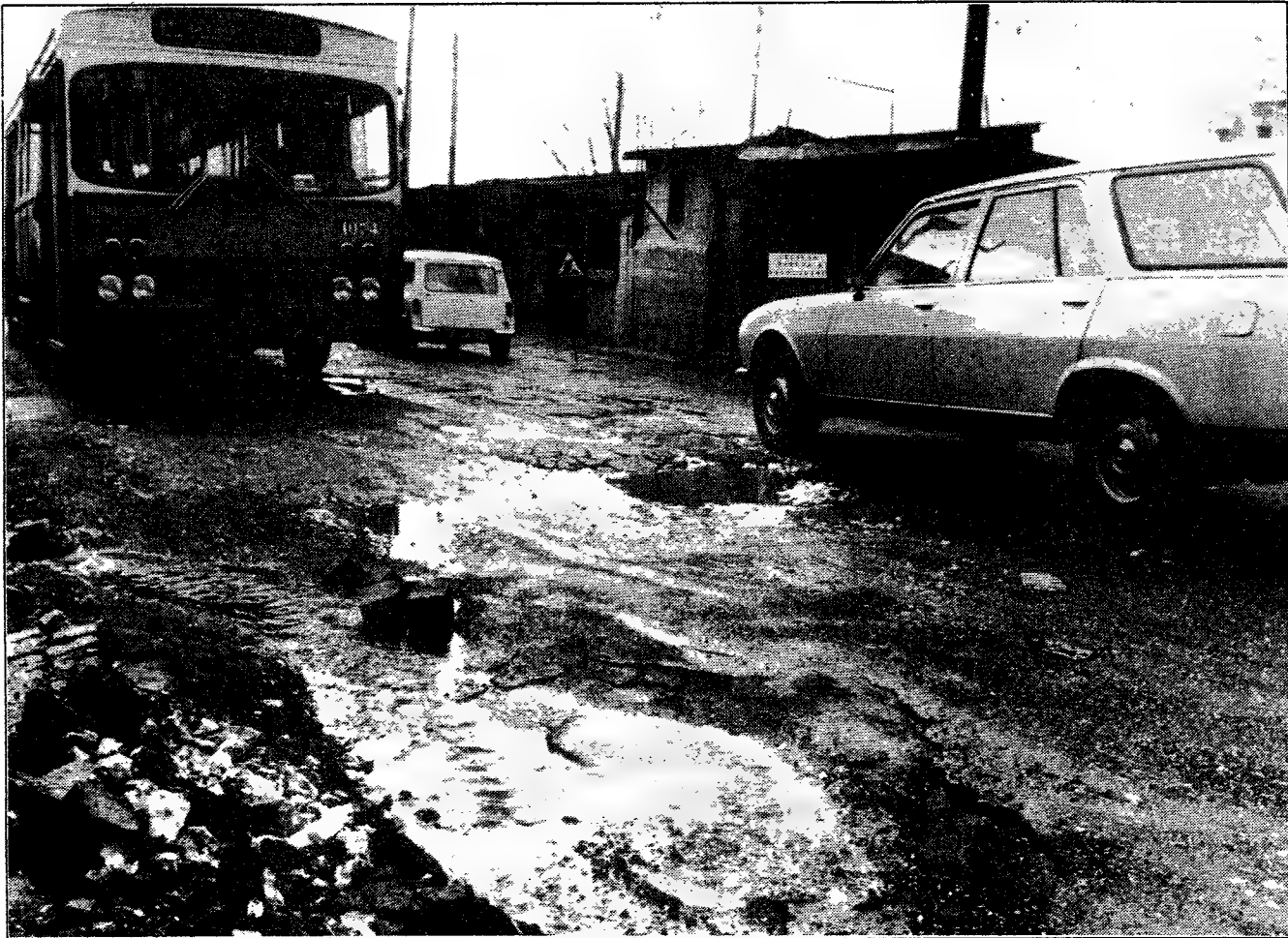
Luís Fernando Ochoa, motorista destacado desde Abril do ano passado para a carreira do 50, fala do «estado de calamidade» do trajecto. Não está ainda saturado, confessa, mas não pode deixar de se queixar. Afinal, «um percurso que deveria demorar 15 a 20 minutos chega a durar uma hora. É uma cansaça. Para além disso, o perigo é constante», afirma.

O condutor que dia após dia percorre vezes sem conta o trajecto de Algés a Poço do Bispo prossegue: «Que eu saiba, ainda se não verificou nenhum desastre com algum dos nossos autocarros nesta zona mas que somos, por vezes, obrigados a fazer manobras consideradas perigosas, isso é verdade. Para evitar os buracos, deixamos a nossa faixa de rodagem e invadimos a faixa contrária. Numa estrada com tanto movimento como esta, as paragens são constantes, já se vê. Demoramos o dobro do tempo, não nos são dadas garantias de total segurança e ainda temos de ouvir os protestos dos passageiros, os de dentro e os de fora, cansados de estar à espera. É uma



Os próprios automobilistas improvisam a sinalização para evitarem acidentes

QUOTIDIANO



O escoamento do trânsito está condicionado pelo péssimo estado do pavimento

dor desempenhar a profissão nestas condições» desabafa, por fim, Luís Ochoa.

Trajecto de má memória

Numa das muitas paragens do 50, Maria do Céu aguarda há mais de meia hora a chegada do desejado autocarro, junto a um buraco

«devidamente» tapado com um velho pneu e encimado por um arbusto. Bem sinalizado, este, que a maioria dos buracos nem por eles se dá, a não ser quando o carro está mesmo em cima deles. Maria do Céu também protesta. Ela e todos os seus companheiros de infortúnio, obrigados a

sacudidelas, safanões, travagens bruscas e ao pára-arranca logo pela manhã, depois ao fim da tarde, todos os dias da semana.

«Hoje o dia nem está muito mau mas durante o Inverno, nem queira saber como isto é. Os autocarros andam a passo de lesma, esperamos

que tempos nas paragens e quando chove estamos sujeitos a levar um banho quando menos esperamos. Às vezes, nem sequer é culpa dos carros. Eles têm que se desviar desses buracos todos», afirma.

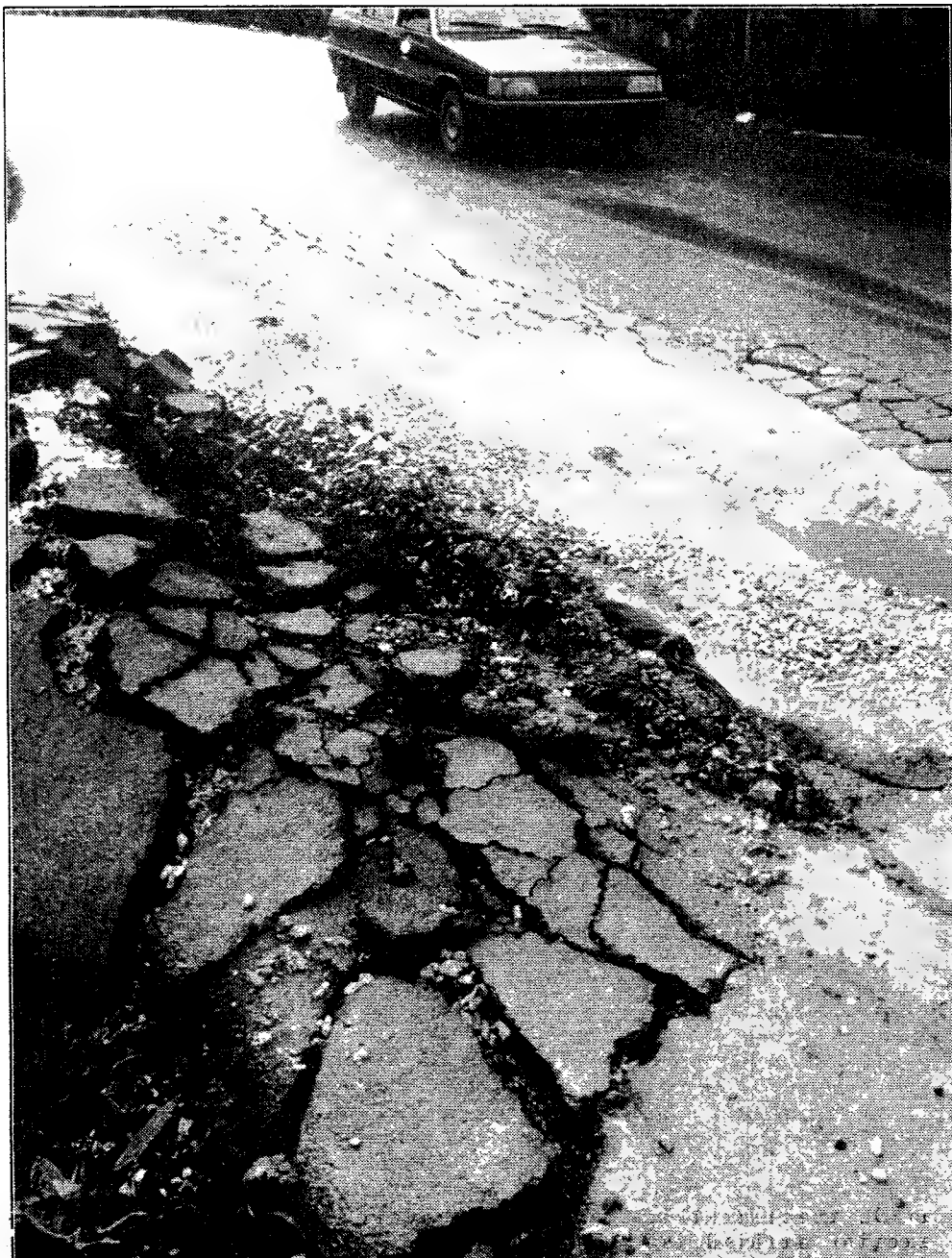
No terminal de Algés, não é hora de ponta mas os passageiros quase se acotovelam nas paragens. A longo fila de espera dá logo a entender que há já algum tempo não é visto nenhum 50 por aquelas bandas. Tão pouco qualquer dos outros autocarros que percorrem o mesmo trajecto de má memória.

E eles são muitos, garante o funcionário da Carris. De Algés à Buraca, na parte mais castigada da Circunvalação, o transpote é assegurado por cerca de 30 autocarros, número reforçado por uns quantos mais, que a Carris «injecta» nas horas de ponta. De 12 em 12 minutos, aproximadamente, um «laranja» inicia nova viagem. No entanto, os passageiros chegam a esperar 40 minutos, às vezes mais, encostados nas paragens.

Mas a solução está para chegar. O município de Lisboa, agora como único responsável pela pavimentação da via, parece ter dado finalmente conta do actual estado de degradação da estrada. Os buracos, entretanto tornados autênticas crateras, parecem ter os dias contados. Os automobilistas vão deixar de sentir na bolsa o desgaste dos seus automóveis, os motoristas e os passageiros dos transportes públicos não mais terão razão para protestar e a estrada da Circunvalação voltará à sua antiga glória.

Mas isso, só lá mais para o Verão. Por agora, intransitável, a estrada tem que ser percorrida. Apesar de tudo.

Emília Trindade



As bermas são pouco consistentes e os remendos não duram muito

B R E V E S

Problemas temporários de papel explicam escassez de boletins

A escassez de boletins de Totobola e Totoloto notada por inúmeros apostadores deve-se a deficiências no papel destinado a imprimir os bilhetes, apurou o «DL». A quebra no fornecimento registou-se a semana passada e apenas afectou, segundo uma fonte da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa, algumas casas comerciais. O abastecimento retomou a normalidade esta semana.

O número de impressos distribuídos é proporcional ao volume de apostas entregue por cada agente na quinzena anterior. Semanalmente, os serviços da Misericórdia de Lisboa emitem oito milhões de boletins de Totoloto e três milhões de Totobola. Na primeira modalidade são desperdiçados metade dos impressos e na outra um terço.

Ilha de Faro requer medidas concretas

O Movimento da Região do Algarve (MRA) preconizou ontem a aplicação de medidas urgentes para a defesa e preservação da ilha de Faro, tornadas mais prementes na sequência dos recentes temporais.

«É perfeitamente inadmissível constatar o continuado adelgaçamento do cordão dunar da ilha sem fazer absolutamente nada» — afirma-se num comunicado do MRA. Segundo o texto, na parte oeste da ilha, a zona «comida pelo mar nos últimos 30 anos é superior a 100 metros».

Deficientes das Forças Armadas vão ter nova sede

Responsáveis da Associação de Deficientes das Forças Armadas (ADFA) assinam hoje a adjudicação da primeira fase das obras de construção da sua sede social. O custo desta fase eleva-se a cerca de 140 mil contos, contando os seus promotores com o apoio dos ministérios da Defesa Nacional e do Emprego e Segurança Social, assim como o auxílio da engenharia militar.

O projecto da obra é da autoria de três filiados da ADFA — um arquitecto e dois engenheiros, sendo um civil e outro electrónico.

Funcionários das alfândegas decidem hoje sobre greve

A Federação dos Sindicatos da Função Pública anunciaram que os trabalhadores das alfândegas farão uma greve de três dias, a 15, 16 e 17 de Fevereiro, se na reunião de hoje com o Governo não forem satisfeitas as suas reivindicações.

O sindicalista Paulo Trindade revelou que os funcionários pretendem uma garantia de que o Orçamento de Estado assegure os vencimentos e suplementos dos trabalhadores e que o Governo apresente uma proposta concreta de carreiras.

Controladores de tráfego aéreo paralisam de 14 a 18

Os controladores de tráfego aéreo vão fazer cinco dias de greve entre as zero horas de dia 14 e as 24 de 18 de Fevereiro. A paralisação, anunciada ontem, não afecta os voos inter-ilhas, entre as regiões autónomas e o continente, de emergência e governamentais.

Os cerca de 300 controladores aéreos portugueses reivindicam aumentos salariais de 22,4 por cento e um aumento da dotação do turno do centro de controlo da ilha açoriana de Santa Maria. A ANA-Aeroportos e Navegação Aérea contrapõe aumentos de 14 por cento.

Produção anual da azeitona sofre quebra acentuada

A apanha da azeitona, em Dezembro passado, foi fortemente condicionada pelo estado do tempo.

Segundo as previsões do Instituto Nacional de Estatística, a produção de azeitona, em 1989, embora superior à do ano anterior em 32 por cento é, em relação à média do último decénio, inferior em 44 por cento.

Cruz Vermelha assinala aniversário em Lisboa

A Cruz Vermelha Portuguesa comemora no próximo domingo o seu 125º aniversário com uma sessão solene no Forum Picoas, em Lisboa.

Actualmente com 28 delegações distritais e 146 núcleos espalhados pelo país, a CVP assinou a primeira Convenção de Genebra a 22 de Agosto de 1864 e nasceu oficialmente a 11 de Fevereiro de 1865.

Acontecimentos no Leste europeu confirmam aposta na qualidade

Integrada nos calendários internacionais, a Intermoda inclui sectores de vestuário e de cosmética. As colecções para o próximo Outono-Inverno inspiram-se na ecologia, no construtivismo russo e no estilo operário

Cerca de 200 empresas de confecção marcam presença na 12ª edição da INTERMODA, iniciativa que conta com o apoio do Instituto do Comércio Externo, da Feira Internacional de Lisboa e da Associação Portuguesa dos Industriais de Vestuário, bem

como de outras organizações, nomeadamente o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, cujo envolvimento, a nível de participação económica, é relevante. Num almoço realizado, ontem, no restaurante da FIL, no qual compareceram os represen-

tantes dos órgãos de informação, foram divulgadas algumas das propostas deste certame que abre as portas amanhã, a partir das 10 horas, embora a inauguração oficial esteja prevista para o meio da tarde. O programa, respeitante a este primeiro

dia, inclui uma *fashion performance*, a cargo das escolas de formação profissional, duas passagens de modelos e, a finalizar, a apresentação da colecção para o próximo Outono/Inverno, concebida pelo costureiro José Carlos. Segundo Sérgio Zilhão,

director da FIL, esta feira «tem estimulado muitas pequenas e médias empresas» que, ali, conseguiram estabelecer contactos altamente proveitosos. Acrescentou ainda que os recentes acontecimentos do Leste Europeu vieram confirmar a tese, defendida pelos responsáveis da INTERMODA, da aposta na qualidade, no *design* e na criação de marcas. Só assim nos podemos impor nos mercados internacionais. Há que atender ao papel desempenhado, pelas pequenas e médias empresas de confecção, na economia nacional. Em termos de emprego representam 30%, detendo ainda igual percentagem no que respeita ao total das exportações.

Melhorar a Imagem

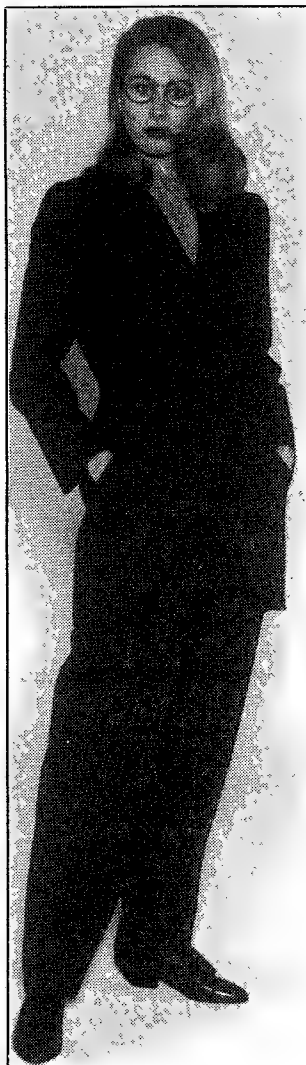
No recinto, destinado à feira, estarão presentes 251 expositores nacionais e seis estrangeiros, estes provenientes de Espanha e França. Se o número de *stands* tem vindo a crescer, deve-se em parte ao dinamismo da Associação Portuguesa de Industriais de Vestuário, que se esforça no sentido de captar cada vez mais adesões e de melhorar a imagem da moda portuguesa.

Esgotada a fase dos salários baixos, que proporcionou o chamado «El Dorado» dos anos 70, e perante o desafio do Mercado Comum, impõe-se a adopção de medidas que evitem a queda da nossa indústria de confecção no abismo. Movendo-se num cenário bastante desanimador, terá que enfrentar a realidade. Isto significa, de acordo com a APIV, que é necessário reequipar-se e agir nos circuitos de comercialização com agressividade, de molde a furar a barreira da concorrência.

Uma moda que conjuga a elegância e o conforto

No contexto referido inscrevem-se as palavras de Teixeira da Mota, secretário geral da APIV: «ao Governo português compete apoiar, sem tibiezas, a reestruturação exigida, o que, desde logo, se traduz em vultuosos investimentos.» Resta-nos falar da cosmética, uma componente de peso na INTERMODA, que se dirige aos profissionais do sector. Ramo fundamental no conceito de moda, reúne uma centena de expositores nacionais e estrangeiros. Quanto à matéria em foco, a moda patente no salão da FIL, inspira-se, essencialmente, na temática laboral, no construtivismo do pintor russo Malevich e nos ambientes literários dos anos 20 e 30. Em destaque, ainda, as influências dos uniformes militares, do vestuário do operário e do vestuário ecológico que vai ser uma das preocupações desta década.

Lourdes Féria



Informação

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

GREVE DE 30 DE JANEIRO A 9 DE FEVEREIRO DE 1990

Período das 12.00 horas do dia 30/01/90 às 24.00 horas do dia 09/02/90

Atendendo às características parciais das paralisações levadas a efeito pelas estruturas sindicais dos Trabalhadores da Empresa e tendo como objectivo minorar os inconvenientes para os Senhores Passageiros, a CP informa o seguinte sobre a circulação dos comboios e barcos, naquele período:

1. ZONA SUBURBANA DE LISBOA

1.1. Linha de Sintra

Prevê-se a realização dos comboios com origem e destino em Sintra e Cacém, com o horário dos dias úteis.

Todos os comboios terão paragem em Campolide.

A CP desenvolve também, a partir das 6.00 horas, um esquema rodoviário alternativo com origens e destinos em Queluz e Amadora, ambos sobre Sete Rios (Lisboa).

1.2. Linha de Cascais

Prevê-se que seja praticado o horário que vigora aos domingos, com algumas supressões pontuais.

Todos os comboios terão paragem em Santos.

ACP desenvolve também, a partir das 6.00 horas, um esquema rodoviário complementar, com origens e destinos em S. Pedro, Parede, Carcavelos, Oeiras, Paço d'Arcos e Cais do Sodré.

1.3. Lisboa — Azambuja

Prevê-se a realização do serviço normal.

1.4. Barreiro — Praias do Sado

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.

1.5. Via Fluvial — Lisboa/Barreiro

Será praticado o serviço normal

1.6. Cacém — Torres Vedras

Prevê-se a realização de grande parte destes serviços.

2. ZONA SUBURBANA DO PORTO

Linha da Póvoa, Porto-Marco, Aveiro-Porto e Porto-Braga.

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.

3. ZONA SUBURBANA DE COIMBRA

Coimbra — Figueira da Foz e Coimbra — Serpins

Efectuar-se-á um número significativo de comboios.

4. SERVIÇOS «ALFA» E «INTERCIDADES»

4.1 «ALFA»

Serviço assegurado com excepção dos comboios 121 (de Lisboa 07.15), 122 (do Porto 08.30), 128 (do Porto 17.10) e 129 (de Lisboa 17.00) que serão suprimidos.

Os comboios 120 (do Porto 07.15) e 131 (de Lisboa 20.20) efectuarão paragens adicionais em Coimbra e Aveiro.

4.2 «INTERCIDADES»

Serviço assegurado, com excepção das ligações Lisboa-Aveiro (comboios 520 e 521) e Porto — Viana do Castelo (comboios 550 e 551) que são suprimidos.

5. LIGAÇÕES INTERNACIONAIS

Serão asseguradas todas as ligações internacionais, com excepção da ligação Porto — Vigo que será suprimida neste período.

6. SERVIÇOS INTER-REGIONAIS E REGIONAIS

Prevê-se a supressão de grande parte destes serviços.

NOTA — Na restante rede e nos restantes serviços haverá circulação ferroviária, afectada, no entanto, por supressões e atrasos. Por tal motivo — lamentando o incómodo — solicita-se aos Senhores Passageiros que contactem com as Estações ou as Secções de Informações da CP.

29.Jan.1990

Informação divulgada pela

Divisão de Relações Públicas da CP



**Caminhos de Ferro
Portugueses**

Habitação e saneamento básico dominam reunião da CML

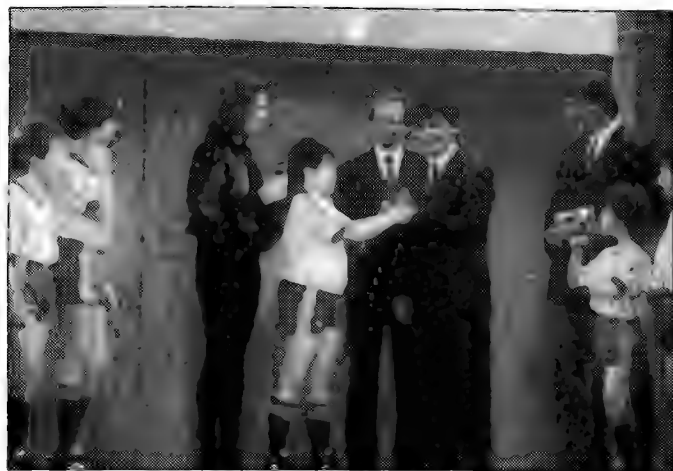
A contratação de um empréstimo no valor de 259.769 contos para a construção de 70 fogos na zona N-1 de Chelas e de outro no valor de 470.532 contos para a edificação de mais 144 na mesma área constitui um ponto da agenda do executivo camarário lisboeta que se reúne esta tarde.

O vereador do pelouro do Saneamento Básico, Rui Godinho, deverá apresentar uma proposta contendo o regulamento relativo ao lançamento de efluentes industriais na rede de colectores de Lisboa.

A este propósito, o

vereador do PPM, Luís Coimbra, defendeu que tal documento deve merecer «uma análise mais profunda» e por isso mesmo preconizou já a sua aprovação apenas na generalidade. O plenário, sob a presidência de Jorge Sampaio, analisará finalmente um protocolo de cooperação a celebrar entre o município da capital e o Instituto Superior Técnico destinado ao estudo da estabilidade dos edifícios da área do Bairro Alto, e ainda uma proposta de isenção das taxas de ocupação da via pública para obras de beneficiação de edifícios.

DESPORTO



Os «gandulhas» da Alemanha Federal entregaram os prémios aos mais distinguidos na festa anual da «Adidas» e do «France Football»: aqui, a honra coube aos dois melhores goleadores da última temporada, os romenos Mateut e Coras, autores (respectivamente) de 43 e 36 tentos. Uma idela de Wilson Brasil transportada para o alto arê-pago do futebol?



Dorin Mateut e a mulher, mostrando a «bota de ouro». Depois do compatriota Camataru e do turco Colak, outro romeno sobe ao pódio dos melhores atiradores do velho Continente. Centro-campista do Dynamo Bukarest (agora mudando de nome porque se tratava do clube da Securitate) é famoso pelos seus arranques até à vanguarda da equipa. Estatura pequena. Rato de área



O dianteiro benfiquista Vata Matanu Garcia, nascido em Damba (Angola) a 19 de Março de 1961, autor de 16 golos no último campeonato português, «recorde» negativo na história do futebol lusitano. Explicação: Toni (então responsável pela turma da Luz) apenas o colocou no campo em 20 jogos e meio dos 38 do calendário total. Tornado português pelo casamento, Vata não perdeu a nacionalidade angolana

Ineditamente, na «grande gala do futebol mundial»

Eusébio: o maior de todos não subiu ao palco (1)

Do nosso enviado especial

COLÓNIA — Festa milionária, digna de palácio árabe, com dezenas de mulheres chiquerrimas, belíssimas, todas sorrisos (complemento obrigatório), larga fatia dos melhores e mais famosos jogadores mundiais de futebol, verdadeira gala de «estrelas» num cenário das mil e umas noites concebido especialmente para a televisão germânica exportar com letreiro das mais modernas técnicas televisivas, tirando da cartola meios audiovisuais inéditos. Esse foi o propósito-base da RTL Plus, secundando o desejo da «Adidas» e do «France Football» de mudarem o palco de honra do futebol europeu, que muitos anos colocado em Paris e mais recentemente no Mónaco, desta feita foi mesmo implantado na terra em que a hipernacional do material desportivo e a mais cotada revista do futebol universal montaram tenda para dardejarem o objectivo imediato: o «mundial» em terras italianas, para o que (muito habilmente) se congregaram prémios a esmo endereçados aos mais populares dos estádios transalpinos. Uma isca que (percebeu-se perfeitamente) foi encontrada em breve estudo de mercado: ou não fosse prevalecente, nestes nossos tempos; o horizonte comercial na fronteira de quem lida com milhões...

Milhões: isso, mesmo! Muitos. Tantos que o mortal comum não poderá avaliar a cifra exacta do que custou a deslocação a Colónia de três centenas de convidados estrangeiros e de um cartaz de reis da música que (desde Sandra ao irrequite Summerville, assumido «rei dos gays norte-americanos»), estiveram no desdobrável palco do Hotel Maritim, instalaçãozinha, com 1500 quartos, 80 suites, 12 salões para restaurantes, 17 salas de congressos, duas discotecas, um salão de cinema, heliporto para os mais endinheirados (e apressados)



A escultural locutora Desirée Nosbusch e os primeiros goleadores de campeonato europeus: Alain Smith (Inglaterra), Peters (Hungria), Molnar (Dinamarca), Jakobsen (Noruega), Pacult (Áustria), Karl Heinz Rummenigge (Suíça), Wohlfarth (RFA), Krncevic (Bélgica), Papin (França) e Morit (RDA). Lá está Vata (6.º a contar da direita) e, semicoberta, a mulher do sueco Hellstroem, representando o marido que, no salão, se apoiava em muletas, após recente intervenção cirúrgica que o impede de qualquer esforço



O holandês Ruud Gullit, ainda convalescente da 3.ª operação ao joelho direito a que foi sujeito em oito meses, recebe (das mãos do famoso técnico Rinus Michelis) o «Trevo de ouro» que contempla o jogador distinguido pelos jornalistas internacionais como sendo o 3.º do mundo. «Quería muito estar apto para jogar no Mundial (disse-nos Gullit) mas só depois de Abril saberei como estou recuperando fisicamente»

visitantes e aquele esmagador parque interno com capacidade para seis mil pessoas e o tecto à pequena altura de 50 metros a partir do nosso olhar!

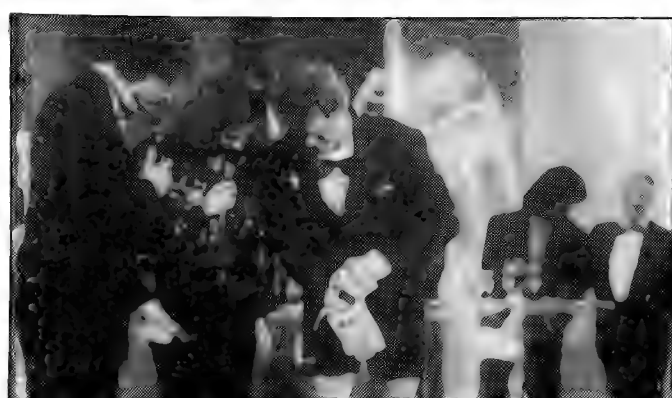
— Aqui (dizia o João Alves da Costa, de «A Bola») podia filmar-se o Ben-Hur!

Podia fazer-se tudo se (por exemplo) o leitor se dispusesse a pagar 50 mil escudos por um almoço-buffet sem vinhos nem café ou 186 continhos por uma dormidita, com 1.º almoço tomado até às 10 da manhã.

Foi ali, naquele sumptuoso

pedaço de outro mundo, que se processou a «Grande Gala do Futebol Mundial-90», com a «Adidas» anfitrião e chefiando a entrega de prémios que, entremeados com espetaculares números musicais e teatrais, deliciaram uma plateia que, saltando as paredes do salão, foi por aí fora até 26 países (que receberam directamente o «show») enquanto outros 35 encomendaram filmes do acontecimento.

Como ia dizendo: parada de deslumbramentos, culminada



Sepp Maier: de blazer, lacinho e camisa de seda, vestiu calção curto, botou chuteira e luvas e foi para uma rede colocada no palco defendendo «penalties» atirados por gente importante. Apenas sofreu um golo (desferido pelo treinador Rinus Michelis, após excelente finta de corpo e risquinho branco em brilhantíssimos sapatos de verniz) e defendeu remates de Beckenbauer, Gullit e companhia. Uma atracção mais no «show» televisivo

com uma ceia onde o «Pomery»: corria entre lagostas e o caviar esgrimia com o «Chivas», já batido pelos melhores queijos franceses ou a mais saborosa fruta da beira-Reno. E o cortejo, que teve como ponto menos explicado o uso sistemático e único da língua alemã (80 por cento do conclave fazendo palpites sobre o que estava ocorrendo) e, insolitamente, o oficial desconhecimento da presença de Eusébio que, focado em todos os ângulos pelas câmaras, entrevistado por

tudo o que era jornalista, abraçado e cumprimentado pelos maiores do desporto, da vida pública e do alto patronato, obrigado a dar centenas de autógrafos e até a tirar fotografias com criancinhas ao colo, acabou por não ir ao palco, sob pretexto (disse a lindíssima apresentadora Desirée) de que ele não fala alemão e eu não entendo patavina de português! E, todavia, a louríssima locutur free-lancer que a RTP Plus contratou para apresentar o «show» cobrou já metade dos

15 mil contos que receberá por, na 2.ª quinzena deste mês vir ao lisboeta Meridien «introduzir» os novos modelos da Alfa Romeo.

Adiante. Houve prémios para todos os gostos, a começar pelos mais certos atiradores dos campeonatos nacionais. Lá foi o nosso Vata, no meio de muita gente também no rol de alto perigo para os guardaredes contrários, mas logo nesse lote de convidados faltaram Hamilton (Irlanda), Kocaman (Turquia), Bonta (Grécia) e os nossos conhecidíssimos Aldo Serena (do Milão italiano) e Romário (o brasileiro que triunfou entre os holandeses do PSV).

Os troféus «challenger», para os clubes mais pontuados nas provas oficiais, distinguiram Milão, Real Madrid e Nápoles.

Di Stefano recebeu pelos «merengues» e os «managers» da equipa de Mathaus e de Maradona foram outros delegados ao palco, com muitos golos de Don Dieguito desfilando em ecrã gigante. E houve mais distinções, com a divulgação da ordem classificativa dos jogadores de todo o mundo em ordem ascendente: Mathaus, Romario, Bebeto, Rijkaard, Careca, Ruben, Sosa, Maradona, Gullit, Baresi e, como expoente máximo, o holandês Marco Van Basten, um dos oito artistas que o júri escolheu apenas no futebol italiano o que, somado a outros prémios, melhor ainda explicou até onde viajou o raio central da «Gala». Precisamente: até ao mercado que vai florescer lá para Junho, quando as trombetas indicarem que está subindo o pano para o campeonato mundial, a mais bela e sonhada das montanhas atléticas.

Neves de Sousa

Amanhã:

DI STEFANO: «Já me esqueci do Sporting, onde havia um fotógrafo que dava ordens e um directivo que não percebia nada de futebol!»

Hoje na Federação de Futebol

Queirós e Vingada prolongam contrato
Juca e Barnabé recebem o «cheque»

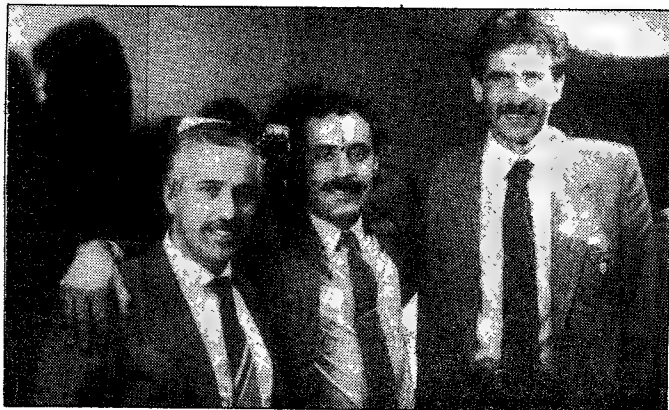
Carlos Queirós, Nelo Vingada e Rui Caçador assinam hoje um contrato com a Federação Portuguesa de Futebol válido até 1994.

Há a destacar também a deliberação da FPF, revelada no final de uma reunião de seis horas, do cumprimento de «todas as prestações contratuais em relação aos técnicos Juca e Barnabé», que faziam parte da anterior equipa técnica da selecção nacional.

Em relação ao técnico Costa, que também integrava a anterior equipa técnica da selecção nacional, e apesar de «ter chegado a acordo com a FPF, ser-lhe-á dado igual tratamento relativamente aos restantes técnicos, recebendo por isso todas as quantias que contratualmente haviam sido combinadas.

O comunicado faz ainda referência a uma notificação judicial recebida na FPF, no seguimento do processo movido pelo anterior responsável da equipa técnica nacional relativo ao não cumprimento das cláusulas contratuais dos técnicos.

«Esta deliberação teve em



A dupla (Queiroz-Vingada) de êxito, prolonga contrato federativo até 1994

atenção o facto de aqueles técnicos terem sido substituídos por decisão da FPF — e não por ameaças judiciais», salienta o mesmo documento da FPF.

A nota da reunião da direcção da Federação Portuguesa de Futebol faz ainda referência à recente deslocação de João Rodrigues a Estocolmo, durante a qual foi debatida a pretensão da CEE relativa à livre circulação de jogadores nos países da comunidade.

Neste sentido, o comunicado federativo informa que as limitações que «por unanimi-

dade» foram criadas pelas federações de futebol dos países da CEE e que serão apresentadas em Bruxelas, no dia 6 de Março, ao presidente da Comissão Europeia, Jacques Delors.

Durante a deslocação a Estocolmo, João Rodrigues tratou ainda da marcação de datas para a realização dos jogos de qualificação para o campeonato da Europa de «A» e «Esperanças».

No seguimento dos contactos efectuados por João Rodrigues com elementos das re-

presentações holandesa, grega, maltesa e finlandesa ficou marcada para 17 de Março novo encontro, que se poderá realizar em Lisboa, onde deverão ser acordadas as datas para a realização desses encontros.

Francisco Silva:
o benefício ao infractor

O árbitro Francisco Silva, de Faro, vai dirigir o encontro Portugal-Espanha, em juniores «B», que se realizará no Estádio de São Luís, em Faro, no próximo dia 14, informou a Federação Portuguesa de Futebol.

Francisco Silva, cuja actualização domingo no Setúbal-Benfica para a Taça de Portugal continua a levantar polémica, será auxiliado neste 13.º encontro entre as duas seleções juvenis (Sub-16) pelos juizes de linha José Rufino e Fernando Baltazar.

O jogo integra-se no plano de preparação da equipa nacional com vista aos jogos de apuramento para o campeonato da Europa.

Perante a onda de contestação que gira à volta das últimas e péssimas actuações deste árbitro algarvio (recorde-se que a direcção do Benfica leva hoje a efeito uma conferência de Imprensa, tendo como único ponto agendado, a análise do trabalho de Francisco Silva no passado domingo em Setúbal) será que o dr. Lourenço Pinto — presidente do Conselho de Arbitragem da FPF — tem a sedução de beneficiar o infractor?

Bragança muda
de comandos

Mais uma «chicotada». Desta vez, coube ao Bragança dispensar o técnico Adérito Pires, chamando para a liderança da equipa Marconi que iniciará a sua actividade na próxima semana.

Futebol de salão:
os custos do «europeu»

Cerca de 40 mil contos foi quanto custou a organização do último campeonato da Europa de futebol de salão, realizado no passado mês de Dezembro em Matosinhos.

O presidente da Associação de Futebol de Salão do Porto (Eduardo Pinto) adiantou que as receitas provenientes da venda de bilhetes para os diversos jogos do europeu ascenderam a 960 mil escudos, tendo cerca de 500 contos sido destinados a despesas com o policiamento dos recintos. Eduardo Pinto referiu, por outro lado, que a Câmara Municipal do Porto vai contribuir com cerca de três mil contos para atenuar aos encargos relacionados com a prova, que terminou com a vitória da selecção portuguesa.

O dirigente da AFSP disse ainda existir uma garantia de que a Direcção-Geral dos Desportos irá contribuir no pagamento das despesas efectuadas.

Zé Beto:
ficou a saudade

Milhares de pessoas participaram no cortejo fúnebre de Zé Beto — vítima mortal na noite de domingo de um acidente de viação — que foi a sepultar no Cemitério de Sendim.

Entretanto, no próximo fim-de-semana será guardado um minuto de silêncio em todos os campos do País, por decisão anunciada pela Federação Portuguesa de Futebol.

Entre os que acompanharam o funeral do ex-guarda-redes do Futebol Clube do Porto, falecido com 29 anos, via-se toda a direcção portista e ainda a quase totalidade dos elementos que integram actualmente a principal equipa de futebol do clube, excepção feita ao argelino Madjer — que está no Brasil onde participou na festa de homenagem a Zico — e do brasileiro Geraldão.

Valentim Loureiro, presidente do Boavista e da Liga dos Clubes, Carlos Manuel, «capitão» do Sporting, e o antigo árbitro António Garrido, eram outras figuras do futebol a prestar a derradeira homenagem a Zé Beto.

No funeral podiam ainda ver-se Sousa, Romeu, Frasco, Gomes e Vermelhinho, antigos colegas de Zé Beto no Futebol Clube do Porto. A atleta portista Aurora Cunha estava igualmente entre os participantes no cortejo fúnebre.

Nas imagens recolhidas pelo nosso companheiro Bruno Neves, poderão ver-se as marcas de dor e sofrimento da viúva e do pai do malogrado futebolista.

Futebol lá fora

Seleccionador colombiano ameaçado
pelo grupo dos «limpadores»

Os serviços secretos da Colômbia vão investigar a origem das ameaças contra o seleccionador nacional de futebol, Francisco Maturana e os futebolistas Highuita e Alvarez, anunciou o governo colombiano, estando as investigações a serem coordenadas pelo general Miguel Alfredo Maza Marquez, chefe do Departamento Administrativo de Segurança (DAS) (Policia Secreta Colombiana).

Entretanto a rádio e a televisão colombiana divulgaram o conteúdo da «cassete», onde uma voz anónima avisa o seleccionador Francisco Maturana de que se persistir em chamar à selecção os jogadores do «cartel da droga», a primeira vítima será a sua esposa, referindo depois o nome da mulher do técnico.

A voz, em tom ameaçador, menciona depois o guarda-redes Rene Higuita e Leonel Alvarez, como alguns dos futebolistas vetados pelo grupo anónimo, que se autodenomina de limpador do futebol.

A avisam também, num tom duro e voz pausada: aos senhores do cartel de Medellín iremos apresentar também a factura, de todos os milhões que nos fizerem perder, e que iremos cobrar, custe o que custar.

Entretanto, a Federação Colombiana de Futebol decidiu suspender os trabalhos de preparação da selecção, até que o Governo garanta a segurança de todos os técnicos e jogadores.

Presidente da «Juve»
demite-se

O presidente da Juventus, Giampiero Boniperti, surpreendeu os adeptos do Clube de Turim ao apresentar a sua demissão.

A resignação de Boniperti, que liderava o clube desde 1971, não foi acompanhada de qualquer explicação pública.

Boniperti, homem de confiança da família Agnelli que são os verdadeiros patrões da Juventus, queria a todo o custo contratar Platini para o comando técnico da equipa, mas a antiga vedeta da Juventus, actualmente seleccionador da França, mostrou-se indiferente ao desejo de Boniperti podendo residir neste facto a decisão agora anunciada por aquele dirigente.

Com a demissão de Boniperti, a presidência

de Juventus fica interinamente entregue a Vittorio Chiusano, que era um dos vice-presidentes.

Estrelas com Zico

Com raios laser a traçarem o nome «Zico» no relvado do Estádio de Maracanã, aquele que foi considerado o melhor jogador brasileiro de futebol desde Pelé, despediu-se em partida entre o Flamengo e uma selecção mundial.

O encontro que teve como resultado um empate a duas bolas foi ocasião para reencontro de Zico com outras grandes estrelas do futebol mundial em que se incluíram os alemães federais Rummenigge, Breitner e Muller, os argentinos Kempes e Tarantini, os italianos Casio e Gentile, e o argelino Madjer, que milita no PC Porto.

A partida teve duas fases distintas: com o Flamengo a apresentar no primeiro tempo a sua equipa campeã mundial de clubes em 1981 para na segunda parte fazer alinhar a actual equipa de honra.

A selecção mundial fez também alinhar duas equipas distintas, onde foram notadas as ausências de dois convidados: o argentino Maradona e o francês Michel Platini.

Zico passou 18 dos seus 36 anos no clube carioca sendo o Maracanã o palco dos seus maiores triunfos, em 22 anos de carreira Zico conquistou mais de 40 títulos, jogou 1.047 encontros e marcou 729 golos, 66 dos quais pela selecção.

As estrelas em presença: **Flamengo: Primeiro tempo:** Raul (Carnevale, min. 12); Nei Dias, Leandro, Marinho, Junior, Andrade, Tita, Adílio, Zico, Nunes e Lico. **Segundo tempo:** Zé Carlos; Leandro (Júnior II), Júnior (Udimar), Fernando, Leonardo, Airton, Edu, Zico, Zinho, Renato e Bujica.

Seleção mundial: Primeiro tempo: Taffarel (Bra); Gentile (Ita), Edinho (Bra), Krol (Hol), Breitner (RFA), Falcão (Bra), Causio (Ita), Valdano (Arg), (Muller), Kempes (Arg), Roberto Dinamite (Bra) e Rummenigge (RFA). **Segundo tempo:** Taffarel; Tarantini (Arg), Pezzey (Ita), Camacho (Esp), Edinho, Gerets (Bel), Muller, Kempes, Madjer, Bebeto e Cláudio Adão.

DESPORTO

«Chicotada» psicológica: um tema para reflexão

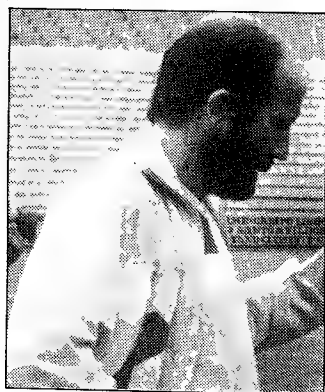
A mudança de treinador não será uma forma dos dirigentes taparem o Sol (aos consócios) com uma panela?

O teste de competência do treinador é aferida pelos resultados averbados no final de cada fracção de 90 minutos de jogo de cada campeonato, nada tendo a ver se o futebol produzido causa regalo à plateia. Pouco importa a beleza espectacular que os artistas demonstrem em palco quando os avançados não rematam certamente ou os guardas-redes franqueiam o aviário. O que interessa aos adeptos de cada emblema são os títulos, os triunfos e os pontos no boral e, quando tal não sucede, certo é que o treinador entra na corda bamba e daí ao pelourinho é somente coisa de mais um desaire.

A «crucificação» dos treinadores de futebol mereceu, em tempo já remoto, esta acertada definição feita por Vítor Santos, velho amigo de todos nós e chefe de redacção de «A Bola»:

«O crítico que é, por definição, justo e desapassionado, pondo o raciocínio à frente dos sentidos, alimentando o seu juízo crítico, como dizia o Eça, de uma cõdea de ideal e duas garfadas de filosofia, tem duas atitudes a tomar perante o problema: estudá-lo em pureza, no terreno estremo dos princípios; integrá-lo, com os seus infalíveis condicionais, no meio que se vive, atulhando-se no barro de que é feito o ambiente das coisas da bola, num País como o nosso».

É evidente que a primeira pergunta a fazer será, em qualquer dos casos, esta: por que é que a

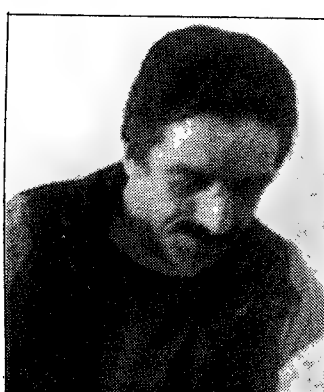


Quinho e Torres: nem o Marítimo melhorou nem o Portimonense recuperou

«chicotada psicológica» impõe, exclusivamente, a saída do treinador, melhor, se define, efectivamente, em sinonímia perfeita, pela saída do treinador?

Sim, por que é que a «chicotada psicológica» tem, obrigatoriamente, que sacrificar o técnico e não, por exemplo, um dirigente, um jogador, dois dirigentes, dois jogadores? Porque é a solução mais cómoda e mais demagógica, por muito injusta e ilógica que seja.

Primeiro, porque sendo o dirigente o mandatário do «patrão» (massa associativa), está, por mandar, no último degrau do patamar de que só ela (massa associativa) o pode precipitar: depois, porque o treinador não joga, não mete golos, não é endeusado ou idolatrado como os jogadores, cujo trabalho se dirige todos os domingos à gula das massas, ao contrário da tarefa anónima, diária, constante, privada, sujeita por isso a todas as dúvidas e a todas as insinuações do pobre técnico da bola; por



fim, porque, além do mais, o técnico é um empregado mais barato e mais fácil de substituir, a quem se paga e em quem se manda, não parecendo certo que ele, a tantos contos por mês, ponha na linha o Pedro se o dirigente quer o Paulo, o Ezequiel se a massa associativa impõe o Zebedeu, sem que se lhe possa ou se lhe deva ir à mão.

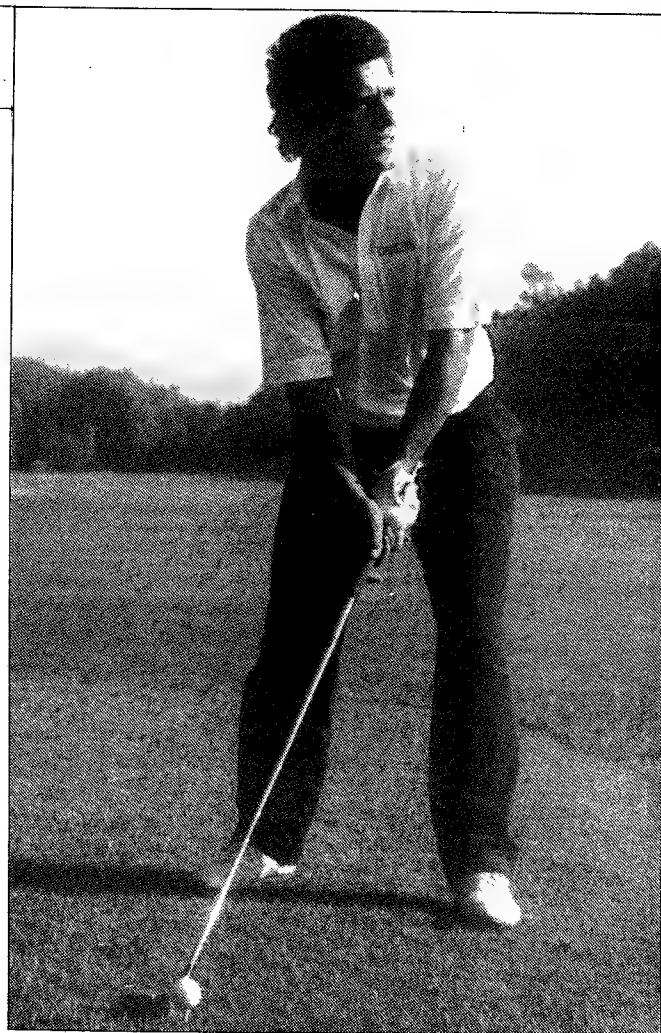
Em resumo, o treinador é, além do mais, o homem mais à mão, o que dá menos complicações, o que tem menos amigos. Como todo o responsável, realmente responsável por qualquer tarefa, ele é o único culpado no caso das coisas correrem mal e um simples executante no caso de as coisas correrem mal e um simples executante ou colaborador se as coisas, conduzidas pelo tacto e inteligência dos que estão acima dele ou à roda dele, correm bem... Ora, se as coisas correm mal ou, pelo menos, não tão bem como se deseja, por que se espera?»

Na temporada em curso, dos 180 clubes que disputam os campeonatos nacionais, já se verificaram 54 mudanças sendo oito na primeira divisão, 24 na segunda e 22 da terceira. E se atentarmos ao nome dos clubes que procederam à «chicotada», raros são os casos em que a colectividade colheu benefícios materializáveis na pauta classificativa.

No que se refere à divisão principal, os clubes que determinaram mudança de comandos foram o Penafiel, Belenenses, Boavista, Marítimo, Nacional, Portimonense, Sporting e Beira-Mar e, ressaltando os casos do Penafiel (José Augusto), Sporting (Raul Águas) e Belenenses (Moisés Andrade), verifica-se que nos demais se procurou encobrir o sol com uma peneira.

Neste preceito instituído pelos dirigentes, as intenções são claras: atribuir ao técnico total responsabilidade pelos fracassos, sem cuidar de se apurar se os grandes culpados não serão os «patrões» que não fazem correcta avaliação dos diversos factores que deverão determinar a escolha do líder responsável pelas questões técnicas e táticas e se a escolha do plantel, não se integra nos actos de gestão. Não restem dúvidas: o treinador é e será sempre o único responsável pelos fracassos das equipas. É um facto histórico numa história que se repete.

Alves Henriques



Daniel Silva: presença lusa no «open» europeu

Golfe Circuito europeu começa em Portugal

O Circuito Europeu de Golfe, o segundo mais importante do mundo depois do norte-americano, inicia-se este ano em Portugal, com a realização do «open» do Vinho Verde na Póvoa de Varzim, entre 14 e 18 deste mês. Para este torneio, o primeiro de nível mundial a realizar no campo da Estrela e no Norte do País, estão já inscritos 122 profissionais estrangeiros.

Entre os jogadores já inscritos contam-se nomes credenciados como Roman Rafferty, da Irlanda do Norte, o vencedor da ordem de mérito europeu em 1989, os escoceses Sam Torrance e Gordon Brand Jr, e os irlandeses Des Smyth e Eamonn Darcy, membros da selecção da Europa na Ryder Cup.

O jovem escocês Colin Montgomerie, filho do secretário-geral do campo de Roayl Troon e vencedor do Open de Portugal em 1989, os ingleses Peter Baker e Paul Way, e os suecos Anders Forsbrand e Mats Lanner, são algumas das grandes «esperanças» do golfe europeu também inscritas no «Open» do Vinho Verde.

O quadro do «Open» terá apenas 132 jogadores, entre os quais estarão os 10 melhores profissionais portugueses. Nesse sentido, a Professional Golf Association (PGA), que espera ainda a inscrição de outros jogadores europeus e norte-americanos, terá que

efectuar o «corte», eliminando os candidatos das categorias mais altas.

Portugal tem, a partir deste ano, dois torneios no calendário europeu, o que sucede pela primeira vez na história do golfe nacional, que comemora 100 anos em Setembro. «É difícil estar incluído uma vez no calendário do circuito europeu, e Portugal conseguiu agora dois torneios, devido a uma série de felizes coincidências», disse António Carmona Santos, da Iberogolfe, que organiza o «Open» do Vinho Verde com o apoio da Sopete, da PGA — European Tour e da Promogolf European.

O campo da Estrela, inaugurado em Setembro de 1989, é um dos poucos percursos de golfe nacionais projectado e construído por especialistas portugueses. O projecto é do arquitecto Duarte Sottomayor e da Iberogolfe, e é o único existente em Portugal com características semelhantes aos famosos campos de golfe da Escócia — os «links» (construídos sobre dunas).

O «Open» do Vinho Verde, é ainda o primeiro torneio do circuito europeu patrocinado por um produto genuinamente português, e vai abrir uma temporada que terá 47 provas, 37 das quais pontuáveis para a Ordem de Mérito Europeia, e vai distribuir no total quatro milhões de contos em prémios.

Bólides testam no Estoril

A escuderia italiana Ferrari estreou no Autódromo do Estoril o seu novo bólido de Fórmula Um, o Ferrari 641, numa

sessão de testes privados que também contou com a participação da Williams-Renault e da Ligier.

«O novo Ferrari 641 é muito interessante, mas, como sempre, um bólido novo tem alguns problemas» — disse o pi-

loto inglês Nigel Mansell, que este ano terá o francês Alain Prost como companheiro de equipa na escuderia do «cavalino rampante».

Mansell considerou, no entanto, que os «problemas» apresentados pelo novo modelo não são nada de muito importante, adiantando que a Ferrari vai aproveitar os próximos três dias de testes para «saber mais sobre o bólido».

Além da Ferrari, que trouxe a Portugal Alain Prost e Nigel Mansell, também rodaram no Autódromo do Estoril a Williams-Renault, com o belga Thierry Boutsen e o italiano Riccardo Patrese, e a Ligier, com o italiano Nicola Larini e o francês Philippe Alliot.

Segundo um responsável da Good Year, a marca norte-americana, que equipa as três escuderias, trouxe para o Estoril cerca de 700 pneus, quase todos «slicks» do modelo de 1989, além de dois engenheiros e outros quatro funcionários.



O Ferrari 640 conduzido por Alain Prost rebocado no Autódromo do Estoril durante os treinos que ali se vão efectuando à margem do conflito Autodril/Câmara de Cascais

TEM PROBLEMAS DE TRANSPORTE?

CONTACTE-NOS

Telef. 606282 (dia) 640162 (noite)

Transportamos também aos fins-de-semana, mercadorias, etc. Com segurança e rapidez.

AGENDA

I Série
Dia 7 de Fevereiro

N.º 32

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministério do Planeamento
e da Administração do Território

Portaria n.º 91/90:

Alarga a área de recrutamento para provimento do cargo de chefe da Divisão Administrativa e Financeira do Município de Tomar.

Ministério dos Negócios
Estrangeiros

Avisos:

Torna público terem os Governos da Argélia, Brasil e Finlândia depositado, respectivamente em 12 de Setembro, 28 de Setembro e 30 de Agosto de 1989, os instrumentos de ratificação à Convenção contra a Tortura e Outras Penas ou Tratamentos Cruéis, Desumanos ou Degradantes.

Torna público terem sido adoptadas as taxas de câmbio a aplicar na cobrança de emolumentos consulares a partir de 31 de Janeiro de 1990.

Ministério da Agricultura, Pescas
e Alimentação

Portaria n.º 92/90:

Aprova a tabela de preços das plantas envasadas e das sementes produzidas pelo Departamento de Citricultura da Estação Nacional de Fruticultura de Vieira Natividade.

Ministério da Educação

Portaria n.º 93/90:

Aprova o modelo da carta de curso do grau de bacharel conferido pela Escola Superior de Educação da Madeira.

Despacho Normativo n.º 11/90:

Homologa os Estatutos do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

Ministério do Emprego
e da Segurança Social

Decreto-Lei n.º 41/90:

Altera os valores da remuneração mínima mensal.

Departamento de Comunicação Social — UNL
Sindicato dos Jornalistas

CURSO DE CURTA DURAÇÃO

**SOCIOLOGIA
DA
COMUNICAÇÃO
SOCIAL**

15 de Janeiro a 7 de Fevereiro de 1990
(2.ª e 4.ª feiras)

Inscrições no Sindicato dos Jornalistas
Rua dos Duques de Bragança 7, 2.º — Lisboa

HOJE
CONTINENTE

Regiões do Norte: - Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Sudoeste, prando por vezes forte com rajadas, em especial no litoral durante a madrugada e manhã. Períodos de chuva durante a madrugada e manhã. Mar cavado a grosso com ondulação Oeste de 5 a 6 metros.

Regiões do Centro: - Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Sudoeste por vezes com rajadas fortes, durante a madrugada e manhã, em especial no litoral. Mar cavado a grosso com ondulação Oeste de 5 a 6 metros.

Regiões do Sul: - Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de Sudoeste. Mar de pequena vaga com ondulação Oeste de 5 metros na Costa Ocidental e na Costa Sul, mar encrespado com ondulação Oeste de 4 metros no Barlavento e de 3 metros no Sotavento.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado e vento geralmente fraco.

Na Costa Norte, mar encrespado a de pequena vaga com ondulação Noroeste de 4 metros.

Na Costa Sul, mar encrespado com ondulação Oeste de 4 metros.

AÇORES

Grupo Ocidental: - Céu muito nublado. Vento Sudoeste muito forte e com rajadas, rodando para Oeste forte a muito forte com rajadas durante a manhã e para Noroeste no fim da tarde, com diminuição para o fim do dia. Períodos de chuva. Mar tempestuoso tornando-se alteroso com ondulação Oeste de 7 a 8 metros.

Grupo Central: - Céu muito nublado. Vento Sudoeste muito forte e com rajadas rodando para Oeste forte a muito forte com rajadas a partir da tarde e diminuindo para a noite. Períodos de chuva. Mar alteroso a tempestuoso com ondulação Oeste de 7 a 8 metros.

Amanhã

No Continente:

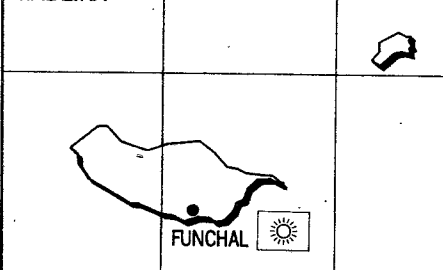
Região do Norte: - Céu muito nublado tornando-se pouco nublado durante a manhã. Períodos de chuva fraca durante a tarde e a manhã. Vento fraco a moderado de Sudoeste rodando para Noroeste.

Região do Centro: - Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado do quadrante Norte.

Região do Sul: - Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco a mod-

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA



	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoada
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

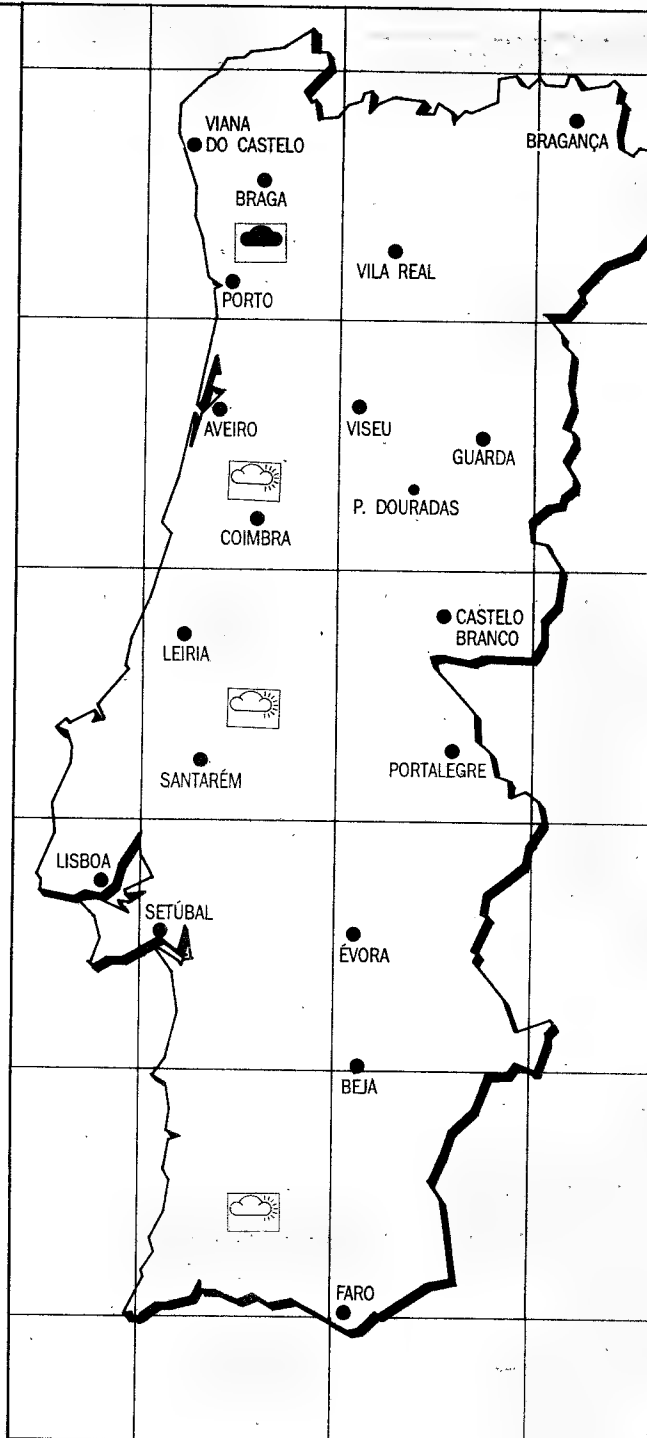
MARES

Hoje

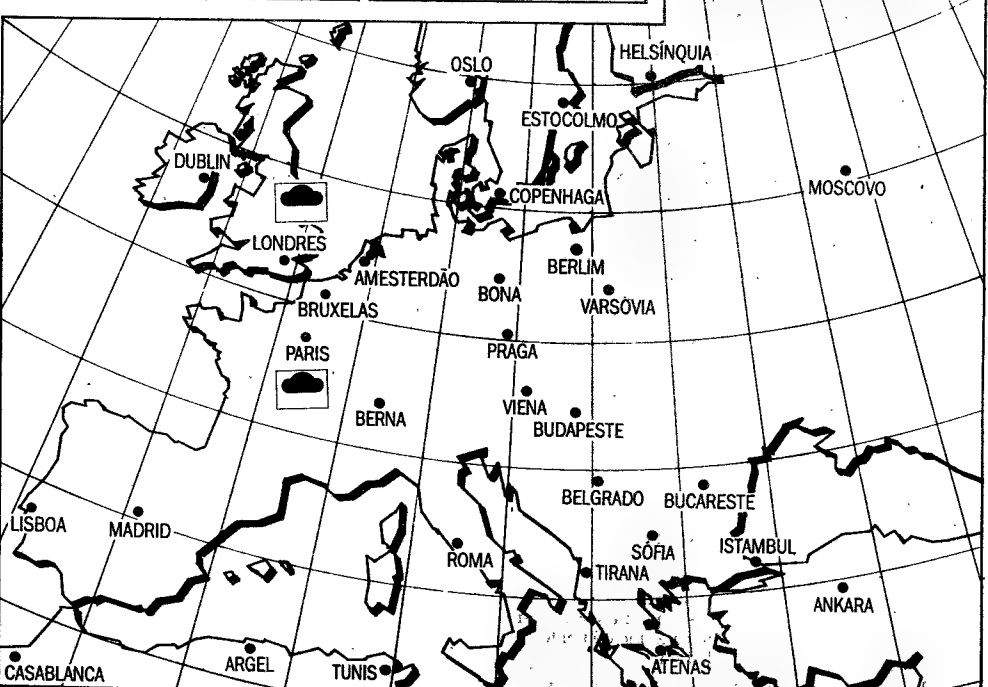
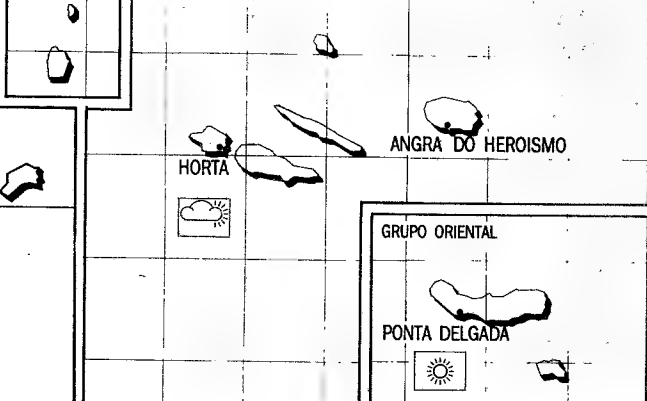
PREIA-MAR	BAIXA-MAR
01.11 3,5m	07.12 1,0m
13.43 3,4m	19.22 1,0m

Amanhã

02.02 3,7m	07.59 0,8m
14.30 3,5m	20.05 0,9m



GRUPO OCIDENTAL

AÇORES
GRUPO CENTRAL

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Bragança.....	8	9	Encoberto
V. Castelo.....	13	14	M. nub.
Vila Real.....	9	10	Encoberto
Porto.....	13	13	M. nub.
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	12	12	Nebulina
C. Carvoeiro.....	14	14	Encoberto
C. Branco.....	9	9	Nebulina
Portalegre.....	9	9	Encoberto
Lisboa.....	13	14	Nebulina
Évora.....	10	10	M. nub.
Beja.....	10	11	P. nub.
Sines.....	12	14	Nebulina
Faro.....	10	10	P. nub.
Sagres.....	11	11	M. nub.
P. Delgada.....	16	16	Nebulina
Horta.....	14	14	Encoberto
Funchal.....	16	17	P. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 17; Porto, 16; Faro, 18; P. Delgada, 17; Funchal, 21.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid.....	8	8	Encoberto
Londres.....	9	10	Chuva
Paris.....	7	8	M. nub.
Bruxelas.....	8	9	Encoberto
Amsterdão.....	8	9	Encoberto
Genebra.....	2	2	P. nub.
Roma.....	1	1	Nebulina
Oslo.....	5	6	Chuva
Copenhaga.....	3	5	Nebulina
Estocolmo.....	2	2	P. nub.
Berlim.....	3	4	P. nub.
Vienna.....	0	0	Nebulina
Varsóvia.....	1	1	Limpo
Atenas.....	6	6	Chuva
Moscovo.....	1	1	Nebulina

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago.....	1	7	P. nub.
Houston.....	4	14	Aguaceiros
Los Angeles.....	4	15	Aguaceiros
Montreal.....	-9	2	Limpo
Nova Iorque.....	2	9	Aguaceiros
S. Francisco.....	3	12	Aguaceiros
Toronto.....	0	4	P. nub.
Vancouver.....	-1	6	Aguaceiros
Washington.....	3	13	Aguaceiros
Hong Kong.....	9	17	Limpo
Melbourne.....	14	22	Limpo
Pequim.....	-7	1	Limpo
Perth.....	17	32	Limpo
Singapura.....	24	32	Trovoada
Sydney.....	15	21	Aguaceiros
Tóquio.....	0	4	P. nub.
Wellington.....	10	18	Chuva

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Alcântara: Nogueira, Rua Alcântara, 5 A-B, Tel. 3637563; **Almirante Gago Coutinho:** Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Alvalade - Av. Brasil:** Marbel, Av. Roma, 131-A, Tel. 776235; **Benfica - Bairro Pedralvas:** Gouveia, Rua Augusto Costa (Costinha), Lt. 4 - Lj. Dt., Tel. 707500; **Calçada do Combro:** Modelar, Largo Dr. António Sousa Macedo, 7, Tel. 608896; **Chelas - Colégio Valsassina:** Santos Silva, Zona N2 - Chelas Bloco III - Lt. 226 - Loja 22, Tel. 851265; **Embaixada de Espanha:** Nacional, Rua do Salitre, 7, Tel. 546858; **Estrela - Infante Santo:** Alb, Rua Santana à Lapa, 156, Tel. 663562; **Frente Hospital do Desterro:** Magalhães, Av. Almirante Reis, 4 D-F, Tel. 549479; **Lumiar:** Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B, Tel. 7590332; **Rego:** G. Silva, Rua Francisco Tomás da Costa, 3 A-C, Tel. 771873; **São Vicente:** Rosa & Viegas, Rua São Vicente, 431-37, Tel. 864351; **Saldanha:** Cardeira, Av. Duque de Ávila, 32-C, Tel. 543495; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Santa Bárbara, Rua Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918; **Odivelas:** Leitão, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 62, Tel. 9320051; **Pontinha:** Cruz Correia,

Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO

Alto São João: Oriente, Rua Lopes, 120, Tel. 8143381; **Baixa:** Unifa, Rua da Vitória, 21-23, Tel. 323793; **Boa Hora - Ajuda:** Boa Hora, Rua dos Quartéis, 25-27, Tel. 3637777; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B, Tel. 663349; **Chile:** Bastos, Rua Morais Soares, 91-D, Tel. 8144350; **Conde Redondo:** Salus, Rua Luciano Carneiro, 73, Tel. 542239; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Fr. Popular - Av. República:** Alcântara, Av. República, 74-A, Tel. 771379; **Picheleira:** Marluiz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **São Domingos Benfca:** Sousa, Estrada Benfca, 429-431, Tel. 780027; **São Sebastião - Frente à Igreja:** São Sebastião, Largo São Sebastião da Pedreira, 1-3, Tel. 548642; **Brandoa - Amadora:** Correia, Urb. Alfofnel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Cabrita, P. Miraflores, Lote 12, Tel. 4101486. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duarte, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Caxias:** Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A, Tel. 2432839. Até às 22 h; **Carcavilos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Godinho, Av. Patrão Lopes, 4, Tel. 2432039. Até às 22 h; **Oeiras:** Sacoar. Permanente; **Parede:** Brandão, Av. República, 77-C, Tel. 2471054. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano - Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h;

Amoreira: Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Marques Santos, R. Ferreira, J. A. 15, Tel. 260116. Até às 22 h; **Cascais:** Marginal, Av. Marginal, Tel. 280078. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Dias Brito, A. Marquês, 45-A, Tel. 4940118. Permanente; **Carnele, R. Elias Garcia,** Lote 28, Tel. 4933303. Até às 22 h; **Damaia:** D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. Permanente; **Queluz:** Pinto Leal, R. Ferreira Castro, 61 - Massamá, Tel. 4378402. Permanente; **Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro,** 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Garcia, Av. Missionários, 2, Tel. 9242181. Permanente; **Mem Martins:** Química, Est. Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Marrazes, L. Afonso Albuquerque, 24, Tel. 9230058. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **S. Pedro de Sintra:** Valentim, Tel. 9230456. Permanente.

OUTRA

BANDA

Almada: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B, Tel. 2760565. Permanente; **Cova da Piedade:** Avelar Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A, Tel. 2750337

HÁ 20 ANOS



Lutam há dez anos

Os empregados de escritório do sector matalúrgico (dois mil sindicalizados para um total de sete mil só em Lisboa) lutam há dez anos pelo seu primeiro contrato colectivo de trabalho. Mas o acordo com os Grémios ainda não foi possível: as negociações goraram-se e vai entrar-se no período de conciliação.

Reunião cimeira no Cairo

O presidente Nasser e os aliados do Egipto na frente de combate prepararam-se, hoje, no Cairo, para decidir a acção militar contra Israel, após o dia de luta mais violenta através do Canal de Suez desde a guerra dos seis dias, em Junho de 1967. Participam com Nasser na reunião cimeira de fim-de-semana, o rei Hussein da Jordânia, o presidente Nureddin El Atassi da Síria e o vice-primeiro-ministro do Iraque, general Saleh Mahdi Ammash.

Conservadores checos dominam a situação

Os jornais de Praga anunciaram que a sessão do Comité Central seria consagrada às questões económicas e depois ao problema dos quadros. O Parlamento do Partido inverteu a ordem dos factores. Ratificou decisões políticas antes de discutir o relatório que o ministro do Plano lhe apresenta. Colocou os novos dirigentes antes de aprovar o programa económico, que eles ficarão encarregados de aprovar.

EFEMÉRIDES

1894

• Morre o musicólogo Adolfo Sax, criador do saxofone.

1927

• Em Lisboa, desencadeia-se um movimento de revolta contra a ditadura imposta em 28 de Maio do ano anterior na sequência da que se registara dias antes na cidade do Porto.

1952

• Morre o poeta Sebastião da Gama.

1983

• O embaixador português junto das Nações Unidas, Fernando Reino, acusa a Indonésia de «obstinadamente continuar a exercer pressões políticas, militares, sociais, culturais e religiosas» sobre o povo de Timor-Leste.

1984

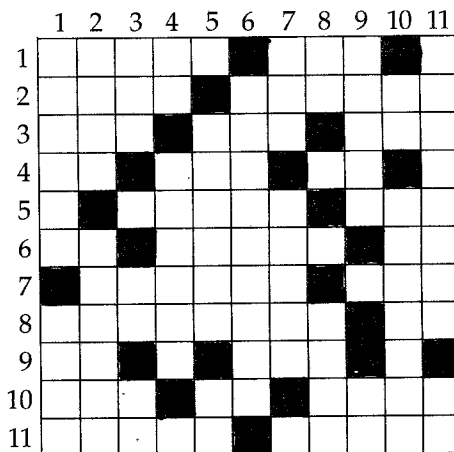
• Um grupo ligado às FP 25 assalta, em Lisboa, uma viatura de uma empresa de segurança, roubando 108 mil contos, no que passou a ser o maior assalto efectuado em Portugal.

1986

• O presidente do Haiti, Jean-Claude Duvalier, abandona o país deixando no poder um conselho composto por civis e militares, enquanto nas ruas se festejava o fim da hegemonia de 29 anos da sua família.

• Nas Filipinas, a candidata da oposição, Corazón Aquino, proclama a vitória sobre o presidente Ferdinand Marcos, num acto eleitoral que se saldou por um balanço de oito mortos.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17 853

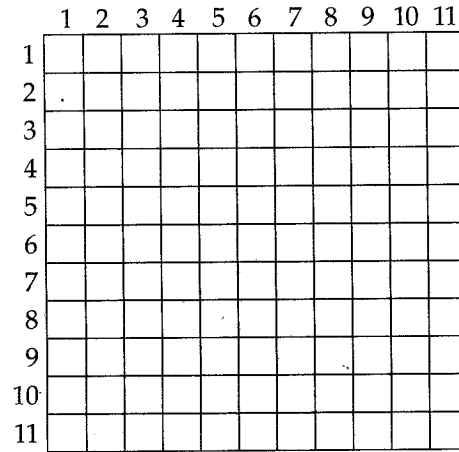
HORIZONTAIS:

- 1 - Repousa. Preposição.
- 2 - Leva à sirga. Que são do ar.
- 3 - Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh! Mil e novecentos em romano. Zombas.
- 4 - O lado do vento.
- 5 - Um dos estados da Federação da Malásia.
- 6 - Sentidas condolências. Flutuar. Caminhar.
- 7 - Acometes. Antiga capital da Birmânia.
- 8 - Incineraria. Prefixo de negação.
- 9 - Európio (s.q.). Pega.
- 10 - Seguias. Pertences. Rates.
- 11 - Vasilha com asas (Prov.). Depressão.

VERTICAIS:

- 1 - Antiga cidade da Fócia (Grécia). Refeição depois da meia-noite.
- 2 - Moeda da Grécia antiga. Planta da família das bromeliáceas.
- 3 - Rata. Pronome pessoal. Apelido.
- 4 - Miriame. Instmo que une as duas Américas.
- 5 - O mesmo que cascavel (cobra) Bras. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal.
- 6 - Despertarás.
- 7 - Preposição. Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto.
- 8 - Érbio (s.q.). Ilha do Pequeno Belt.
- 9 - Compra. Ósmio (s.q.).
- 10 - Interjeição brasileira. Culpas (fig.).
- 11 - Limpam. Freguesia do concelho de Ponte de Lima.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16 663

HORIZONTAIS:

- 1 - Freguesia do concelho de Baião.
- 2 - Freguesia do concelho e distrito de Leiria. Cidade de Itália.
- 3 - Furna. Vi. Rio da Baviera afluente do Danúbio.
- 4 - Apre! Ósmio (s.q.). Apelido.
- 6 - Gálio (s.q.). Possuir. Arsénio (s.q.).
- 7 - Érbio (s.q.). Gelhas. O lado do vento.
- 8 - Assassinar. Tuberculose cutânea.
- 9 - Amoleceram.
- 10 - Batráquio. Cubram de nata.
- 11 - Luz da Lua. Solitário. Nome de mulher.

VERTICAIS:

- 1 - Freguesia do concelho de Lamego. Plural.
- 2 - O mesmo que amouiraram.
- 3 - Arrendar. Falha.
- 4 - Arara. Travar luta com.
- 5 - Rio de França.
- 6 - Cidade e porto da Dinamarca. Freguesia do concelho de Penafiel.
- 7 - Caías com estrondo. Relativo as Alanos.
- 8 - Artigo definido (ant.). Demónio.
- 9 - Cimalhas convexas entre as paredes e o tecto. Tirania (fig.).
- 10 - Rio da Suíça. O mesmo que lume (em anatomia).
- 11 - Sensuais. Cânhamo de Manila.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 852

HORIZONTAIS: 1 - NÃO. É. O. MEL. 2 - Ancorara. Si. 3 - Dã. Pã. Crime. 4 - Jia. Barros. 5 - Asa. Soror. 6 - Aa. Catana. 7 - Trama. 8 - Pamir. Rada. 9 - Atar. Doidos. 10 - Recado. Aran. 11 - Amaro. Oso. VERTICAIS: 1 - Dadjaf. PARA. 2 - Anais. Catem. 3 - Oc. AAA. Maça. 4 - Op. Atirar. 5 - Era. RR. Dó. 6 - A. BOCA. DO. 7 - Orçaram. 8 - Arroaria. 9 - Irra! Adro. 10 - Esmo. Nódos. 11 - Lies. ASNO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 662

HORIZONTAIS: 1 - Warangal. Am. 2 - Ys. Acerca. 3 - Ostia. Or. 4 - Mo. Grelaram. 5 - Impariam. 6 - Nardos. Acém. 7 - Grãos. Árido. 8 - Ag. Tacadas. 9 - Amarar. Co. 10 - Sorrir. És. 11 - Sô. Raeras. VERTICAIS: 1 - Wyoming. Ais. 2 - Assomaram. 3 - Pragas. 4 - Amigado. Ror. 5 - Arrostar. 6 - Ga. Eis. Arre! 7 - Acolá. AC. Ir. 8 - Lã. Amara. Ra. 9 - Ror. Cid. 10 - Acra. Edace. 11 - Má. Mimosos.

PROVÉRBIO:
NÃO É O MEL
PARA A BOCA
DO ASNO.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB

Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496

CORAÇÕES DE AÇO

Filme de Brian de Palma, c/ Michael J.Fox e Sean Penn
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1

OS REIS DA NOITE

Filme de Eddie Murphy c/ Eddie Murphy e Richard Pryor
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 13.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4

O CLUBE DOS POETAS MORTOS

Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa
Telef. 691275

OS REIS DA NOITE

Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5

SEXO, MENTIRAS E VIDEO

Filme de Steven Soderbergh c/ James Spader e Andie MacDowell
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6

ENTRE PRIMOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7

VEREDICTO FINAL

Maiores de 16 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8

REGRESSO AO FUTURO II

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9

VALMONT

Filme de qualidade de Milos Forman, c/ Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10

O CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A

Telef. 763319

O CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10

Telef. 776098

OS REIS DA NOITE

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15

Telef. 324194

OS HERDEIROS DO ÓDIO

Filme de Thomas Fries
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO

Parque Mayer

AS FANÁTICAS DO SEXO

Hard-core-1ª escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27

Telef. 573407

SEXO AO LUAR

Hard-core-1ª escalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37

Telef. 533253

OS CAÇA FANTASMAS II

Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

OS DIAMANTES

SÃO ETERNOS

Com Sean Connery
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

Telef. 9434762

A MINHA MADRASTA É UM EXTRA TERRESTRE

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA

ESTÚDIO SHEZA

MORTO A TIRO

Com Don Johnson e Penelope Ann Miller
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546529/546085

CICLO ANOS 60/ANOS 80

ADEUS MR. CHIPS

De Sam Wood, c/ Robert Donat e Grees Garson, às 18.30 horas.

O FEITICEIRO DE OZ

De Victor Fleming, c/ Judy Garland, às 21.30 horas.



A Vida é um Longo Rio Tranquilo

Em exibição sala 4

Quarteto

PUB Maiores 12 anos

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34

Telef. 549990

VEREDICTO FINAL

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES

Av. da Liberdade, 2

Telef. 322523

BRIGADA ASSASSINA

Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO

Alameda D. Afonso Henriques, 35

Telef. 555134

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F

Telef. 8487255

OS BRAVOS DA POLÍCIA

Filme de Beau Bridges c/ Beau Bridges e Subba Smith
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1

Estrada de Benfica 503

Tel 7145088

OS REIS DA NOITE

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2

VEREDICTO FINAL

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo

Telef. 541037

AUDITÓRIO 1

PASTORAL

Filme de Otav Iosseliani
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 19.15 e 22.00 horas.

FORUM PICOAS

AUDITÓRIO 2

O PROCESSO DO REI

Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO

Alameda D. Afonso Henriques

Telef. 555134

OS REIS DA NOITE

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes

Telef. 8480808

ABSOLUTAMENTE LOUCOS

Filme de Julien Ruben, c/ Jeff Goldblum e Geena Davis
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1

Rua Bulhão Pato, 1-C

Telef. 8480808

O CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30

horas.

KING TRIPLEX 2

VEREDICTO FINAL

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara

Telf. 3631162

VALMONT

Filme de qualidade de Milos Forman, c/ Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2

BRIGADA ASSASSINA

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES

Av. de Roma, 7-A

Telef. 801313

VALMONT

Filme de qualidade de Milos Forman, c/ Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão

Telef. 538743

OS REIS DA NOITE

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3

ENTRE PRIMOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B

Telef. 574362

O CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON

R. dos Condes, 4

Telef. 326283

A ESCANDALOSA GILDA

Maiores de 18 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

OLIMPIA

R. dos Condes, 13

Telef. 325309

MULHERES TARADAS

POR ANIMAIS

Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade

VALMONT

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2



«Entre Primos», em exibição em várias salas de Lisboa

CARTAZ

BRIGADA ASSASSINA

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00,
21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA

R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305

OS REIS DA NOITE

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 horas.

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378

SKINDEEP-O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.30, 18.15,
20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2

CLUBE DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30,
21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3

CORACÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30,
21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4

A VIDA É UM LONGO RIO TRANQUILO

Filme de Etienne Chatiliez
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.30, 18.30,
20.15, 22.00 e 24.00 horas.

SÃO JORGE 1

Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144

OS REIS DA NOITE

C/Eddie Murphy e Richard Pryor
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 2

CLUBE DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e
21.15 horas.

SÃO JORGE 3

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e
21.45 horas.

7ª ARTE

Av. da República
Telef. 730715

O VEREDICTO FINAL

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 horas.

TERMINAL

Estação do Rossio
Telef. 371573

CORACÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas.

TURIM

Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666

OS CAÇA FANTASMAS II

Maiores de 12 anos
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON

Av. da Liberdade, 9
Telef. 3468446

FORÇA ESPECIAL

Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e
21.30 horas.

A CAMA QUE FALA

Maiores de 18 anos
De Seg. a Sáb às 23.30 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871

REGRESSO AO FUTURO II

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 horas.

CACÉM- ESTÚDIO FLORES

Telef. 9247570

CHUVA NEGRA

Encerrado para descanso do pessoal

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telef. 4364845

SALA 1

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

Maiores de 6 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.

SALA 2

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.

SALA 3

O PELOTÃO DO MASSACRE

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

OEIRAS

ALTO DA BARRA 1

Telef. 4439759

BRIGADA ASSASSINA

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALTO DA BARRA 2

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS 1

Telef. 2479144

VALMONT

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653

SEXO, MENTIRAS E VIDEO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS

MIRAMAR 1

Telef. 2841744

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

MIRAMAR 2

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD

Telef. 2865027

CORACÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos
Sessões de 2ª a 6ª às 16.00 e
21.30; Sáb. Dom. e Feriados às
15.30, 18.00 e 21.30 horas.



«SEVERA» de Júlio Dantas, em estreia hoje no Teatro Maria Matos

ALMADA

ALMADA ACADEMIA ALMADENSE

Telef. 2752127

CORACÕES DE AÇO

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA

CINEMA PESCADOR

Telef. 2905350

A PATRULHA DA SELVA

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 21.45 horas.

TEATRO LISBOA

A BARRACA CINEARTE

Largo de Santos, nº 2 -
Telef. 665360 ou 686300
De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom.
às 16 horas
MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita.

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS

Av. Luís Bivar, 91 - Telef.
544389
De 5ª a Sáb. às 21.30; Dom.
às 17.00 horas
LES BATISSEURS
D'EMPIRE
De Boris Vian. Encenação
de Daniel Beauron.

TEATRO DE CARNIDE

Azinhaga das Freiras - Telef.
7145178

Sextas e Sábados às 21.30 horas

DIVINAS PALAVRAS

De Ramón del Valle-Inclán.

TEATRO DA COMUNA

Praça de Espanha - Telef.
7260818

De 2ª a Sáb. às 21.30 horas.

Dom. às 17.00 horas,
descanso à 4ª Feira

SALA 1

PÉCORA de Natália Correia.

SALA 2

Sexta às 21.30, Sáb. às 16.00
e 21.30; Domingo às 16 horas.

A PREGAÇÃO

De João Brites, pelo Grupo

O Bando.

CAFÉ TEATRO

FESTIVAL DA OTITE

De Carlos Paulo. Sáb. às 24 horas.

TEATRO DA COR-

NUCÓPIA

R. Tenente Raul Cascais, 1-A - Telf. 661515/669205
De 3ª a Sáb. às 21.30, Dom.
e Feriados às 16 horas
SALADA
De Tristan Rémy, é um
trabalho colectivo dos
actores da Cornucópia.

RITZ CLUBE

R. da Glória, 57 - Telef.
325140
De 3ª a Sábado às 21.30;
Sábado e Domingo às 16.00 horas
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas.

TEATRO ABC

Parque Mayer - Telef.
3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e
22.45. Domingos e Feriados
às 16 horas
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas c/
Camilo de Oliveira, Miguel
Simões e Paulo César.

TEATRO ABERTO

Praça de Espanha -
Telefone 778898
De 5ª a Sábado às 21.30 horas. Domingos às 16 horas
HAPPY END
De Dorothy Lane/Bertolt Brecht.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

SEGUNDO JUÍZO

ANÚNCIO

— Por este Tribunal correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio, citando os interessados incertos para contestarem, no prazo de dez dias, findo o prazo dos editos, a acção com processo sumária pendente na 2.ª secção do Segundo Juízo Cível de Lisboa, com o n.º 9276, em que são autores Maria da Penha Perestrelo Guimarães Pablos e outros, cujo pedido consiste em ser declarado que a A. Maria da Penha Perestrelo Guimarães Pablos não pode ter filhos desde que foi submetida a Histerectomia total, sendo os únicos que tem os demais autores, tudo conforme melhor conste da petição inicial, cujo duplicado se encontra na Secretaria à disposição dos citandos.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1990

O Juiz de Direito,
(assinatura ilegível)
O Escrivão-adjunto,
(assinatura ilegível)

«DL» 2.ª Pub. — 7/2/90

16.00 horas
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana.

TEATRO VILLARET

Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586
De 3ª a 5ª às 21.30, 6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45; Domingos e Feriados às 16.00 e 21.30 horas
ORA BATE...BATMAN'SO.

OUTRAS LOCALIDADES

ESTORIL TEATRO DO CASINO

Telefone 2684521
De 3ª a Sáb. às 22 horas;
Dom. às 17 horas
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?
Texto e encenação de Filipe La Féria.

ODIVELAS TEATRO

DA MALAPOSTA
R. de Angola, Olival de Basto - Telefone 9873299
De 3ª a Sáb. às 21.30;
Domingos às 16.00 Horas
O RENDER DOS HERÓIS
De José Cardoso Pires.
Encenação de José Martins, pelo Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garret.

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um

DECRETOS E LEIS

ENCONTRAM-SE JÁ À VENDA:

- **ELEMENTOS DE CONTABILIDADE GERAL**
8.ª edição
António Borges, Azevedo Rodrigues e Rogério Rodrigues
- **O NOVO POC COMENTADO**
António Borges e Martins Ferrão
- **MANUAL DE CASOS PRÁTICOS**
António Borges e Martins Ferrão
- **DETERMINAÇÃO DA MATÉRIA COLECTÁVEL DO IRC**
2.ª edição
Henrique Quintino Ferreira
- **INFRAÇÕES FISCAIS ADUANEIRAS**
Joaquim C. Gonçalves, Rui O. Neves Silva e Mário Lage (No prelo)
- **INFRAÇÕES FISCAIS NÃO ADUANEIRAS**
(No prelo)
- **LEI GERAL DO TRABALHO**
10.ª edição
- **CÓDIGO CIVIL**
8.ª edição — 1990
- **NOVAS TABELAS DE IRS**
- **NOVA LEGISLAÇÃO SOBRE AMORTIZAÇÕES E REINTEGRAÇÕES**
- **IRS / IRC**
Temos todos os livros existentes no mercado
- **QUASE TODOS OS IMPRESSOS PARA CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS**
- **POC EXPLICADO**
19.ª edição
José Bento e João F. Machado

REI DOS LIVROS

Rua dos Fanqueiros, 77-79 — 1100 LISBOA — Telef. 879755 e 879188

CARTAZ

conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.

MUSEU NACIONAL DO TEATRO: até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: as exposições "Joias de Ana Campos" e "As Bandeiras do Mês - Portugal Dinamarca". Até Abril, "Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pávão;

BIBLIOTECA NACIONAL: a exposição "Portugal no Século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa"

GULBENKIAN (Galerias das Exposições Temporárias): organizada pelo Museu Stedelijk de Amsterdão em colaboração com a Fundação Gulbenkian, uma exposição de Pintura, Escultura e Fotografia do Uruguai, Argentina, Brasil e Chile, constituída por algumas dezenas de obras contemporâneas, representativas das novas correntes artísticas daqueles países e em que estão representados os principais artistas sul-americanos.

PALÁCIO FOZ: até 17 de Fevereiro, uma exposição de pintura e escultura contemporânea aragonesa.

GALERIA ALMADA NEGREIROS - SEC (Av. da República, 16): até 25 de Fevereiro, diariamente das 10 às 20 horas, "Pintura Mexicana Contemporânea", com mais de duas dezenas de obras de 13 dos mais conhecidos artistas plásticos do México.

ALFAMA-GALERIA DE ARTE (R. das Flores, 109): Pintura e Escultura Espanhola Contemporânea.

ALFA MIXTA (Escola Gerais, 34): até 10 de Fevereiro, de terça a sábado das 14 às 20 horas, Pintura e Escultura de Liane katsuki, Romy Castro, Scoditti, Sobral Centeno e Verónica Nel.

ESPAÇO INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): a primeira exposição individual, em Portugal, do pintor naif brasileiro Jorge Viriato.

EUROARTE (R. Rodrigo da Fonseca, 107 C): até 12 de Fevereiro, de segunda a sexta das 10,30 às 13 e das 15,30 às 19 e sábados das 10,30 às 13 e das 16 às 19,30, Pintura de Miguel João.

GALERIA 111 (Campo Grande, 111): até 10 de Março, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19,30 e sábados das 10 às 13 horas, Pintura de Graça Moraes.

GALERIA 601 (C. C. S. João de Deus, Av. António José de Almeida, 7): até 21 de Fevereiro, Pintura de João Monsanto.

GALERIA ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): Pintura de Maria João.

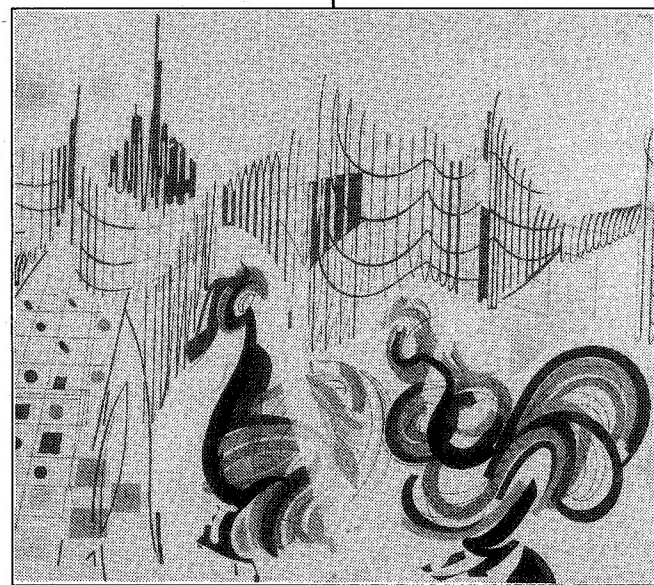
GALERIA ARTELA (R. Prof. João Barreira, loja 15): até 18 de Fevereiro, de terça a domingo das 15 às 20 horas, Pintura de Zé Penicheiro.

GALERIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): até 3 de Março, Pintura de Paulo Niza, Fotografia de Daniel Blaufuks e Design Gráfico de Victor Almeida.

GALERIA DO COLECIONADOR (Forum Picoas): até 16 de Fevereiro, de segunda a sexta das 11 às 19, Pintura de Maria Antónia Santos.

GALERIA DN (R. António Maria Cardoso, 41): até 12 de Fevereiro, de segunda a sexta das 10 às 19 e sábados das 9 às 13 horas, Pintura de Rui Viana.

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 25 de Fevereiro, de terça a sexta das 15 às 20 e sábados e domingos das 16 às 19 horas, Escultura de Joana



"Cidade dos Galos": Nadir Afonso, na Galeria Ygrego

Rosa - "Doodles" e Pintura de José Loureiro - "O Juramento".

GALERIA ESPIRAL (Pª Ilha do Faial, 14 A): Pintura de Luísa Costa Cabral.

GALERIA FONTE NOVA (Centro Comercial-Estrada de Benfica, 503): até 16 de Fevereiro, Colagens de Aníbal Alves.

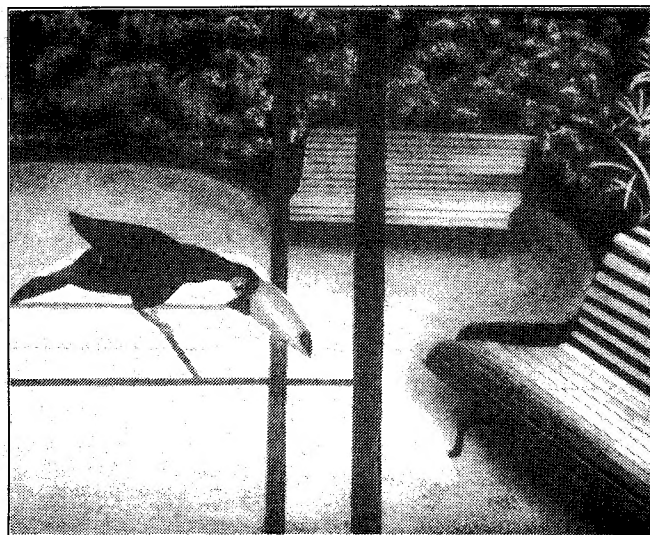
GALERIA GRAÇA FONSECA (R. da Emenda, 26 c/v): de terça a sábado das 15 às 20, exposição de E. Cano e P. Feliciano.

GALERIA DA GRAVURA (Tv. do Sequeiro, 4 r/c): até 19 de Fevereiro, de segunda a sexta das 10,30 às 13,30 e das 15 às 19, uma exposição de Helena Mártires.

GALERIA JOÃO HOGAN (Voz do Operário): até 24 de Fevereiro, Pintura de António Bretano Pestana.

GALERIA LEO (Tv. da Queimada, 48-bairro Alto): até 10 de Fevereiro, "Doodles" de Joana Rosa.

GALERIA MIRON (Rua do Mirante, 14 r/c): até 28 de Fevereiro, de segunda a sábado das 15 às 20, Pintura de Lança Semedo



Pintura de E. Debayle, no Hotel Meridien Lisboa

"Veneza e Lisboa - Estenografia à Espátula".

GALERIA MONUMENTAL (Cª dos Mártires da Pátria, 101): até 25 de Fevereiro, de terça a domingo das 15 às 20 horas, Pintura de José Drummond.

GALERIA MULTIFACE (C. C. Gemini, loja 65 - R. Sousa Lopes): até 18 de

Margarida Cepêda, Paulo Cardoso, Paulo Ossião e Vieira-Baptista.

GALERIA TRIÂNGULO 48 (Av.D. Vasco da Gama, 48 A): até 9 de Março, de terça a sábado das 14 às 20 horas, Pintura de Roland Bouvier.

GALERIA YGREGO (Av. António Augusto de Aguiar, 13-C): até 3 de Março, de segunda a sexta das 9,30 às 20 e sábados das 9,30 às 13 horas, Pintura de Nadir Afonso.

HOTEL ALFA LISBOA (Galeria de Arte - Av. Columbano Bordalo Pinheiro): até 9 de Março, escultura em madeira do Brasil, de Edison Lufac.

HOTEL MERIDIEN LISBOA (Galeria de Arte do foyer): até 25 de Fevereiro, Pintura de E. Debayle.

KID MONTANA BAR (Tv. da Espera, 29-Bairro Alto): a primeira exposição de Fotografia de André Rosa Biscaia

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES (R. Barata Salgueiro, 36): até 18 de Fevereiro, a Alliance Française de Lisboa apresenta, com a colaboração do Centro de Estudos de Fotografia de Coimbra, "Quelques Moments au Portugal", 40 Fotografias de Bernard Plossu.

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Contraste; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abriço

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Gerações por Minuto; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** Musical; **20.30:** A Voz da Solidariedade - Programa da Embaixada de Cabo Verde; **21.00:** Música Portuguesa; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional F.M. 2 - Estéreo

17.00: Efemérides: Óperas de Rossini e Poulenc; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - Os 14 concertos para cravo e orq., de João Sebastião Bach; **19.36:** Álbum Musical - Obras de Albinoni, Vivaldi, Bach, Pachelbel, Gluck e Mozart; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Ciência e Tecnologia... a procura sem fim; **21.30:** Pelleas e Melisande - 2 compositores - 2 obras homónimas; **22.45:** Uma obra - duas versões; **23.00:** Euro rádio - a temporada de concertos 88/89, da UER - União Europeia de Radiodifusão; **00.40:** Música Sinfónica de Ludwig Van Beethoven; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiário de hora a hora.

RÁDIO

COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quando o Tele-

fone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24.ª Hora. Noticiário de hora a hora

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz
18.00: RDS - Rádio das Seis;
21.00: Mercador de Sonhos;
00.00: A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor. Noticiário de hora a hora

RÁDIO

RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando. Noticiário de hora a hora.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo
16.00: Fórmula Trêz; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

VOZ DE LISBOA

15.00: Equipa da Tarde; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite.

VOZ DO PORTO

16.00: Pólo Norte; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Grande Porto - Informação; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Palácio de Cristal; **22.30:** Bola Branca.

VOZ DE LEIRIA

15.00: Tardes do Lis; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Leiria 89.

VESTUÁRIO EM CABEDAL

COM AS MELHORES PELES



CONFECÇÕES STAHL, LDA.

AV. MARQUES DE TOMAR, 68-1.ª ESQ.

☎ 77 11 58 - 1000 LISBOA

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

14.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª publicação do anúncio.

Execução: Sentença n.º 8497/B, 2.ª secção.

Exequentes: José Maria Garcia da Silva.

Executados: Manuel de Jesus Gonçalves, residente na Rua Cidade Nova Lisboa, Lote 220-10.º A - 1800 LISBOA.

Lisboa, 90/1/24

O Juiz de Direito,
Pedro Santos Gonçalves Antunes

Pel'O Escrivão de Direito,
Elsa Machado Marques

DL - 1.ª pub 7/2

SNOOPY POR SCHULZ



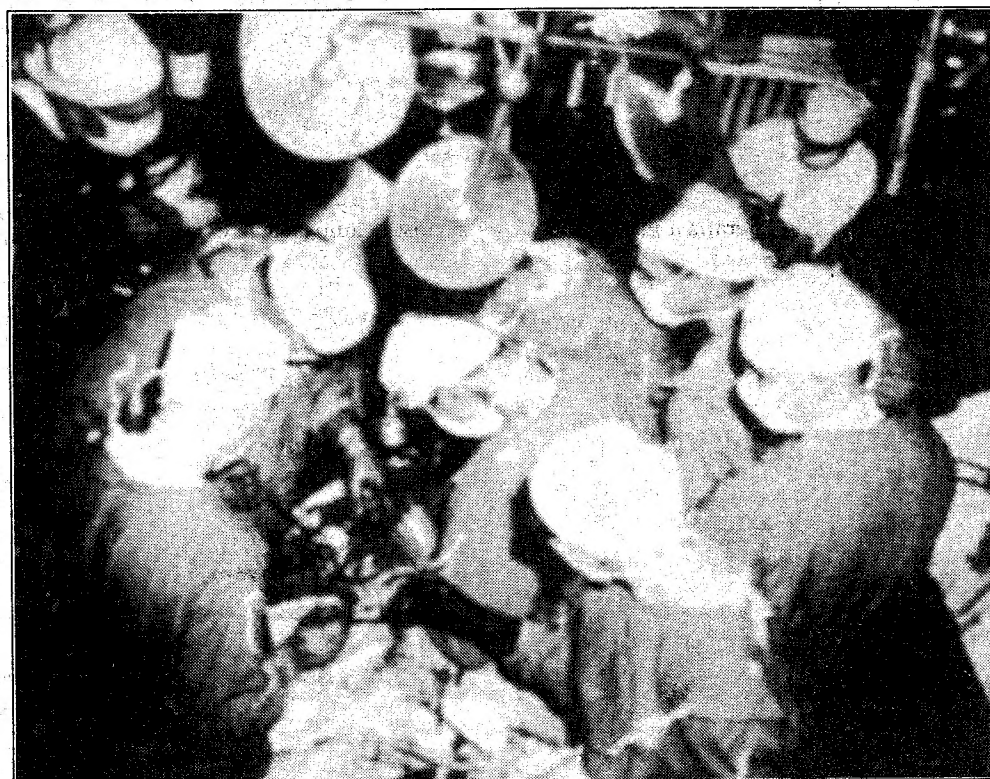
CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE RTP-1

- 16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
68º episódio: A letra T, palavra global "táxi" e o número 3 são os temas escolhidos para esta "Rua Sésamo", na qual participam, como é habitual, actores e os bonecos Poupas e Ferrão.
19.00- JOGO DE CARTAS
Concurso
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08- BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.10 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.20 - LOTAÇÃO ESGOTADA
"Serpico", de Sidney Lumet, com Al Pacino, John Randolph, Jack Kehoe, Buff McGuire, Barbara Eda-Young, Cornelia Sharpe. Adaptação do livro de Peter Maas baseado na história verídica de Frank Serpico, um polícia de Nova Iorque que é afastado da instituição por tentar combater a corrupção que grassa no seu departamento. Um policial duro sobre a inglória luta de um agente da Lei, marcado pela angústia e, sobretudo, pela violência. Neste sentido, Lumet constrói nas imagens nervosas e desconcertantes deste filme, uma reflexão amarga e irónica sobre a solidão e a procura de uma verdade que ninguém parece querer conhecer. E naturalmente que para além da excelente realização de Sidney Lumet, a nota mais saliente é Al Pacino, num dos trabalhos que confirmou o seu estatuto de grande intérprete. Cor, duração 129 minutos.
23.50 - 24 HORAS
00.20 - REMATE

RTP-2

- 17.00 - OS CAMPBELLS
18º episódio



No 2º Canal às 22.25, "Século XX - Coragem para Falhar"



Helena recomeça a beber: "Vale Tudo", às 21.15 no 1º Canal

- 17.25 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.55 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.35 - O HOMEM NA TERRA

- 4º episódio: Serão abordados vários temas, entre os quais o progresso do material e das empresas agrícolas, o aperfeiçoamento das técnicas agrárias, a nova relação entre as cidades e o campo, bem como a economia rural.
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
"O Homem da Carabina" e "O Homem Invisível"
20.30 - LUSITÂNIA EXPRESSO
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - HISTÓRIAS DE PORTERHOUSE
1º episódio
22.25 - SÉCULO XX -

- CORAGEM PARA FALHAR
2º episódio: As doenças cardíacas são dos piores inimigos do Homem e, no entanto, em 1945 ainda não havia cirurgiões especializados neste

sector. A operação ao coração (cirurgia de coração aberto) era impensável. No entanto, anos depois tudo mudaria. Os homens que conseguiram este "milagre" correram riscos enormes e muitos doentes morreram, mas atingiram grande parte dos objectivos que se propunham.

23.20 - SOM DA SURPRESA

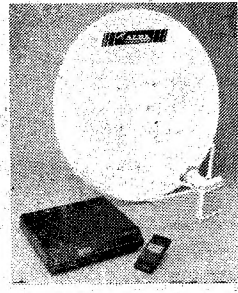
ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA

AUDIMAX

TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

- 10.00 - MAGAZINE ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - UM ANJO NA TERRA
14.20 - PALAVRAS CRUZADAS
15.15- PORTUGAL É NOME INTEIRO
15.45 - PONTO POR PONTO
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.10 - JUSTIÇA CEGA
22.55 - 24 HORAS
23.35 - REMATE

RTP-2

- 15.00 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA ESCOLHA
16.55 - BENJI E O PRÍNCIPE EXTRATERRESTRE
17.20- UM BILHETE PARA O MUNDO
17.45 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.20 - OS HENDERSON
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
20.25 - MAGAZINE MUSICAL
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
21.55 - SINAIS DO TEMPO
22.55 - QUINTA DIMENSÃO

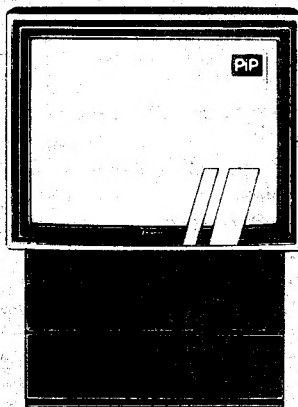
BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença



O CINEMA DE QUALIDADE
EM SUA CASA

- O Couraçado Potemkin
- A Mãe
- Escrava do Amor
- Amor em Tempo de Guerra
- Balada do Soldado

PACOTE COM 3 TÍTULOS 10 CONTOS
PREÇO UNITÁRIO: 5 CONTOS

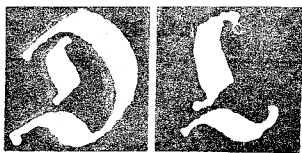
PANORAMA DO CINEMA DE ANIMAÇÃO NA CHECOSLOVÁQUIA

Filmes de Animação - colecção VASCO GRANJA

- O Paraíso das Imagens (Canadário) 3.400\$00
- O Homem de Papel (Canadário) 3.450\$00
- Volume I e Volume II (Cassetes para todos)
- Volume III e Volume IV (Cassetes para adultos)

PREÇO UNITÁRIO DE CADA VOLUME 2.950\$00

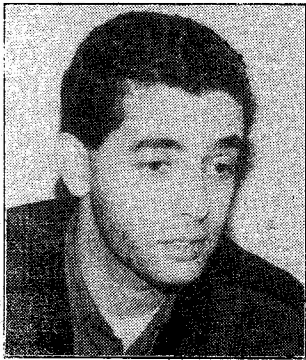
Enviamos à cobrança pelos CTT-Acceptamos cheques/encomenda
Apartado 90-2745 QUELUZ
Telf. 437 50 86/437 09 31-Telex 66 973 CRAC



«O cargo de governador civil é de interesse nacional máximo ou mínimo conforme a pessoa que o desempenhe.»

Manuel Pereira, «Diário de Notícias», 06.02.90

A PERGUNTA DO DIA



António José Seguro
presidente do Conselho Nacional da Juventude

O facto de algumas associações terem suspenso a sua participação no CNJ quer dizer que este organismo perdeu a sua razão de ser?

«Evidentemente que não! Só quem não conhece o que é o CNJ e como funciona poderá pensar uma coisa dessas. O que acontece é que de dois em dois anos (sempre na véspera de eleições, o que é natural) as críticas ao CNJ avolumam-se. Este ano surgiram, também, na comunicação social, porque o CNJ cresceu, deu-se a conhecer e tomou posições sobre questões importantes para os jovens portugueses (ingresso no ensino superior, formação profissional, acesso à habitação, apoios ao associativismo) para além de ter organizado o III Encontro Nacional de Juventude, em Tróia, cujo sucesso foi reconhecido por todos.

O que está de facto em causa? É naturalmente uma exigência a cada um, a todas as organizações que se ponham de acordo sobre o que querem deste CNJ que elas construíram e que só elas (as 18) são responsáveis. Pela minha parte, continuo disponível para provocar o diálogo e os entendimentos necessários.»

Quinta-feira no

Diário de Lisboa

A crónica
de Francesco
Alberoni

Artigo
de Adriano Duarte
Rodrigues

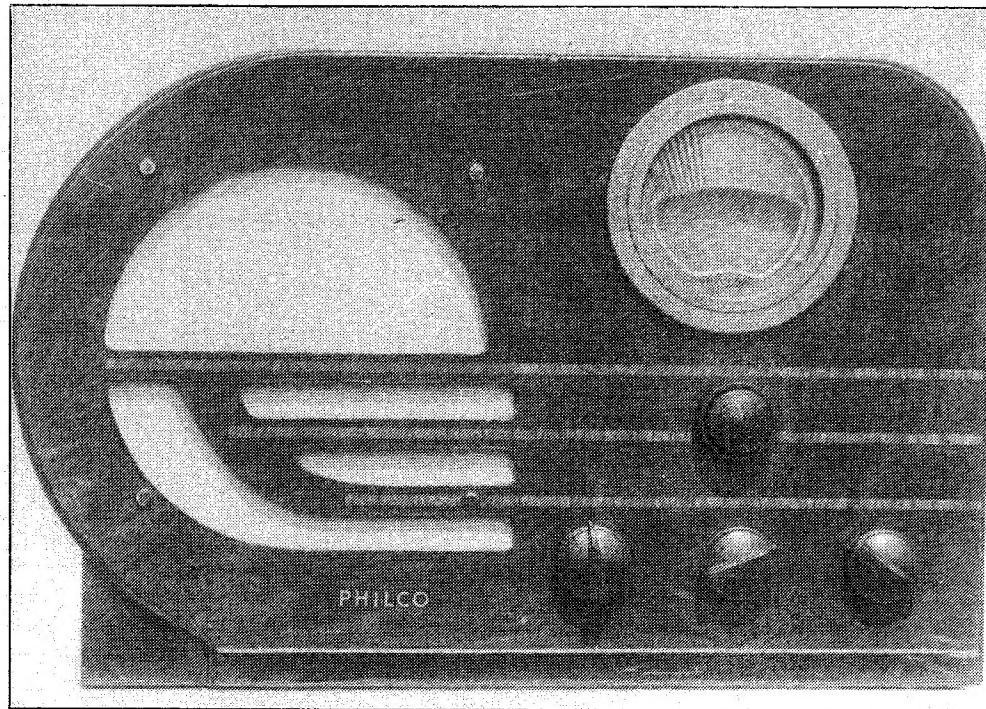
O auto-retrato
de Almeida Faria

O Brasil
em Grande Angular

MEDIA

Enquanto se aguarda o concurso para a atribuição de frequências radiofónicas regionais, o Instituto das Rádios Locais realizou um inquérito às novas emissoras e está a preparar o I Congresso destas estações

As novas vozes do éter



Apenas dez por cento das rádios locais portuguesas têm a publicidade que esperavam quando foram licenciadas - conclui-se num inquérito lançado pelo IRL, Instituto das Rádios Locais, a que o DL teve acesso. O inquérito foi efectuado no final do ano passado e concluiu que a média da publicidade registada pelas estações locais de radiodifusão atinge cerca de 450 contos por mês, quando as previsões apontavam para o dobro.

O número de rádios locais existentes em Portugal é de 324, a maioria das quais licenciadas nos primeiros meses de 1989. Ao inquérito do IRL responderam trinta estações, mas amostra reduzida, mas indicadora da situação que hoje vivem as novas vozes do éter.

O inquérito indica que apenas 10 por cento têm telex instalado. Equipadas com telefax estão 20 por cento. E 25 por cento recebem noticiário da agência Lusa. A percentagem de noticiário local ou regional, no âmbito da informação global produzida, tem um peso de quase 50 por cento. O número de horas semanais de informação desportiva é de seis horas e meia, registando todas as estações inquiridas relatos directos de jogos de futebol.

O Instituto das Rádios Locais é uma associação particular, com sede em

Lisboa, a única constituída no nosso País para apoiar as novas emissoras. Formou-se em Maio de 1987, como resultado da associação de 14 rádios. Antes dos licenciamentos chegou a ter sessenta aderentes, dos quais sobreviveram metade, número das que obtiveram alvará. Hoje as inscrições têm vindo a aumentar e o seu número ultrapassa já as sete dezenas. São oriundas de todos os distritos do País, salvo o caso de Beja.

O IRL presta apoio técnico e jurídico e produz informação. Uma vez por semana faz reportagens e entrevistas que regista em cassetes e envia aos associados. Estes serviços têm como contrapartida quotas mensais de 9 mil escudos, montante que constitui receita do Instituto. O IRL estabeleceu, há três meses, um acordo com a Sociedade Portuguesa de Autores que possibilitou 40 por cento de desconto no pagamento dos direitos de autor. É também um benefício que as rádios associadas têm ao seu dispor.

Nos próximos dias 17 e 18, o Instituto vai organizar o I Congresso Nacional das Rádios Locais. O encontro é o primeiro que se realiza entre nós, reunindo os novos utilizadores do espaço hertziano. Vai ter lugar em Alenquer e nele se irão discutir os direitos dos jornalistas destas es-

tações, licenciamentos e questões técnicas e o papel e vocação das rádios locais. Em paralelo ao Congresso, irá decorrer uma exposição-feira de material audiovisual, apresentado por empresas do sector.

Um concurso, aberto a todas as emissoras locais, é outra iniciativa que o Instituto está a preparar. «A melhor reportagem do ano», difundida em 1990, vai ser premiada em colaboração com o *Diário de Lisboa*.

Governo abre concurso para rádios regionais

Até ao final do corrente mês, vai ser aberto concurso para atribuição de frequências radiofónicas regionais. O DL apurou que o regulamento do concurso está a ser ultimado e até ao próximo dia 15 será remetido para publicação no *Diário da República*. O concurso ficará aberto «entre dois e três meses» - afirmou a este jornal uma fonte oficial. A justificação deste período mais dilatado, se comparado com os 30 dias em que decorreu o concurso para as frequências locais, tem a ver com «as exigências de maiores requisitos técnicos e de investimento», segundo a mesma fonte. Desconhece-se, por enquanto, o número de frequências regionais que vão ser colocadas a concurso.

A.J.T.

meteorologia

o preço do peixe

Quer parecer-me que os preços em geral deram um salto radical que nenhuma maré negra pode disfarçar. O leite com chocolate nos cafés sem nomeada, aumento de 60 por cento, a lata de ananás para o bolo de anos, 30 por cento, as belas portuguesas (livros), o peixe no mercado, acima de 25 por cento, para não falar da hortaliça, com um aumento muito superior.

Peixe, esse Piddac sem verbas da nossa cozinha... Pela associação de ideias, sugerida pelo termo, lembrei-me de lições de História: em 1414 foi convocado o Concílio para Constância, cidade sita à beira do lago do mesmo nome; ainda lá estão, a cidadezinha simpática, suíço-alemã, e o poético lago, inspirador de não poucos versos. Foi a primeira reunião magna de bispos, dignatários da Igreja, doutores em teologia, de uma longa série a tomar decisões importantes, a enfrentar a situação crítica dos bipapas e tripapas, do pós-wiclifismo, que mais tarde se transformou em Reforma. O Concílio de Constância durou um ror de tempo, com decisões pouco satisfatórias, além de queimarem o «herege» Jean Huss, cujas cinzas se perderam no lago. Os resultados foram de tão pouca monta que um novo Concílio foi convocado para a vizinha Basileia: prolongou-se de 1431 até 1449 — quase vinte anos de ajudas de custo.

Ora, estamos ainda em Constância. Bispos, arcebispos, cardeais, acompanhados pelos seus séquitos armados, tudo cerca de 30 mil homens, tomaram de assalto a cidade de 8 mil almas: palácios, albergues, casas particulares, cocheiras, baiucas, tudo *completo* (Jean Huss, convocado para responder, munido de um salvo-conduto do Imperador Segismundo, pernoitava em casa de uma viúva). Os preços subiram vertiginosamente, dos víveres, de tudo. O peixe delicioso do lago, chamado «achado», subiu 300 por cento.

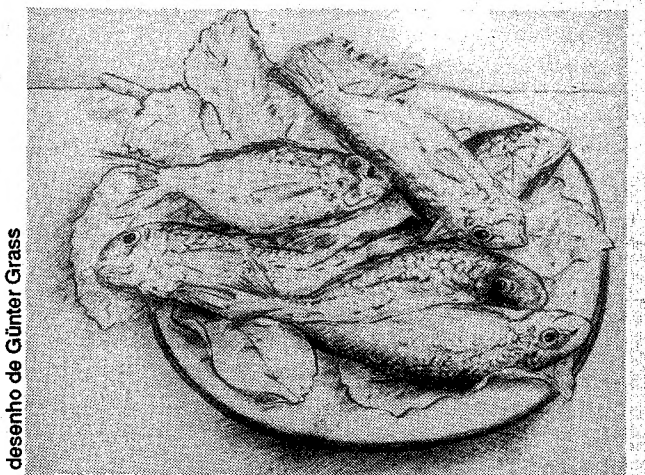
Então, os doutores da fé desceram das alturas e, ao que se saiba pela primeira vez, introduziram a instituição de um *plafond* de preços, verdadeiro cabaz de compras. E, para ser tomado o diploma a sério, o preçário era pregado em todos os portais de igrejas e ermidas. A Comunicação Social da época.

Exempla trahunt?

Quando a Igreja dispuser em Portugal do seu espaço televisivo, para enfrentar a alta conjuntural, com ou sem Concílio, podia e devia utilizá-lo como os portões novos da velha tradição.

Amen.

Jorge Listopad



desenho de Günter Grass

A.M.A. *Auto Monumental do Auto*
CONCESSIONÁRIOS  
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75